



Licenciatura em Espanhol

LB; I 675 I

Ailton Dantas de Lima





GOVERNO DO BRASIL

Presidente da República
DILMA VANA ROUSSEFF

Ministro da Educação
FERNANDO HADDAD

Secretário de Educação a Distância
JOÃO CARLOS TEATINI

Reitor do IFRN
BELCHIOR DE OLIVEIRA ROCHA

Diretor do Campus EaD/IFRN
ERIVALDO CABRAL

Coordenadora Geral da UAB /IFRN
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Coordenadora Adjunta da UAB/IFRN
ANA LÚCIA SARMENTO HENRIQUE

Coordenador do Curso a Distância
de Licenciatura em Letras-Espanhol
CARLA AGUIAR FALCÃO

LINGUÍSTICA I Material Didático

Professor Pesquisador/conteudista
AILTON DANTAS DE LIMA

Diretor da Produção de
Material Didático
ARTEMILSON LIMA

Coordenadora da Produção de
Material Didático
SIMONE COSTA ANDRADE DOS
SANTOS

Revisão Linguística
ILANE CAVALCANTE

Diagramação
ANDREZA FURTADO
GABRIEL FACUNDES
JULIO CESAR
MARIANA MOREIRA
MATEUS PINHEIRO
MAYARA ALBUQUERQUE

Ilustração
LAILA ALVES
VLADIMIR RODRIGUES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Marise Lemos Ribeiro CRB 15/418

L732l Lima, Ailton Dantas de.

Linguística I / Ailton Dantas de Lima. – Natal : IFRN Editora, 2012.

266 p. : il. color.

ISBN

1. Linguística espanhola. 2. Sociolinguística. 3. Semântica. 4. .

Espanhol.

I. Título.

CDU 811.134.2'1

Caro(a) Aluno(a):

Você está recebendo este material didático por meio do qual vai realizar a maior parte de seus estudos do curso de Letras Licenciatura em Espanhol. Na Educação a Distância, o material didático é a mais importante ferramenta de estudo. Ele é o principal mediador entre você e os conhecimentos historicamente acumulados que foram escolhidos para compor cada aula que agora está em suas mãos.

O material didático na EaD é, ainda, substituto do professor no momento em que você o utiliza. Nesses textos, o professor se faz presente através da linguagem dialogada, das estratégias de mobilização dos conteúdos, das atividades, enfim, de tudo o que compõe esse material. É importante que você tenha clareza de que a sua aprendizagem depende, sobretudo, do seu empenho em estudá-lo, dedicando bastante atenção aos conteúdos de cada aula. Realizar cada uma das atividades, comunicar-se com seu tutor e/ou professor através das várias formas de interação e sanar as dúvidas que, por ventura, venham surgir durante o processo de utilização desse material, constituem-se elementos primordiais para o seu aprendizado.

Esse material foi concebido, escrito e finalizado com muita dedicação com um objetivo principal: a sua aprendizagem. Cada imagem, ícone ou atividade passou por um refinado processo de análise com o objetivo de que, no final de cada sessão de estudo, você tenha compreendido bem os conceitos, categorias ou postulados essenciais à sua formação como professor de Língua Espanhola. Desejamos que o itinerário iniciado por você seja exitoso e que, ao final do curso, esse material tenha contribuído efetivamente para seu crescimento na condição de indivíduo, cidadão e profissional.

Bons estudos.

Diretoria de Produção de Material Didático

As seções

Com o objetivo de facilitar a sua aprendizagem, as aulas foram estruturadas didaticamente em seções que facilitam o seu itinerário de estudos. Essas seções cumprem, cada uma, um objetivo específico e estão articuladas entre si, de modo que, ao final de cada aula, você tenha compreendido o conteúdo e apreendido os conceitos principais. Vamos ver quais são essas seções e quais as suas funções nas aulas.



Apresentação e objetivos

Apresenta de maneira resumida os conteúdos que você vai estudar e os objetivos de aprendizagem da aula.



Para começar

Texto de abertura da aula. Pode ser um poema, uma crônica, uma charge, um conto, entre outros. Tem a função de problematizar a temática que será trabalhada na aula.



Assim é

Desenvolve a temática da aula através da apresentação dos conteúdos propriamente ditos.



Mãos à obra

São as atividades de percurso (fixação) que estão relacionadas com os conteúdos trabalhados em cada bloco.



Atenção!

Usada quando o professor quer dar um destaque para algum aspecto importante da temática que está sendo estudada: conceitos, significado de termos, explicação adicional sobre um termo, entre outros.



Um passo a mais

Seção que recomenda as leituras complementares à aula que você está estudando.



Já sei!

Resumo da aula que você estudou.



Box

Aparece quando existe necessidade de uma informação complementar, como um biografema de um autor em destaque, a indicação de uma leitura ou filme, com breve sinopse, entre outros.

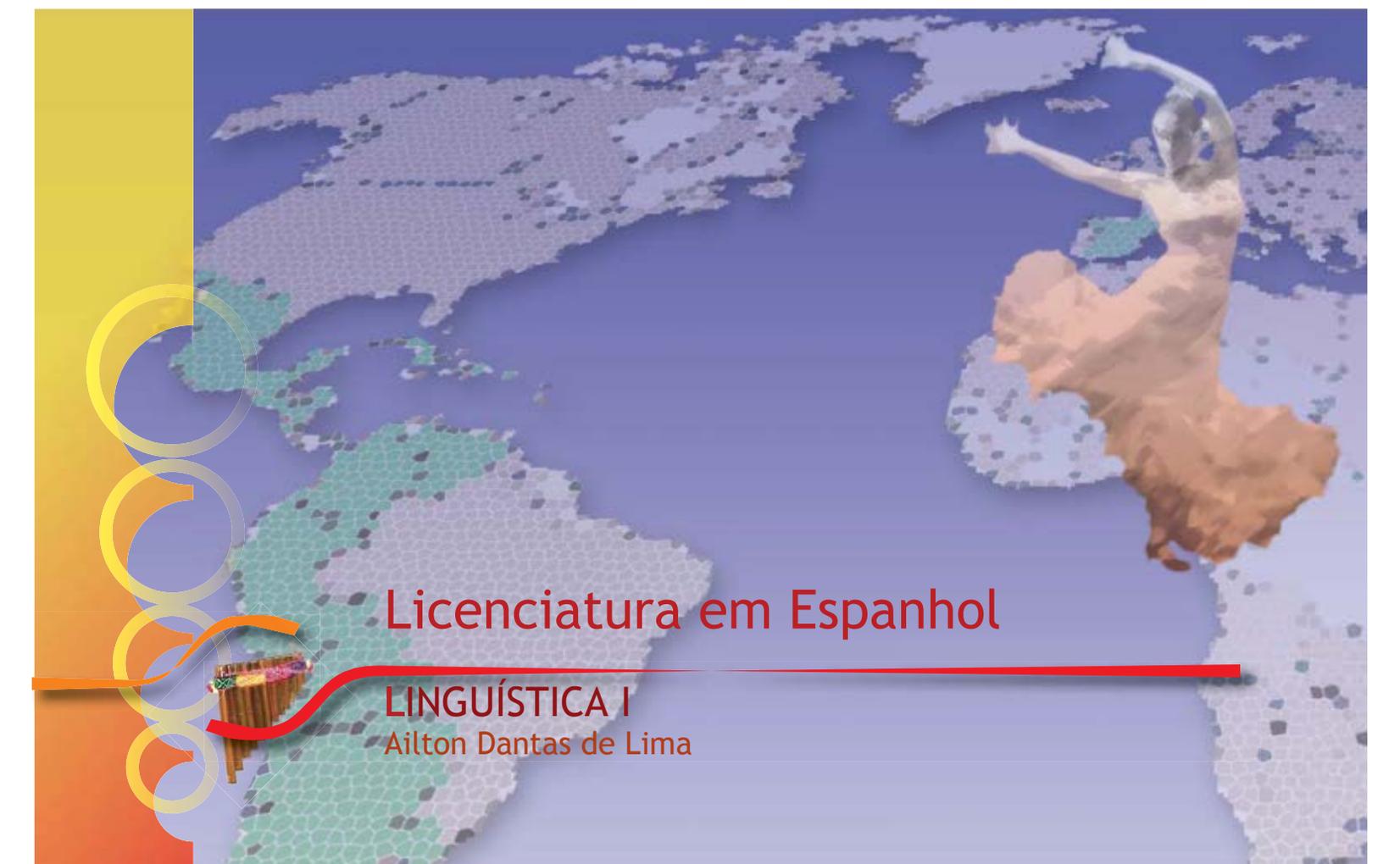


Referências

Apresenta as referências bibliográficas que foram utilizadas pelo professor para a elaboração da aula.

Índice

Título	
Linguística: conceituação e objeto de estudo	Aula 01
O homem: um ser de linguagem.....	Aula 02
O estudo dos signos: o signo lingüístico	Aula 03
A língua: um objeto de estudo	Aula 04
Competência linguística: um pouco sobre a teoria de Chomsky	Aula 05
Sociolinguística: conceito e objeto de estudo.....	Aula 06
Varição linguística.....	Aula 07
A importância da variação linguística: reflexões sobre o ensino .	Aula 08
A Linguística histórica: mudança linguística de som	Aula 09
A linguística histórica: mudança linguística gramatical e semântica	Aula 10
Fonética: a produção da fala e o estudo da prosódia	Aula 11
Fonética: estudo dos segmentos.....	Aula 12
Fonologia: o conceito de fonema.....	Aula 13
Morfologia	Aula 14
Sintaxe	Aula 15
Semântica	Aula 16
A linguística textual: a perspectiva do texto	Aula 17
O conceito de texto	Aula 18
A aquisição da linguagem	Aula 19
Linguagem e cultura.....	Aula 20



Licenciatura em Espanhol



LINGÜÍSTICA I

Ailton Dantas de Lima

Aula

Linguística: 01

conceituação e objeto de estudo





©©©©

Aula 01

Linguística: conceituação e objeto de estudo

Apresentação e Objetivos



Caro aluno, esta aula apresentará para você os conceitos que contribuíram para que os estudos sobre a linguagem ganhassem um caráter científico e passassem a ser objeto de preocupação daqueles que, como você, terão como objeto de estudo uma língua, no seu caso, a língua espanhola. Como futuro professor de uma língua, é importante não apenas saber usá-la adequadamente, mas também compreender os fenômenos que a fazem funcionar. Estudar linguística é, pois, olhar a linguagem com um olhar de especialista, não apenas de falante. Bons estudos.

Objetivo: apresentar os conceitos básicos da ciência linguística.





Para começar

Você já deve ter se dado conta de que as principais atividades realizadas no seu dia-a-dia envolvem linguagem. Desde nossos gestos, que servem para expressar algumas emoções como raiva, alegria, tristeza... , até pequenos e grandes conjuntos de frases que você precisa construir cotidianamente para dizer coisas, passando por placas sinalizadoras que organizam o trânsito de veículos e pessoas, tudo é linguagem. Mas, o que isso tem a ver com a nossa disciplina, a Linguística? Para buscarmos uma resposta a essa pergunta, é necessário pensar se o homem sempre demonstrou preocupação com tais coisas que fazem parte da nossa vida.

Essa busca requer, necessariamente, um olhar sobre a história humana. Indo nessa direção, percebemos que no século IV a.C. já há registros do interesse de alguns povos, como, por exemplo, os hindus, em estudar fatos que envolviam a linguagem. Nesse caso, razões religiosas foram o que motivou o interesse, uma vez que se tratavam de práticas que envolviam cantos e rituais. Havia também a necessidade de se preservar os textos sagrados. Para isso, algumas pessoas começaram a se especializar em descrever minuciosamente a língua na qual eram escritos esses textos.

Os gregos também foram um povo preocupado com questões que envolvem a linguagem. Uma das principais preocupações demonstrada por esse povo era saber se havia alguma relação entre uma palavra e o que ela significava. Por exemplo, o que a palavra CASA tem a ver com o que vem a ser uma casa realmente?

Mas, foi a partir do século XVI, época marcada pela religiosidade impulsionada por acontecimentos como a Reforma Protestante, que o interesse pela linguagem expandiu-se consideravelmente. Você, neste momento deve estar se perguntando: "E o que tem a ver a Reforma Protestante com o interesse pela linguagem? O fato é que foi esse momento histórico que possibilitou a tradução de livros sagrados em diversas línguas. A Bíblia, até então escrita apenas em Latim, passou a ser impressa em outros idiomas.

Toda essa divulgação de línguas diversas promovida pelas traduções, principalmente do texto bíblico, fez com que, no

século XIX, os estudiosos começassem a se interessar pelas línguas vivas. É desenvolvido, então, o chamado método histórico. Por meio da comparação das línguas, percebeu-se que elas se transformam com o tempo, de acordo com as necessidades que vão sendo criadas pela própria sociedade.

Mesmo com todo esse vasto período em que a linguagem foi objeto de especulação, é apenas no início do século XX que a linguística passa a existir como ciência. Ferdinand Saussure, professor da Universidade de Genebra, na Suíça, foi o grande responsável por esse acontecimento. Em 1916, o mestre genebrino teve, a partir das anotações de dois de seus alunos, a obra *Curso de Linguística Geral* publicada. Estava sendo fundada uma nova ciência, a Linguística.

Já deu para perceber, até aqui, que a Linguística não é só o nome da disciplina que iremos estudar, mas de uma ciência de grande importância para compreender esse traço tão fascinante do ser humano: a linguagem. E, por falar nisso, o que se entende por linguagem? A linguística irá se preocupar com todas as linguagens?

Assim é



Língua... linguagem..... São a mesma coisa?

Para irmos em busca de uma conceituação de linguagem, é necessário, primeiramente, nos determos na distinção entre duas noções que, muitas vezes, são confundidas: *língua* e *linguagem*. Nesse sentido, buscaremos apoio em dois autores cujas idéias constituíram marcos nos estudos linguísticos: Ferdinand Saussure, já citado anteriormente, e Noam Chomsky. O primeiro elaborou o

que é considerado uma teoria geral da linguagem. O segundo criou uma teoria geral da análise linguística. Vamos a eles.

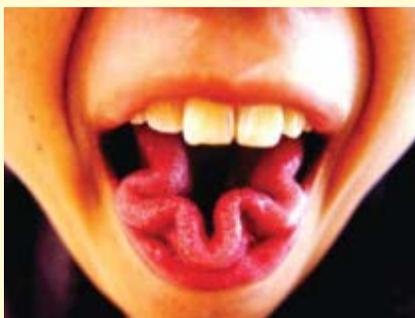


Fig. 01 Ferdinand Saussure

O suíço Saussure (pronuncia-se *Soussir*) sempre foi um interessado por estudar línguas. Tinha domínio do francês, inglês, alemão, conhecimentos que, posteriormente, foram complementados com o estudo do grego e do sânscrito. Todo esse envolvimento com as línguas o fez abandonar a área de ciências exatas e dedicar-se aos estudos linguísticos. Para se ter uma idéia da genialidade desse estudioso, antes mesmo de completar vinte anos de idade, ele já ganhara destaque em trabalho apresentado à Sociedade de Linguística de Paris. Entretanto, suas idéias sobre a língua nunca foram por ele comunicadas oficialmente. Apenas em 1915, dois anos após a sua morte, seus alunos publicam as anotações deixadas pelo mestre sob o título de Curso de *Linguística Geral*, obra considerada um marco na construção da ciência linguística.

Mas, o que era a linguagem para Saussure? Inicialmente, ele percebeu que o que se chamava **linguagem** era algo impossível de ser descrito por regras, uma vez que não apresentava ocorrências regulares. O processo de comunicação entre os indivíduos envolve uma complexidade que necessitaria do conhecimento de várias ciências para ser estudado. Se se tratava de algo assim tão heterogêneo, então não se prestava para ser objeto de estudo de uma ciência, no caso, da linguística. Saussure decidiu, pois, tomar uma parte desse complexo universo da linguagem: a **língua**. E o que levou esse estudioso a achar que a língua poderia ser estudada pela linguística? Ele entendia a língua como sendo um sistema, ou seja, um conjunto de palavras organizadas à disposição dos usuários. Por

isso, Saussure a considerou como sendo social, ou seja, era comum a todos os indivíduos de uma determinada comunidade. Sendo assim, nós, falantes, não teríamos o poder de modificá-la. Saussure ainda fez outra consideração na sua empreitada para construir o objeto de estudo da linguística: a língua existe como um sistema organizado, porém, cada falante faz um uso individual desse sistema. Para o estudioso suíço, esse uso individual do sistema da língua pelos falantes é o que se denomina **fala**.

Entende-se, assim, que, para Saussure, o objeto de estudo da linguística insere-se na distinção entre língua e fala. O resultado dessa visão é que os estudos da linguagem seguem dois caminhos: um que investiga a língua como sistema, e outro que investiga a língua em uso, ou seja, a fala.

Trabalhar a língua na perspectiva de Saussure é, pois, tentar explicá-la por ela própria, ou seja, a língua é considerada uma estrutura constituída por uma rede de elementos com valores funcionais determinados. Dentro da análise linguística, essa corrente de pensamento foi denominada de **estruturalismo**.

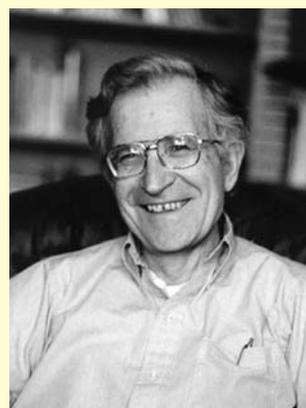


Fig. 02 Noam Chomsky

E qual foi a contribuição de Noam Chomsky para os estudos linguísticos? Em meados do século XX, esse linguista americano trouxe transformações nessa área. Para ele, toda a língua natural é constituída por um conjunto de finito sons, no caso da modalidade falada, ou de um número de sinais gráficos que representam esses sons, se for na modalidade escrita. A tarefa do linguista, então, seria estabelecer, dentre as sequências finitas de sons ou sinais gráficos, quais as que representam algo possível de ser dito em uma determinada língua. Dessa forma, o estudioso da linguagem poderia ter elementos para distinguir as línguas naturais de outras linguagens. No entanto, para Chomsky, essas estruturas são extremamente complexas e, por isso, impossíveis de ser aprendidas, sem nenhum estímulo, por uma criança no período de aquisição da linguagem. Sendo assim, a criança, na perspectiva dessa visão teórica, antes mesmo de entrar em contato com qualquer língua natural, já traria tais estruturas na mente e as acionaria no momento em que entrasse no processo de aquisição da linguagem.

Diante disso, percebe-se que, para Chomsky a linguagem

é uma capacidade inata, isto é, própria do ser humano que a carrega desde o nascimento. É algo transmitido geneticamente. Portanto, os estudiosos que seguem essa tendência buscam propriedades universais que estruturam a linguagem humana. Tal forma de pensamento, dentro dos estudos linguísticos, recebe o nome de **gerativismo**.

Tal qual Saussure com a sua distinção entre língua e fala, Chomsky elaborou a distinção entre competência e desempenho. Para Chomsky, todo falante tem parte de conhecimento do seu sistema linguístico e isso lhe permite produzir um conjunto de sentenças de sua língua. Ao ouvir, durante a infância, construções linguísticas, o indivíduo aplica, a essas construções, a capacidade que herdou para a aquisição da linguagem. Isso se chama **competência**.

Essa competência linguística adicionada a fatores não linguísticos como convenções sociais, crenças, estado emocional do falante, conhecimentos prévio sobre as atitudes das pessoas envolvidas na comunicação... é o que se chama de **desempenho**.

Portanto, conforme essa visão, o desempenho pressupõe a competência, mas a competência não pressupõe o desempenho. Dentro desse campo, à linguística cabe, então, descrever o que é puramente linguístico, ou seja, a competência.

E os animais? É Possível dizer que eles têm linguagem?



Existe um estudo clássico, desenvolvido pelo zoólogo alemão Karl Von Frisch, em 1959, que fornece pistas sobre esse questionamento. Ao observar o sistema de comunicação das abelhas, o cientista alemão constatou haver tipos de dança realizados pela abelha operária que servem para informar às outras abelhas sobre fontes de alimento encontradas.

Foram observados dois tipos de dança: uma circular e outra em forma de oito. O primeiro tipo indica que o alimento está próximo, o segundo, que está distante. O estudo concluiu serem essas

danças verdadeiras mensagens. Tais mensagens poderiam, então, ser consideradas linguagem? Embora todos os sistemas de comunicação entre os animais sejam organizados, eles não podem ser considerados linguagem no mesmo sentido de quando se faz referência à linguagem humana.

Para comprovar tal fato, é necessário que seja feita uma comparação. Como detentoras de uma linguagem, as abelhas, a partir da experiência descrita, compreendem uma mensagem com muitos dados e retêm informações tais como posição distância. Além disso, também produzem mensagens, representadas por diversos comportamentos (tipos de dança). No entanto, se se estabelece um confronto com a estruturação da linguagem humana, tem-se o seguinte quadro:

Linguagem das abelhas	Linguagem humana
A mensagem é traduzida exclusivamente pela dança, sem intervenção de um aparelho vocal.	Há intervenção de um aparelho vocal, condição essencial para a linguagem.
A mensagem não provoca uma resposta.	A mensagem sempre provoca uma resposta, o que caracteriza um diálogo.
As informações são sempre objetivas, fruto de uma determinada experiência (encontrar uma fonte de alimento).	Ao possibilitar construir uma mensagem a partir de outra mensagem, a linguagem humana é capaz de substituir qualquer experiência e, assim, ser transmitida através do tempo.
A mensagem apresenta um conteúdo único (o alimento encontrado).	A linguagem humana apresenta um conteúdo ilimitado.
Não há como a linguagem das abelhas ser decomposta em elementos menores para ser analisada.	A linguagem humana possibilita a decomposição em elementos menores para análise.

Portanto, diante dessa demonstração, percebe-se que a "linguagem" das abelhas não passa de um código de sinais. É necessário salientar que essa sofisticação apresentada no processo de comunicação desses insetos está ligada diretamente ao fato de eles viverem em sociedade. E é a vida em sociedade que possibilita a estruturação de alguma linguagem.

Língua, linguagem, linguagens... Afinal, o que é linguística?



Como você pôde ver até aqui, o termo linguagem é de uso muito amplo. Fala-se em linguagem da música, dos sinais, da pintura... Diante dessa variedade, é necessário perguntar: a linguística preocupa-se em investigar tudo isso? Não, ela não teria como dar conta. A linguística preocupa-se somente com a investigação científica da linguagem verbal humana. Em outras palavras, com a linguagem humana representada pelo signo linguístico, ou seja, a palavra. Há uma ciência, porém, que dá conta de todo e qualquer sistema de signos, é a Semiologia ou Semiótica. Diante disso, pode-se construir a seguinte definição:

E em que reside a preferência pelo estudo das línguas naturais em detrimento dos outros sistemas de signos? Tome-se o seguinte exemplo: você quer expressar o horror causado pelas guerras. Você poderá fazer isso utilizando a linguagem da pintura. No entanto, apenas uma língua natural, o português, por exemplo, é capaz de representar esse conteúdo com maior precisão. E mais: apenas as línguas naturais são capazes de traduzir em palavras não somente uma pintura, mas também qualquer outro sistema de signos como uma dança, um gesto etc.

A linguística é uma parte da semiótica e tem como objetivo estudar um sistema de signos: as línguas naturais, que é a forma de comunicação mais complexa e de maior uso.

Agora que você sabe o que é a linguística e com o que ela se preocupa, deve estar se perguntando o que é estudar linguística, ou então o que você vai fazer enquanto estudioso da linguagem.



Diante disso, duas coisas precisam ficar claras: primeiramente, estudar linguística não deve ser confundido com aprender alguma língua. Como estudante de linguística no curso de licenciatura em Espanhol, você, por exemplo, deve estar apto não apenas a conhecer o espanhol, mas a falar sobre o espanhol. Depois, estudar linguística não significa fazer um estudo tradicional da gramática de uma língua. Por exemplo, ao estudar o espanhol, você, com base nos conhecimentos adquiridos por meio dos estudos linguísticos, não deverá se deter apenas em julgamentos sobre o que é certo e o que é errado de acordo com a norma padrão da língua espanhola. Ao invés disso, você deverá observar o uso dessa língua e procurar descrever e explicar fatos ligados a questões sonoras, gramaticais e lexicais. Um exemplo disso seria explicar as diferenças do espanhol dentro da própria Espanha ou entre a Espanha e os países latino-americanos falantes desse idioma, no que se refere ao vocabulário ou à pronúncia.

Portanto, é tarefa do linguista descobrir o funcionamento da linguagem tomando como base o estudo de línguas específicas. O estudioso da linguagem volta o seu foco prioritariamente para a modalidade falada da língua. Em um segundo patamar vem a modalidade escrita.

Por que a linguística preocupa-se primeiramente com a modalidade falada da língua? A resposta está na maneira como a chamada gramática tradicional analisa os fatos da língua. Os gramáticos sempre tomaram como modelo a linguagem literária, cujas manifestações são essencialmente escritas. Coube, então, ao linguista a tarefa de corrigir essa maneira de olhar as formas de expressões verbais. Foi a partir dos estudos linguísticos que se passou a considerar a língua falada independentemente da sua representação gráfica, a escrita. Assim, quando uma criança ainda não alfabetizada, por exemplo, pronuncia "plesente" em vez de "presente", ela não está "trocando letra", mas permutando um som por outro.

Como toda ciência, a linguística, para realizar seus estudos, tem de seguir alguns caminhos. Que possibilidades de orientação essa ciência oferece quando se propõe a pesquisar algo? O quadro que segue apresenta duas possibilidades de caminhos de estudo dentro da linguística.

CAMPO DE ESTUDO	TAREFA DESENVOLVIDA
Linguística geral	Oferecer os conceitos e modelos que servirão de base para as análises linguísticas.
Linguística descritiva	Fornecer dados que podem confirmar ou negar os conceitos fornecidos pela linguística geral.

É claro que esses dois campos não funcionam isoladamente. Eles são, na verdade, interdependentes. A linguística teórica não existiria sem os dados fornecidos pela linguística descritiva e não ser nos casos em que se descreve uma língua recém-descoberta com o objetivo apenas de construir uma gramática dessa língua.

No caso da linguística descritiva, dependendo do olhar lançado sobre os dados a serem descritos, tem-se dois procedimentos de estudo, conforme quadro abaixo.

TIPO DE DESCRIÇÃO	CARACTERÍSTICA DA ANÁLISE
Diacrônica	Tenta explicar as mudanças linguísticas por meio das transformações pelas quais passam as línguas.
Sincrônica	Analisa a língua sob a forma que se encontram num determinado momento histórico.

Novamente, é bom lembrar que esses tipos de descrição podem estar inter-relacionados. Por exemplo, para que se entenda como o pronome de tratamento **Vossa Mercê** se transformou no atual **Você**, não apenas é necessário o estudo diacrônico (a mudança da forma através do tempo) como também é preciso observar o uso presente dessa forma (estudo sincrônico) e suas variações.

Ferdinand Saussure

Filho de uma família abastada, Ferdinand de Saussure estudou desde cedo inglês, grego, alemão, francês e sânscrito. Com o objetivo de continuar a tradição científica de sua família, em 1875, estudou física e química na Universidade de Genebra. Em 1877, aos 21 anos, Ferdinand de Saussure publicou o livro “Memória sobre as Vogais Indo-Européias”.

Três anos depois o estudioso defendeu sua tese de doutorado, “Sobre o Emprego do Genitivo Absoluto em Sânscrito”. Em 1881, Ferdinand de Saussure assumiu a cátedra de linguística comparada na Escola de Altos Estudos de Paris. Em 1886 tornou-se membro da Sociedade Linguística de Paris e no ano seguinte foi para Leipzig, na Alemanha, completar seus estudos.

Transferiu-se em 1891 para a Universidade de Genebra, lecionando linguística indo-européia e sânscrito até 1906, quando passou a professor titular de linguística. Saussure foi professor na Universidade de Genebra até sua morte, aos 55 anos.

Seus discípulos Charles Bally e Albert Sechehaye organizaram as anotações dos alunos de Saussure realizadas durante seus cursos universitários. Em 1915 foi publicado o já mencionado “Curso de Linguística Geral”, considerado a obra fundadora da linguística moderna.

Noam Chomsky

Uma espécie de guru do movimento anticapitalista no mundo de hoje - assim podemos caracterizar Noam Chomsky. Esse acadêmico, professor de linguística e filosofia no Massachusetts Institute of Technology (MIT), é também um ativista político incansável em suas manifestações contra o capitalismo americano.

A família de Chomsky era de imigrantes russos. O pai, William Chomsky, foi notável estudioso da língua hebraica.

Em 1945, Noam Chomsky iniciou estudos de linguística e de

filosofia na Universidade da Pensilvânia. Em 1949, casou-se com a linguista Carol Schatz, com quem teria dois filhos.

No início dos anos 1950, graças a uma bolsa de estudos, Chomsky realizou pesquisas na Harvard University. Em 1955, concluiu o doutorado na Universidade da Pensilvânia. Dois anos depois, publicou "Estruturas Sintáticas". Nele, Chomsky criou o modelo da gramática generativa, que revolucionou os estudos da linguagem.

Desde 1955, Chomsky é professor e pesquisador do MIT, onde obteve a cátedra de línguas modernas e linguística, com atividade acadêmica e científica intensa e ininterrupta. Publicou diversos ensaios e estudos teóricos, como "Reflexões sobre a Linguagem", "Linguagem e Mente" e "A Gramática Generativa".



Mãos à obra

1. É possível afirmar que a preocupação com a linguagem é algo apenas do nosso século? Justifique.

2. Qual a importância de Ferdinand Saussure para os estudos linguísticos?

3. É possível diferenciar língua e linguagem? Justifique.

4. Para Saussure, qual a diferença entre língua e fala?

5. Como Chomsky concebeu a linguagem?

6. Qual a diferença entre Competência e Desempenho?

7. Do ponto de vista da linguística, por que não é correto se falar em Linguagem animal?

8. Por que a Linguística não deve ser confundida com o estudo da gramática tradicional?

9. Estabeleça uma diferença entre um estudo sincrônico e um estudo diacrônico da língua.



Um passo a mais

SUGESTÕES DE LEITURA

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.

Trata-se de uma obra clássica, considerada fundadora da nova ciência linguística. Sua leitura é esclarecedora no que se refere aos conceitos basilares dessa ciência.

ORLANDI, E. P. *O que é Linguística?* 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

O livro é uma apresentação geral de questões tratadas pela Linguística. Aliada a isso, há um olhar para aspectos que dizem respeito à preocupação dos estudos linguísticos com o uso concreto da linguagem.



Já sei!

Vimos que a preocupação com a linguagem não é coisa de hoje, mas vem de muito tempo. O homem parece que sempre esteve preocupado com essas questões, seja em rituais sagrados ou na comunicação cotidiana entre pessoas.

Entretanto, uma questão tão importante como a linguagem mereceria uma preocupação científica. Nesse sentido, foi necessária a existência de pessoas com o olhar rigoroso sobre os fatos da língua. Assim, merecem destaque os nomes de Saussure e Chomsky. O primeiro, conceituou língua como um sistema de signos e a tomou como objeto de estudo da linguística. O segundo, considerou a linguagem como uma capacidade inata do ser humano. Sendo a linguagem, nessas visões, algo essencialmente humano, parece

difícil, à luz desses conceitos, falar em linguagem animal. Apenas nós, seres humanos, usamos a linguagem para substituir uma experiência, quando contamos um fato ocorrido há duas semanas, por exemplo. Diante disso, nesse mundo povoado por linguagens, foi necessário delimitar com que tipo de linguagem a linguística iria se preocupar: as línguas naturais, representadas pelo código verbal, pela palavra. Para investigar as palavras usadas pelo homem, a linguística segue procedimentos, de natureza geral ou descritiva, olhando os fenômenos seja do ponto de vista sincrônico seja diacrônico.

Agora, diante dessas discussões você estará mais preparado para entrar no fascinante mundo da comunicação humana, nossa próxima parada.

Autoavaliação



Liste três atividades, do nosso dia a dia, que envolvem linguagem e, em seguida discuta com os seus colegas sobre a importância dessas atividades para o funcionamento da sociedade em que vivemos.

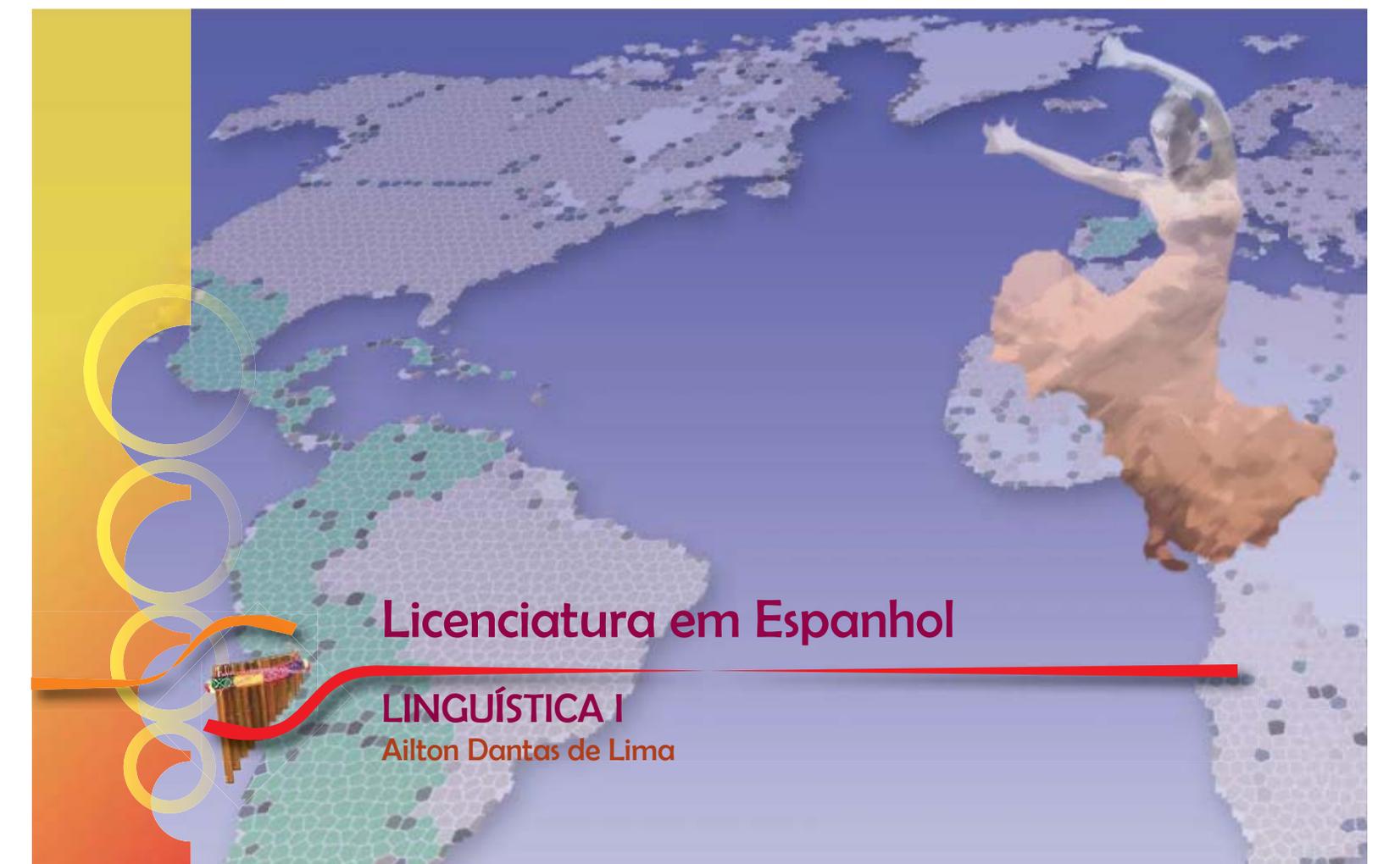
Referências



FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

<http://educacao.uol.com.br> (acesso em 29/12/2009)

WEEDWOOD, Bárbara. **História concisa da lingüística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.



Licenciatura em Espanhol



LINGÜÍSTICA I

Ailton Dantas de Lima



Aula
O homem: um ser de linguagem 02



© 2000

Apresentação e Objetivos



Esta aula tem como objetivo apresentar uma visão geral de estudos que buscaram uma descrição do processo de comunicação humana, envolvendo a teoria da comunicação e sua complementação pelos estudos linguísticos.

Para começar



Na aula anterior, vimos que a linguagem é uma preocupação que envolve o homem desde épocas remotas. Tal preocupação chegou a níveis tão refinados que foi preciso criar uma ciência para estudar especificamente a linguagem verbal humana: a linguística. Agora, iremos apresentar como o processo de comunicação humana passou a ser tratado pelos estudos lingüísticos.



Assim é

A visão da língua como instrumento de comunicação

Que a comunicação é de extrema importância na organização de qualquer sociedade ninguém pode discordar. Basta dar uma olhada em nossa volta para que você perceba o quão sofisticado vem se tornando a cada dia o processo de comunicação humana. Meios mais novos e cada vez mais rápidos tornam-se acessíveis a uma quantidade enorme de pessoas de todas as camadas sociais. Assim, é importante que o profissional da área de linguagem, especificamente o professor de uma língua, seja ela materna ou estrangeira, compreenda as formas de pensar que contribuíram para o entendimento do que acontece quando nos comunicamos.

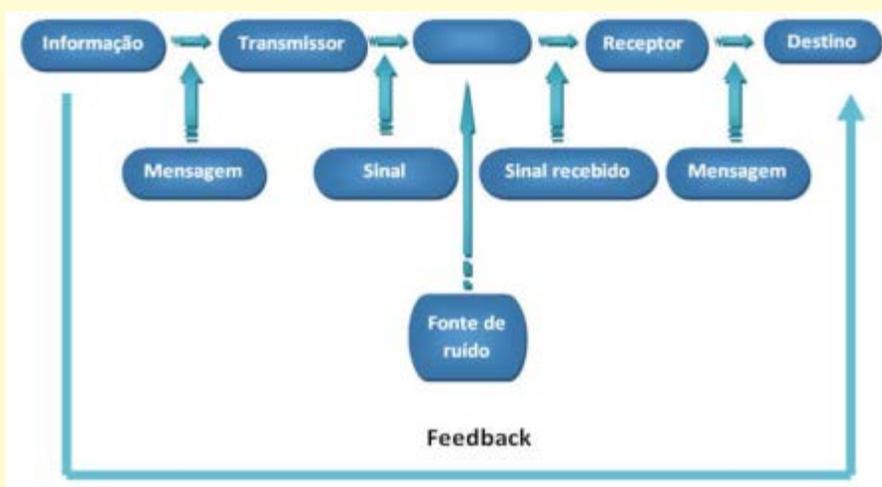


Você deve estar lembrado que, quando estávamos discutindo o surgimento da linguística como ciência, no capítulo anterior, tivemos de nos referir, primeiramente, a Ferdinand Saussure. Para o fundador da linguística moderna, a língua é essencialmente um instrumento de comunicação. Isso foi uma reviravolta diante do pensamento que vigorava até então, uma vez que, antes de Saussure, a língua era vista como mera representação do pensamento. Esta existia independentemente das formas da língua. Nessa fase pré-saussuriana, a comunicação era vista como uma degeneração da língua e, portanto, não merecia ser estudada. Com Saussure, a comunicação veio, pois, ser contemplada pelos estudos linguísticos. Veremos a seguir alguns modelos ajudaram a compreender a comunicação humana.

1. A teoria da informação

As primeiras investigações da linguística sobre a comunicação humana sofreram forte influência da chamada teoria da informação.

Mesmo tendo como objetivo, também, tratar da comunicação, essa teoria diferencia-se dos estudos lingüísticos à medida que volta o seu foco para questões como a eficiência da codificação, capacidade de transmissão de informações, dentre outras. São questões, portanto, de um caráter mais "técnico". O esquema a seguir apresenta uma das propostas de comunicação mais divulgada entre os lingüistas. Trata-se do esquema de C. F. Shannon.



Nesse esquema, a comunicação é compreendida como transferência de mensagem. Um emissor transmite a um receptor uma mensagem organizada conforme um código e transformada em uma seqüência de sinais.

Ao relacionarmos essa representação gráfica com a comunicação humana, principalmente àquela realizada por meios verbais, percebemos algumas limitações:

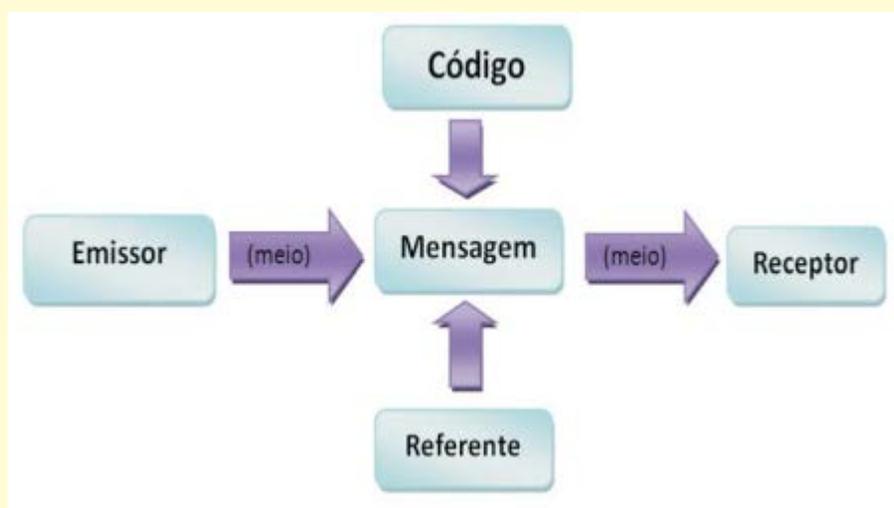
1. a comunicação humana não se dá de forma tão simples, nessa relação emissor-receptor;
2. a comunicação humana não pode ser reduzida a uma seqüência linear de sinais;
3. a comunicação humana não pode ser pensada de forma me-

canicista, desvinculada do contexto sócio-histórico em que se realiza.

Diante dessas limitações inerentes aos esquemas da teoria da comunicação, os estudiosos da linguagem procuraram formas de superá-las. Alguns procuraram complementar aspectos por demais limitadores de tais esquemas. Outros procuraram ver sob outra ótica o processo da comunicação humana.

2. A Proposta de R. Jakobson

Dentre os que procuraram superar as limitações dos modelos da teoria da informação está Roman Jakobson, cuja proposta de ampliar esses modelos é a mais conhecida entre os linguistas. Essa proposta pode ser sintetizada da seguinte forma: você quer iniciar um processo de comunicação. Então, você é um remetente que deseja enviar uma mensagem a um destinatário. Essa mensagem precisa se referir a algo, educação, por exemplo, que, nesse caso, contextualiza a comunicação e será o referente. Necessita, também, de um código, que seja comum aos elementos envolvidos nesse processo comunicativo, no nosso caso a língua portuguesa. Mas, nada disso funcionará se não tivermos, ainda, um contato, ou seja, um meio físico que sirva de suporte para manter a comunicação, que poderá ser a impressão no papel ou a visualização na tela do computador, no caso da comunicação escrita, ou as ondas sonoras, no caso da comunicação oral. O esquema que segue apresenta, de forma simplificada, a proposta de Jakobson.



Vemos, pois, que, confrontada com as propostas de comunicação

da teoria da informação, a proposta de Jakobson traz como acréscimo a preocupação com o contexto. É preciso, no processo comunicativo, que tanto o remetente quanto o destinatário tenham clareza do contexto da comunicação, ou seja, da resposta à seguinte pergunta: a que nossas falas se referem? Além disso, outro aspecto considerado por essa proposta é o fato de toda comunicação materializar-se por meio de um código. Este é um ponto sobre o qual iremos, agora, nos debruçar um pouco.

Primeiramente, é necessário entender o que se está chamando de código. Trata-se de um conjunto de elementos — as palavras de uma língua, por exemplo — que, no processo de construção de uma mensagem, oferecem uma possibilidade de escolha do falante.

Para esclarecer, mais um pouco, recorramos ao Dicionário de Linguística, de Jean Dubois

Código é um sistema de sinais — ou de signos, ou de símbolos — que, por convenção prévia, se destina a representar e a transmitir a informação entre a fonte dos sinais — ou emissor — e o ponto do destino — ou receptor. (Dubois, 1995. p. 114)

Você deve estar se perguntando: se, na comunicação verbal, o código é a própria língua que usamos para nos comunicar, por que chamamos código o que poderia ser chamado simplesmente de língua? Porque a comunicação também implica elementos não-verbais, com os sinais de trânsito, por exemplo. Daí o termo código ser mais abrangente.

Diante do que foi definido até aqui como código, percebe-se que, se é esse elemento que propicia a configuração da mensagem entre um enunciador (remetente) e um receptor (destinatário), para que a comunicação se efetue é necessário ser esse código comum ou parcialmente comum entre quem produz a mensagem e quem a recebe.

Mas, se observamos os processos comunicativos orais, por exemplo, no cotidiano, iremos perceber que as pessoas usam sempre códigos exatamente iguais entre elas? Não. Basta você perceber o diálogo entre um professor com formação superior, na faixa dos quarenta anos de idade e um aluno adolescente de quinze anos. Eles conseguem se comunicar, mas não há identidade total entre os códigos utilizados. A língua é a mesma, no nosso caso, a língua portuguesa, no entanto, haverá algumas diferenças, que podem ser chamadas de subcódigos, impostas por fatores como grau de escolaridade, idade, dentre outros.

Essas diferenças são tratadas quando se discute sobre a questão da variação linguística, aspecto da comunicação a ser tratado em nosso curso mais adiante.

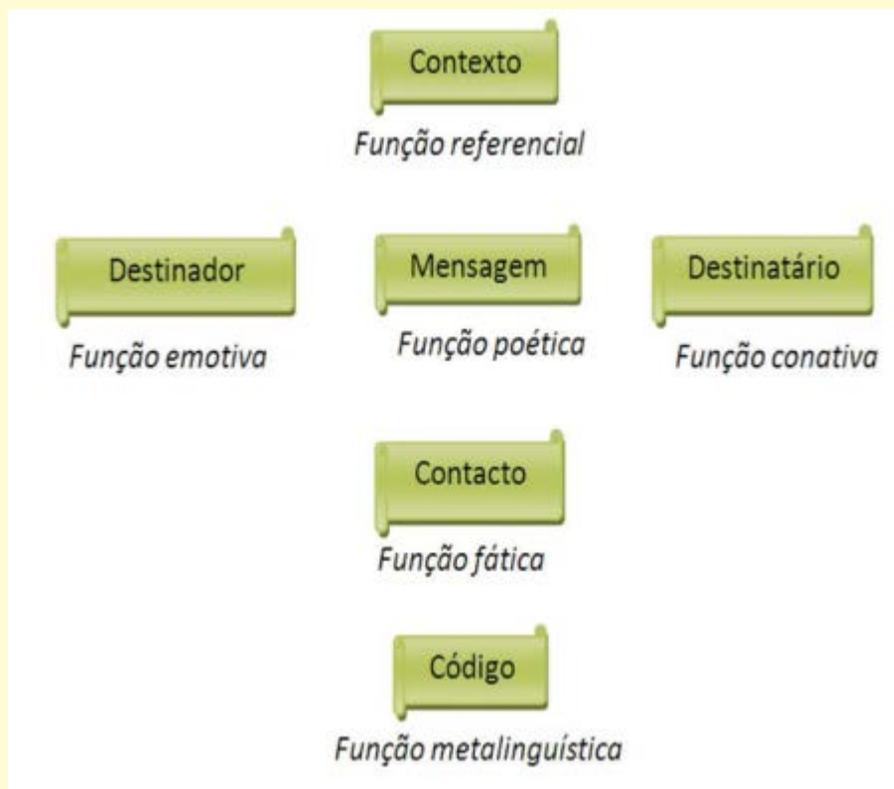
Então, podemos firmar que códigos diferentes travam a comunicação. Para ilustrar esse fato, basta percebermos o que ocorre, por exemplo, na seguinte situação: uma estudante brasileira na Europa em passagem pela está hospedada em um hotel de Lisboa. De repente, ela percebe que a pouca roupa que trouxera estava suja. Preocupada, deixa um bilhete para a camareira solicitando-lhe a lavagem de sua camisa azul. Ao voltar, percebe, com espanto, que o que estava lavado era a sua camisola, enquanto a camisa continuava amassada e suja.

Outra questão que pode se constituir em um entrave para a comunicação é a relação que os falantes de uma língua mantêm com os códigos e subcódigos. Em relação aos códigos, é interessante notar a comunicação entre brasileiros e argentinos. O entendimento que os argentinos têm do falar brasileiro não é tão claro quanto o nosso em relação ao falar deles. Isso pode ser explicado tanto pelas relações existentes entre os sistemas vocálicos do português e do espanhol como pela superioridade com a qual os argentinos vêm a sua língua em relação ao português. Dessa pretensa superioridade, decorre a não-preocupação dos argentinos em entender o falar brasileiro.

No caso dos subcódigos, há também essa relação de prestígio. Usuários de uma mesma língua estabelecem graus diferentes de prestígios diante dos subcódigos que lhe são apresentados. Isso pode ser observado quando um indivíduo comum, nascido em um grupo falante de uma variedade de pouco prestígio social, mas que, ao longo do tempo, apropriou-se do falar padrão retorna a esse grupo e usa uma construção como “É inútil responsabilizarmos os outros pelos nossos problemas. Precisamos, antes de mais nada, resolvê-los.”. Diante de uma construção como essa, esse indivíduo será taxado, no mínimo, de pedante. Mas esse mesmo grupo reprovará a fala se o presidente Lula, por exemplo, dissesse: “Dona Marisa é muié de verdade”. Portanto, mesmo a fala de Lula se identificando melhor com o grupo aqui exemplificado, é tratada como sem prestígio devido à sua posição de homem público.

Até aqui você pôde observar que a visão de Jakobson sobre a linguagem amplia o esquema proposto pela teoria da comunicação, uma vez que trabalha com a noção de código e subcódigo e considera que há variações no uso destes. De acordo com essa visão, a função da linguagem vai muito além do que simplesmente informar. Ao nos

comunicarmos, sempre enfatizamos um dos elementos da comunicação. Sendo assim, Jakobson propôs o seguinte esquema para as funções da linguagem no processo de comunicação.



Antes de passarmos a ilustrar essa teoria com situações do cotidiano, é necessário observar que nas situações de comunicação que vivenciamos não serão encontrados textos com apenas uma dessas funções. O que ocorre, na prática, é a coexistência de várias, ou de todas elas, em um mesmo texto, sempre havendo uma como dominante, de acordo com a intenção comunicativa do falante. A presença dessas funções também pode ser evidenciada por marcas linguísticas (pronomes, verbos, adjetivos...) presentes nos textos produzidos.

Agora, vamos ver como as funções da linguagem são trabalhadas no dia a dia.

Função Referencial

Os textos que fazem o uso referencial da linguagem caracterizam-se pelos seguintes procedimentos:

1. uso da 3ª pessoa;
2. privilégio de uma linguagem objetiva (evita-se o uso de adjetivos de natureza avaliativa, tais como lindo, horroroso, dentre outros)
3. preocupação em demonstrar, de forma concreta o que está sendo afirmado, por meio de números, fatos etc.

O uso de tais procedimentos resulta da preocupação do falante em informar objetivamente sobre um fato, ou seja, é o referente da mensagem que vem em primeiro plano. Os textos que mais evidenciam o predomínio da função referencial são alguns gêneros do discurso jornalístico e do discurso científicos. Veja os exemplos a seguir.

Exemplo 1

Comperve divulga obras para o vestibular 2010 da UFRN

Mesmo marcado para ocorrer apenas em novembro deste ano, a preparação para o Vestibular 2010 da UFRN já tem suas obras literárias definidas. A Comperve divulgou na semana passada todos os livros que os candidatos devem ler e conhecer para concorrer a uma vaga nos cursos de graduação da Universidade Federal. São eles: “Eles não usam Black-tie”, de Gianfrancesco Guarnieri (teatro), “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos (romance), “Negrinha”, de Monteiro Lobato (conto); “Comédias Para Serem Lidas na Escola”, de Luís Fernando Veríssimo (crônica) e “O Horto”, da autora potiguar Auta de Souza (poesia). Este último estará disponível na Editora da UFRN até o final de março. (Diário de Natal, 11 de fevereiro de 2009.)

Observa-se, nessa nota jornalística, o uso predominante da 3ª pessoa (tem, divulgou, estará...). Além disso, há uma preocupação do autor em fornecer dados objetivos como datas (...em novembro deste ano, ... até o final de março) e os títulos das obras às quais o texto se refere. Tais procedimentos dão objetividade à nota, afastando a presença da subjetividade do jornalista, o que caracteriza a presença da função referencial.

Exemplo 2

O linguista a princípio lida com as línguas naturais. A pergunta “O que é a língua (gem)?” traz em si a pressuposição de que cada uma das milhares de línguas naturais reconhecidamente distintas, faladas em todo o mundo, é um caso específico de algo mais geral. O que o linguista quer saber é se as línguas naturais, todas, possuem em comum algo que não pertença a outros sistemas de comunicação, humano ou não, de tal forma que seja correto aplicar a cada uma delas a palavra “língua”, negando-se a aplicação deste termo a outros sistemas de comunicação — exceto na medida em que, assim como o esperanto, eles sejam baseados em línguas naturais preexistentes. (Lyons, 1987. p. 17)

Também no discurso científico, assim como no jornalístico, conforme se observa nesse segundo exemplo, há uma preocupação em se afastar marcas do sujeito que produziu o texto. Novamente, vê-se o uso da 3ª pessoa. Os tempos verbais estão no presente do indicativo (lida, traz, quer...), o que contribui para uma pretensa objetividade perseguida pelo discurso da ciência.

Função Emotiva ou Expressiva

Os textos representativos da função expressiva, diferentemente daqueles predominantemente referenciais, privilegiam o uso da 1ª pessoa, fazem uso constante de adjetivos que denotam qualidades subjetivas, tais como lindo, encantador... e também estão sempre utilizando formas para atenuar o que está sendo dito, como as expressões eu acho, eu considero. A pontuação também colabora com a expressividade da linguagem por meio do uso, principalmente, de interjeições e exclamações. O uso expressivo da linguagem, portanto, revela a presença do sujeito no texto produzido.

Veja a carta do leitor reproduzida a seguir. O texto foi publicado na seção cartas, da revista Língua Portuguesa.

Discurso Preconceituoso

Sou professora de Linguística da Universidade Estadual da Paraíba e, antes de lecionar no ensino superior, tive a grata satisfação de ensinar nos níveis fundamental e médio. Gostaria de demonstrar minha insatisfação com o ponto de vista assumido pelo professor Sérgio

Simka em seu texto intitulado “Refletir, (re)agir e evoluir” (edição 14). Acredito que a perspectiva adotada pelo autor se disfarça de um discurso voltado para a reflexão e para a (r)evolução, mas na realidade se mostra preconceituosa e prescritivista.

A maneira como o professor Simka sugere que os textos sejam trabalhados em nada contribui para o desenvolvimento do senso crítico dos alunos sobre a língua e seus usos nas diversas situações de interação social. Muito me espanta que um professor tão bem preparado caia nas armadilhas do preconceito linguístico justamente quando discute proposta de renovação no ensino de língua portuguesa. E mais ainda me espanta que uma revista dedicada à língua perpetue esse preconceito ao divulgá-lo em suas páginas para todo o país.

Danielly Vieira Inô Espíndula (Revista Língua Portuguesa, nº 16, ano 2008)

Trata-se, esse texto, de uma resposta de um leitor a uma reportagem da edição anterior da revista Língua Portuguesa. Observa-se o uso constante da 1ª pessoa (Sou professora..., ...tive a grata satisfação...), bem como de expressões com a intenção de suavizar o que está sendo dito (Acredito que...). Além dessas marcas, há o emprego de palavras/expressões que expressam qualidades subjetivas por exprimirem uma avaliação do autor (...grata satisfação..., ...na realidade se mostra preconceituosa e prescritivista, Muito me espanta...). Assim, percebe-se ser esse um texto no qual a expressividade do autor é posta em evidência, caracterizando o uso da função expressiva da linguagem.

Função Conativa

Nos textos em que predomina a função conativa, a linguagem organiza-se de maneira a focalizar, não mais a expressividade do autor, como na função expressiva, mas o destinatário da mensagem, o leitor/ouvinte. Para isso, os procedimentos empregados são: o uso da 2ª pessoa, de formas verbais do modo imperativo, vocativos... Há, nesses textos, uma preocupação clara de convencer ou persuadir os leitores/ouvintes. Veja o anúncio publicitário reproduzido a seguir, veiculado em uma revista destinada ao público adolescente do sexo feminino.

REXONA TEENS apresenta dicas para você se dar bem na balada!

1 Não saia de casa sem saber onde ir, navegue na net ou peça indicação para amigos e depois entre no site do local, assim você pode se inteirar do que rola de música, que tipo de gatinhos frequentam e o que se come lá.

2 Veja bem quem você convida para sair, não tá com nada amiga desanimada e mal-humorada. Ela pode acabar com sua noite. O bom é chamar gente alto astral, de bem com a vida. A balada fica muito melhor.

3 Antes de ir, já combine entre suas amigas a carona da ida e da volta. Se for o caso, reserve uma grana para o táxi. E nem pensar em voltar com estranhos, hein!

4 Fique de olho em seu visual. Não se esqueça, ele é o seu cartão de visitas. Cuide de toda a produção e tenha sempre um batom na bolsa.

5 E como não podia deixar de ser, proteja-se das situações que te fazem transpirar. A dica é usar Rexona Teens antes de sair. O Tropical Energy é uma delícia e não te abandona.

É isso aí, divirta-se muito na balada!

Agente Sabe O Que Te Faz Transpirar.

(Revista Atrevida, abril de 2006)

É próprio dos anúncios publicitários, como é o caso desse texto, organizar a linguagem visando o destinatário da mensagem. Analisando o anúncio em foco, percebe-se o uso constante de verbos no modo imperativo (saia, navegue, peça, entre...) e de pronomes que se dirigem ao destinatário (você, te). Portanto, trata-se de um texto que privilegia a função conativa da linguagem.

As três funções até aqui apresentadas são mais evidenciadas pelos estudos linguísticos, mas há ainda outras que foram incorporadas a esses estudos graças à contribuição de Jakobson. São elas:

Função Fática

Há momentos da comunicação em que tanto o emissor como o receptor estão voltados para a manutenção do contato entre eles. Para isso, recorrem a procedimentos linguísticos com esse fim. Um exemplo de tais procedimentos é o uso de expressões prontas quando se quer iniciar ou encerrar um contato (olá, bom dia, tchau, como vai?...), como também verificar se o contato ainda está sendo mantido (alô? Ainda está me ouvindo?)

Veja a canção reproduzida a seguir:

Sinal Fechado

Olá, como vai?

Eu vou indo, e você, tudo bem?

Tudo bem, eu vou indo, correndo pegar meu lugar no futuro. E você?

Tudo bem, eu vou indo em busca de um sono tranquilo, quem sabe?

Quanto tempo...

Pois é, quanto tempo...

Me perdoe a pressa é a alma dos nossos negócios...

Oh! Não tem de quê, eu também só ando a cem.

Quando é que você telefona, precisamos nos ver por aí.

Pra semana, prometo, talvez nos vejamos, quem sabe?

Quanto tempo...

Pois é, quanto tempo...

Tanta coisa que tinha a dizer, mas eu sumi na poeira das ruas.

Eu também tenho algo a dizer, mas me foge a lembrança.

Por favor telefone; preciso beber alguma coisa rapidamente.

Pra semana...

O sinal...

Eu procuro você...

Vai abrir, vai abrir...

Prometo, não esqueço.

Por favor, não esqueça, não esqueça, não esqueça.

Adeus...

(Paulinho da Viola. Sinal Fechado, nº 6349122 – Philips, 1974.)

Nesse texto, você pode observar, no diálogo reproduzido, que a maioria das frases cumprem a função de apenas manter o contato. São duas pessoas que tentam estabelecer um relacionamento, mas encontram-se impedidos pela pressa cotidiana. Assim, resta-lhes um breve contato inicial e a esperança de um reencontro. Não há, nessas falas, um grau elevado de informação. Tal preocupação primeira com o estabelecimento do contato revela o uso fático da linguagem.

Você agora deve estar se perguntando: o uso fático da linguagem é exclusividade da modalidade oral da língua, como nas conversas cotidianas? Não. Ao produzir textos escritos, você poderá, também, fazer uso de estratégias para manter e até facilitar o processo comunicativo. Por exemplo, ao confeccionar um cartaz divulgando um encontro de alunos de Espanhol, as escolhas feitas de elementos como o tamanho das letras, o contraste entre a cor de fundo e a cor das letras, a disposição de alguma figura poderá facilitar ou dificultar o contato do leitor com a mensagem produzida. Outro exemplo é quando alguém produz um texto manuscrito e o leitor não consegue “decifrar” as letras ali colocadas. Neste último caso, tem-se um mau uso dos elementos fáticos, pois a comunicação ficou “travada”. Viu como o uso fático da linguagem também é importante nas nossas vidas?

Função Metalinguística

Há Momentos da comunicação em que a linguagem necessita falar dela própria. Observe o seguinte diálogo reproduzido a seguir.

Exemplo 1

Aluno – Professor, qual a origem da palavra “quenga”?

Professor – No seu sentido original, “quenga” é uma vasilha feita da metade de um coco sem a polpa.

Aluno – E por que é que no nordeste essa palavra aparece como sinônimo de prostituta?

Professor – Pela comparação do fruto com o crânio, a palavra coco popularmente é usada como sinônimo de cabeça. Assim, a “quenga” — um coco sem polpa — seria como uma cabeça sem o cérebro, ou seja, uma pessoa desmiolada, tal como sucedeu à “quenga”, que perdeu o juízo e caiu na vida. Em decorrência disso, a palavra “quengada” tem dois sentidos: um ato insensato ou um grupo de prostitutas.

Os dicionários e os diálogos entre professor e aluno são um exemplo recorrente dessa função, mas também pode-se citar as palavras cruzadas e as definições utilizadas em textos didáticos. Veja os exemplos.

Exemplo 2

na.za.re.no |naθaréno |m. Persona que en las procesiones de Semana Santa lleva una túnica: en las procesiones sevillanas desfilan muchos nazarenos.

→ penitente. - penitente

(SEÑAS, Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños)

Exemplo 3

Em síntese, podemos então dizer que norma é o termo que usamos, nos estudos linguísticos, para designar os fatos de língua usuais, comuns, correntes numa determinada comunidade de fala. Em outras palavras, norma designa o conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade, incluindo os fenômenos de variação.

(Carlos Alberto Faraco)

Vê-se, nesses três exemplos ilustrativos do uso da função metalinguística, o uso de verbos de existência (ser), muito comum quando se quer definir ou explicar algo. Em geral, esses verbos encontram-se no presente do indicativo.

Função Poética

Já vimos até aqui a linguagem organizando-se de forma a transmitir informações precisas, na função referencial; a expressar a emotividade do autor, na função expressiva; a convencer o leitor, na função conativa; a facilitar/manter o canal de comunicação, na função fática; a definir/explicar a própria linguagem, na função metalinguística. Mas há ainda alguns textos em que a linguagem procura subverter o seu uso comum. Procura fazer uso de procedimentos que evidenciam uma expressão rítmica e sonora. Esses textos são caracterizados por gerarem efeitos de sentidos tidos como extraordinários e inovadores.

Parece complicado, não é? Mas basta você dar uma olhada, por exemplo, em alguns slogans publicitários para perceber a exploração intencional da sonoridade.

Exemplo 1

Melhoral é melhor e não faz mal

Tomando-se como exemplo esse slogan, pode-se afirmar, apoiado em Jakobson, que essa função da linguagem, como o próprio nome sugere, não ocorre apenas nos poemas. É claro que nesses gêneros e em todos aqueles que fazem uso predominantemente da linguagem literária, como contos, romances... a função poética é preponderante.

Veja o trabalho com a linguagem poética na canção reproduzida a seguir.

Exemplo 2

Na chapada

Tetê Espíndola & Carlos Rennó

Há um chuvisco na chapada
Em toda a mata um cochicho em ch
Chuá chuá na queda d'água
Eu me espicho e fico quieta
Nada me falta
O véu da noiva de água virgem
Me enlevou, envolveu
A sua ducha me deu vertigem
Arrepio, rodopio em mim
Seu jorro não tem mais fim
(há um chuvisco na chapada)
E nesse êxtase me deixo, não sei quem sou
Estou no meio do arco-íris
E saboreio elixires de amarílis
Na cachoeira-enxurrada
O véu de noiva desceu
No vento nuvem no céu desaba
Champinhante, espumante champanhe
Chapada dos Guimarães

Na letra dessa canção é perceptível uma exploração intensa dos sons da língua. A repetição do som | ch | cria um efeito semelhante ao som da água caindo. Todo esse trabalho gera efeitos de sentido, conforme aqui já foi afirmado, surpreendentes e inovadores. Vejamos mais alguns: "... me enlevou, envolveu..." (sons semelhantes em posições trocadas); "... arrepio, rodopio em mim/seu jorro não tem mais fim." (sons semelhantes e rimas); "... e saboreio elixires de amarílis..." (sons semelhantes e sugestão sinestésica: amarílis sugere cor e aroma); "... champinhante, espumante champanhe..." (sons semelhantes, com a sugestão de que as duas últimas palavras estão contidas na primeira).

Diante desse exemplo, pode-se afirmar que a função poética coloca em primeiro plano o lado palpável das palavras.

Atenção!



ROMAN JAKOBSON

Escritor e educador russo, nascido em Moscou. Sua extensa obra aplicou aos diversos ramos do saber humano os estudos fonológicos e foi um dos fundadores do círculo linguístico de Praga. Filho de um importante industrial russo, formou-se no Instituto de Línguas Orientais da Universidade de Moscou (1914-1918). Foi um dos fundadores do Círculo Linguístico de Moscou (1915), atuando como presidente do grupo (1915-1920) e começou sua vida profissional como professor de russo em sua cidade natal (1920). Neste período, também participou da Sociedade de Estudos da Linguagem Poética, de Petersburgo, e lá se converteu em uma das principais figuras da primeira fase do formalismo russo. Ainda naquela década (1928) mudou-se para a Tchecoslováquia, onde se doutorou (1930) pela Universidade de Praga. Radicado na capital Praga, estreitou relações com seus colegas Nikolai S. Trubetzkoi e S. I. Karcevskij, na formulação científica do estudo dos sons, considerados como realizações concretas e portadores de propriedades significativas dentro do sistema linguístico,



que se diferenciava da teoria clássica do suíço Ferdinand de Saussure, por acharem que os estudos fonológicos podiam ser aplicados a uma língua tanto em sua evolução. Destes estudos publicou *Remarques sur l'évolution phonologique du russe* (1929), *Kindersprache* (1941) e *Aphasie und allgemeine Lautgesetze* (1941). Por causa da guerra, depois de passar pela Dinamarca, Noruega e Suécia, mudou-se para os Estados Unidos (1941) e foi professor da Universidade de Colúmbia, em Nova York (1943-1949). Durante esse período publicou *La Geste du prince Igor* (1948), um estudo em profundidade, com Gunnar Fant e Morris Halle, sobre a cultura eslava e a tradição épica russa. Depois, na Universidade de Harvard, em Cambridge (1950-1967), publicou *Preliminaries to Speech Analysis* (1952), *Fundamentals of Language* (1956) e *Essais de linguistique générale* (1963). Aposentado da docência, ainda publicou com Linda R. Waugh, *The Sound Shape of Language* (1979) e morreu em Boston, aos 85 anos.



Mãos à obra

1. Por que a teoria da comunicação, tal como foi concebida, não foi incorporada pelos estudos linguísticos?
2. Descreva detalhadamente a proposta de Roman Jakobson para explicar a comunicação humana.
3. Apesar das limitações da teoria de Jakobson, é possível afirmar que ela foi importante para os estudos linguísticos? Comente a sua resposta.
4. De acordo com a proposta de Jakobson, qual a importância das noções de código e subcódigo na compreensão do processo comunicativo?
5. Conceitue as seis funções da linguagem propostas por Roman Jakobson.
6. Explique a importância da função fática para a dia-a-dia da comunicação humana.



Sugestões de Leitura

JAKOBSON, R. Linguística e Comunicação. São Paulo: Cultrix, 1969.

Livro clássico para os estudos da comunicação aborda as relações entre linguagem, comunicação e outros sistemas semióticos. Nessa obra o autor apresenta o desenvolvimento da teoria das funções da linguagem.

BENVENISTE, E. Problemas de Linguística Geral. São Paulo: Nacional/Edusp, 1976.

Tratando de temas como a relação entre o biológico e o cultural e a subjetividade e o social, esse livro trouxe grandes contribuições para questionamentos que ora surgiam entre os estudiosos da linguagem.



Nesta aula, vimos que a comunicação é algo próprio do ser humano. Especificamente a comunicação verbal. No entanto, durante algum tempo, o processo comunicativo desenvolvido entre os seres humanos foi tratado de forma mecanicista pela teoria da comunicação. Com Roman Jakobson, esse processo foi acrescido de elementos que possibilitaram uma abordagem linguística da comunicação humana. Como principais contribuições de Jakobson para os estudos da teoria da comunicação pode-se destacar: estabelecimento de uma relação entre os códigos e os subcódigos, introduzindo questões relativas à variação linguística; possibilidade de percepção da variedade de funções da linguagem, o que favoreceu o reconhecimento de que os homens se comunicam com finalidades distintas; abertura da possibilidade de lançar

um olhar sobre outras funções como a metalinguística e a poética, sendo esta última fundamental para que os textos poéticos fossem abarcados pelos estudos linguísticos.

Entretanto, é preciso ressaltar que uma das principais críticas à proposta de Jakobson é que, apesar de tratar do texto poético, o estudioso não conseguiu superar o caráter mecânico da teoria da comunicação, uma vez que não considera questões históricas e ideológicas, como também o caráter de reciprocidade que existe entre o emissor e o receptor. Essa não era uma preocupação do estudioso russo e foi desenvolvida posteriormente por outras correntes do pensamento linguístico.



Autoavaliação

Pesquise em jornais e/ou revistas, em meio impresso e/ou eletrônico, um texto representativo das seguintes funções da linguagem: referencial, expressiva, conativa, metalinguística e poética. Em seguida, com base nos estudos realizados neste módulo, analise cada um deles, considerando a função dominante e as secundárias.

Referências



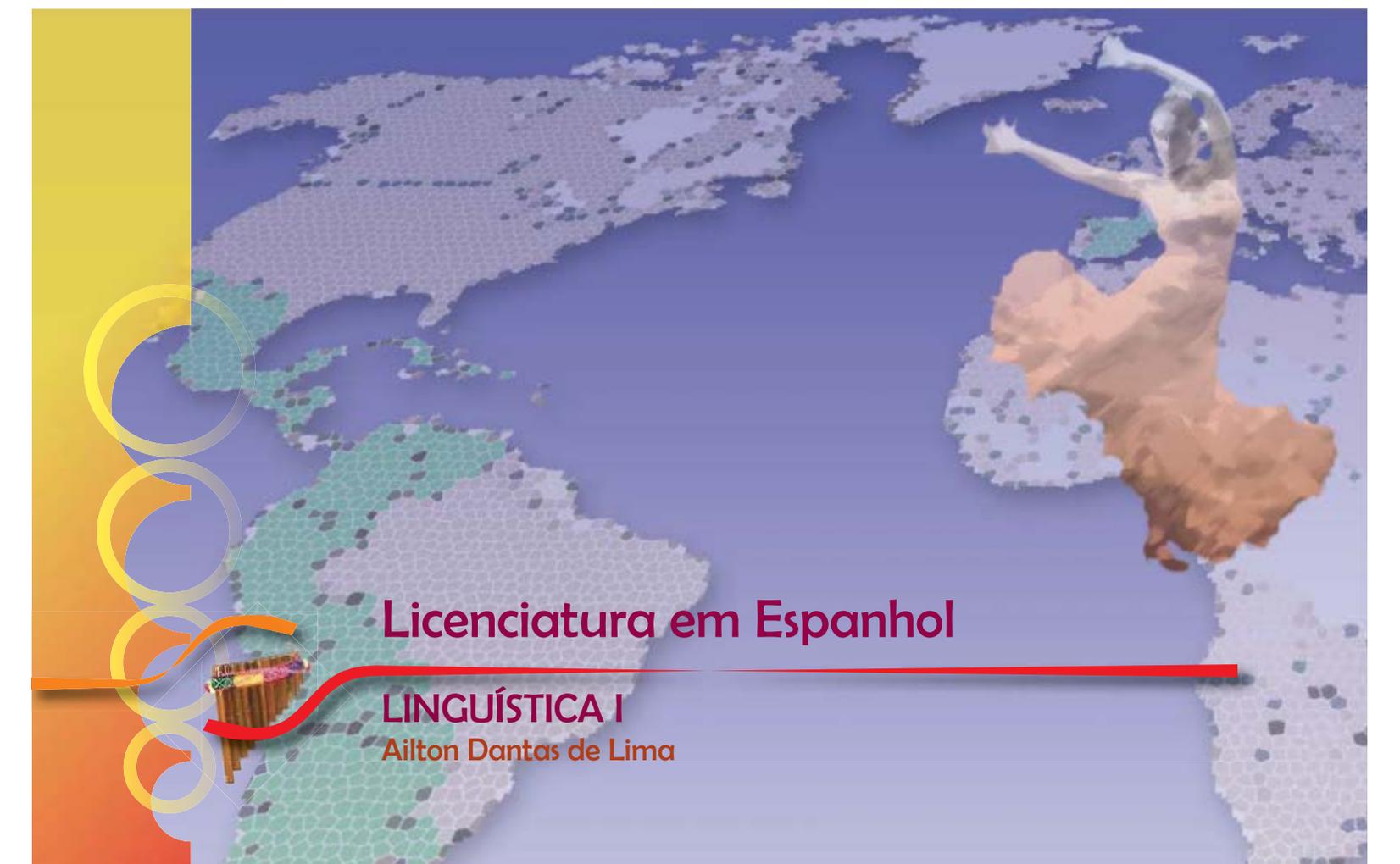
CÓDIGO. In: DUBOIS, J. et al. Dicionário de Linguística. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à linguística. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LYONS, J. Linguagem e linguística: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

NAZARENO. In: Señas: Dicionario para la Enseñanza de la Lengua Española para Brasileños. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 876.

PIMENTA, R. A Casa da Mãe Joana: curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas. Rio de Janeiro: Campus, 2002.



Licenciatura em Espanhol



LINGÜÍSTICA I

Ailton Dantas de Lima



Aula

O estudo dos signos : 03
o signo linguístico





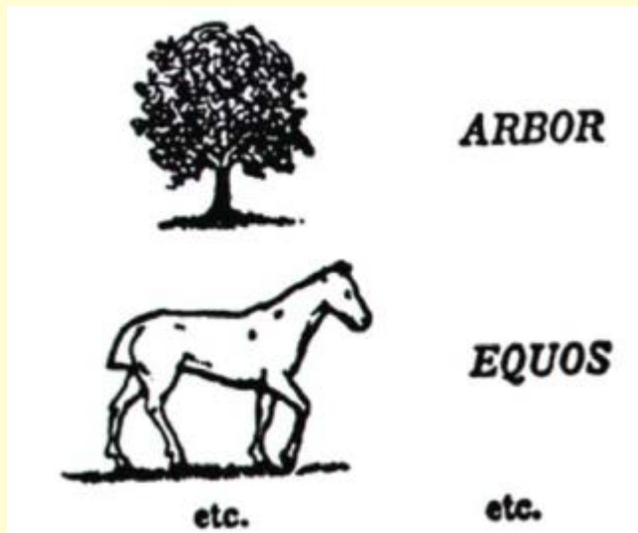
© 2000

Aula 03

O estudo dos signos: o signo linguístico

Apresentação e Objetivos

Esta aula objetiva apresentar a importância dos signos, e em particular do signo linguístico, para o processo comunicativo.



Para começar

Na aula anterior, vimos como a linguística começou a pensar o processo de comunicação humana. Apropriando-se da percepção do processo comunicativo elaborada pela teoria da informação, estudiosos, com destaque para Roman Jakobson, lançaram outro olhar sobre a visão mecanicista dessa teoria e pensaram em uma comunicação que desse conta do funcionamento da linguagem humana. Mesmo com

limitações, a teoria de Jakobson é um marco dentro das reflexões sobre linguagem.

Agora, que você já teve contato com a dinamicidade da comunicação humana, é o momento de pensar sobre aquele que garante, se bem manipulado, o cumprimento de nossas intenções ao nos comunicar: o signo.



Assim é

No Aula I, vimos que a linguística preocupa-se em estudar as línguas naturais, representadas pelo código verbal, ou seja, pela palavra. Nesse sentido, é importante frisarmos que a atividade linguística é uma atividade com as palavras. Por meio delas, falamos sobre o mundo e conseguimos explicar a realidade por nós vivenciada.

Essa atividade de falar sobre o mundo e explicá-lo por meio das palavras é uma atividade simbólica. Ela cria uma realidade que pode existir ou não. Por exemplo, alguém chega para você e diz que ontem viu um belo nascer do sol. Você sabe que a rigor o sol não pode nascer, uma vez que o planeta Terra é que gira em torno dele, mas criou-se essa expressão que traduz um conceito que, para nós, é algo bom de se apreciar. Se não existisse uma expressão para denominar o fenômeno da visão que temos do sol todos os inícios de manhãs, ela deixaria de existir para nós.

Para entendermos melhor como isso funciona, observemos quantas palavras ou expressões vão surgindo conforme a sociedade vai avançando em seus conhecimentos. Cria-se uma nova realidade e não se tem uma palavra para denominá-la, então, cria-se uma nova palavra, isto é, um novo signo linguístico que a torne compreensível para a comunidade de falantes de uma determinada língua. Um bom exemplo disso são os termos que surgem acompanhando as inovações tecnológicas. Não faz muito tempo que, diante de uma folha de papel, quando não estávamos satisfeitos com algo que acabara de ser escrito,

tomávamos um objeto geralmente retangular, denominado “borracha” e friccionávamos sobre o trecho escrito até que este desaparecesse. A isso chamamos “apagar”. No entanto, com o surgimento da escrita nos computadores, quanto temos essa mesma necessidade, não podemos eliminar o que está escrito com o mesmo conceito expresso pelo verbo “apagar”. Foi preciso, então, um signo verbal, ou seja, uma palavra, que conceituasse essa nova realidade. Surgiu então, em português, o verbo “deletar”.

1. A composição dos signos

Para compreendermos como os signos funcionam é necessário, mais uma vez, recorrermos a um estudioso já nosso conhecido: Ferdinand Saussure. Segundo Saussure, o signo linguístico não é simplesmente a junção de um nome a algo que existe na realidade. Mas é a união de um conceito com uma imagem acústica. Essa imagem é a impressão que esse som evoca. Percebemos isso, por exemplo, quando pensamos na palavra “bolo”. Nesse caso vem a imagem sem necessariamente termos que pronunciar a palavra. De acordo com Saussure, então, o signo possui duas faces: o conceito que nós temos e a imagem acústica que leva a esse conceito.

Ao conceito, ele chamou de significado; à imagem acústica, de significante. Vale lembrar que uma face não existe sem a outra, visto que um significante sempre remete a um significado.

Outro aspecto relevante na compreensão do funcionamento do signo linguístico é que os significados não evocam particularidades, mas ideias gerais. Assim, a imagem acústica /bolu/ não remete a um bolo específico, de chocolate com morango, por exemplo. É a ideia geral de *bolo* que é evocada. Portanto, o significado não é a realidade, mas a representação da realidade, ou seja, no exemplo dado, é o que o indivíduo entende por *bolo*.

Mesmo considerando o signo como a união de um significante e um significado, Saussure destaca que cada elemento linguístico é diferente dos outros com os quais se relaciona, isto é, a língua é feita de diferenças. Em decorrência desse pensamento, surge a noção de valor e,

com ela a definição negativa de signo:

um signo é o que os outros não são

Em qualquer língua, palavras com uma proximidade de ideias delimitam-se umas às outras. Se tomarmos como exemplo palavras como *receio, medo, pavor* vemos que só adquirem valor pela oposição, mesmo que recubram-se parcialmente. Se uma delas deixasse de existir, o conteúdo seria absorvido pelas outras.

O linguista dinamarquês Hjelmslev tomou essa noção de valor e a incorporou ao conceito de signo. Para ele, o signo é a união de um plano de conteúdo a um plano de expressão. Cada um desses planos comporta dois níveis: a forma e a substância. Portanto, há uma forma do conteúdo e uma substância do conteúdo; uma forma da expressão e uma substância da expressão.

Mas, o que é forma e o que é substância?

Forma corresponde ao que Saussure chamou de valor. É o conjunto de diferenças. Por exemplo, para estabelecermos uma definição formal de um som ou de um sentido, é preciso estabelecer oposição entre eles por traços. Veja o caso dos sons *p/b*. Percebemos uma oposição entre eles, pois o primeiro é surdo e o segundo é sonoro. Mas há, também, semelhança entre eles: os dois são oclusivos e bilabiais. Então, a oposição não é total. Ela se dá apenas por um traço.

Em relação à oposição de sentido, tome-se o par *homem/mulher*. São semelhantes uma vez que possuem em comum o traço */humano/*, mas diferem pelo fato de o primeiro apresentar o traço */masculinidade/*, e o segundo, */feminidade/*. Daí vem a explicação de, no português, se usar o termo */homem/* para se referir ao ser humano em geral: nós não temos um termo para esse caso.

Substância são os sons (substância da expressão) e os conceitos (substância do conteúdo). É importante observar que essa substância é gerada pela forma. Como vimos anteriormente, o conceito de *homem*, em português, é resultado da oposição ao termo *mulher*. No caso do

exemplo dos sons *p/b*, eles são resultantes da oposição *surdo/sonoro*.

Diante disso, podemos perceber que, para Hjelmslev, o signo resulta da união entre uma forma da expressão e uma forma do conteúdo. Essas originam duas substâncias: uma da expressão e outra do conteúdo. Está complicado? Vamos sintetizar:

Forma da expressão - as diferenças fônicas

Forma do conteúdo - as diferenças de sentido

Substância da expressão - os sons

Substância dos conteúdos - os conceitos

2. O signo linguístico e suas características

2.1 A arbitrariedade

Desde muito tempo se discute sobre a relação existente entre o som que se produz e o conceito que esse som evoca, ou seja, entre o significante e o significado. Já havia uma tendência entre os gregos em concordar que essa relação é convencional.

Nos estudos linguísticos, Saussure definiu o signo como arbitrário. Portanto, tem ligação direta com a cultura. Mas, o que Saussure quis dizer quando afirmou que o signo é arbitrário? Ele quis dizer que não há nenhuma relação necessária entre o som que se produz e o sentido que esse som evoca. Isso pode ser comprovado quando observamos a diversidade que existe entre as línguas: a palavra casa é *house* em inglês. Observe que entre os sons casa e *house* não há nada que remeta ao significado "edifício de formatos e tamanhos variados, geralmente de um ou dois andares, quase sempre destinado à habitação". Nós poderíamos, por convenção, chamarmos casa de *champa*. Seria apenas uma questão cultural.

No entanto, há algumas críticas a essa visão de signo como arbitrário. Para isso, as pessoas afirmam que as onomatopéias como *ai*, *oh*, *ah* não se encaixam nessa relação de arbitrariedade proposta por

Saussure. Segundo esses críticos, elas são motivadas.

Embora essa objeção à visão de Saussure pareça pertinente, vale salientar que as onomatopeias, por exemplo as que reproduzem os sons dos animais, variam de língua para língua. Se em português o cachorro rosna, em inglês essa voz é designada pelo verbo *snarl*. Quer dizer que nos Estados Unidos os cachorros rosnam diferentemente do Brasil? Claro que não. Então essas onomatopéias não são uma imitação natural desses sons.

Percebe-se, assim, que, para Saussure, a arbitrariedade dos signos decorre de uma convenção. No entanto, para ele, ser arbitrário não quer dizer que o significado será escolhido pelo falante ao seu bel prazer, já que o signo não é fruto de uma decisão individual, mas de uma convenção social, de um acordo coletivo entre os falantes.

Mas, é bom destacar que nem o próprio Saussure levou essa questão da arbitrariedade do signo ao extremo. Ele fez uma distinção entre o que é absolutamente arbitrário e o que é relativamente arbitrário. Tomemos como exemplo o signo *casa*, já aqui referido. Esse é um caso de arbitrariedade absoluta, pois não há, como já visto, nenhuma motivação que ligue o significante ao significado. Se tomarmos a palavra *bananeira*, por exemplo, vemos que ela se refere ao signo banana; o sufixo – eira faz parte de nomes de árvores como *amoreira*, *mangueira*... Esses casos de formação de palavras demonstram a existência de uma arbitrariedade apenas relativa.

É importante ressaltar que essa arbitrariedade do signo proposta por Saussure aplica-se aos signos verbais, às palavras. Se tomarmos outras linguagens, como, por exemplo, as visuais, veremos que há uma motivação entre o significante e o significado. Uma foto do mar, por exemplo, apresenta uma semelhança entre o significante e o significado.

Quando se trata de símbolos, a relação entre significado e significante pode ser motivada. Por que a cruz é o símbolo do cristianismo? Porque o significante lembra Cristo e sua morte.

Ainda sobre essa questão da arbitrariedade, Roman Jakobson concorda com a visão de Saussure, mas afirma que ela comporta variações. Para Jakobson, em todos os níveis da língua podem ocorrer motivações. A oposição entre fonemas graves, como o /a/, e agudos, como o /i/ pode sugerir a imagem de claro e escuro, do fino e do grosso... A esse respeito, observe as histórias em quadrinhos. Nelas, o riso de

homens e de mulheres é representado de forma diferente. *Hi, hi, hi*, para as mulheres, e *ha, ha, ha* para os homens.

Essa característica de motivação do signo observada por Jakobson é bastante evidente na linguagem poética. Quando a linguagem é utilizada nessa função, o poeta visa motivar a relação entre significante e significado. No texto poético, o plano da expressão não apenas veicula conteúdos, mas recria-os por meio dos diferentes modos de organização. Há, então, uma relação entre expressão e conteúdo. Isso se dá por meio de figuras como aliterações, assonâncias e de ritmos que imitam o conteúdo de que trata o poema. Vejamos como isso ocorre em um poema de Manuel Bandeira reproduzido a seguir.

Canção do vento e da minha vida

*O vento varria as folhas,
O vento varria os frutos,
O vento varria as flores...*

*E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De frutos, de flores, de folhas.*

*O vento varria as luzes,
O vento varria as músicas,
O vento varria os aromas...*

*E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De aromas, de estrelas, de cânticos.*

O vento varria os sonhos

*E varria as amizades...
O vento varria as mulheres...*

*E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De afetos e de mulheres.*

*O vento varria os meses
E varria os teus sorrisos...
O vento varria tudo!*

*E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De tudo.*

Observe que a aliteração do som /v/ mantém uma relação com o próprio som do vento que varre e, ao mesmo tempo, traz plenitude para a vida do eu-lírico.

2.2 Linearidade

Outra característica do signo linguístico, dessa vez mais visível, é que ele representa uma extensão linear. Ao ouvirmos, essa linearidade apresenta-se no tempo. Ao escrevermos, ela apresenta-se no espaço. Isso é uma característica das línguas naturais. Os signos, depois de produzidos, dispõem-se uns após os outros, temporal ou espacialmente, dependendo se a modalidade é falada ou escrita.

Dessa propriedade do signo linguístico decorre o fato de só podermos produzir um signo de cada vez. Uma palavra só pode vir após outra.

3. O plano denotativo e o plano conotativo

Se pararmos para observar o uso das palavras no dia-a-dia, veremos que elas sofrem constantemente alterações em seus significados.

Alguém se dirige a você e diz: “Ficou uma casa sobrando quando você abotoou a camisa”. O sentido da palavra casa, como já foi aqui referido, é “edifício de formatos e tamanhos variados, geralmente de um ou dois andares, quase sempre destinado à habitação”. No entanto, em português, essa palavra significa também “pequena abertura do vestuário em que entram os botões”. No primeiro sentido da palavra casa, temos um sentido denotativo; no segundo, um sentido conotativo. Mas, como surge esse sentido conotativo? Surge quando a um sentido já denotado é acrescentado um novo plano de conteúdo. No caso da palavra casa, acrescentou-se um segundo conteúdo à denotação “edifício de formatos e tamanhos variados, geralmente de um ou dois andares, quase sempre destinado à habitação”. Então, não seria mais simples afirmar que a conotação ocorre sempre que há mudança de sentido? Não. Se assim fosse, os sentidos se multiplicariam de forma caótica. Para ser criada uma conotação em relação a qualquer signo, é preciso que haja uma relação entre o significado acrescentado e o que já existe. A abertura do vestuário por onde entram os botões recebe o nome de casa porque, da mesma forma que as nossas residências, ela serve para abrigar.

A linguagem conotativa é explicada, principalmente, por dois mecanismos: a metáfora e a metonímia. Vejamos como funciona cada um deles.

A metáfora é o acréscimo de um significado a outro, quando entre eles existe uma relação de semelhança. Vejamos o verso a seguir, de uma canção de Djavan.

Amar é um deserto e seus temores

Amar = um deserto e seus temores

Amar é um deserto e seus temores (construção metafórica)

Nesse exemplo, o eu-lírico assemelha o ato de amar ao mar de incertezas que invade quem caminha no deserto. Nunca se sabe onde vai dar nem o que se vai encontrar pela frente. Pode ser algo ilusório como as miragens que surgem nos desertos quando se está em desespero.

Outro mecanismo de construção da linguagem figurada

manifesta-se quando somos capazes, por exemplo, de intuir o todo de um objeto ou de uma pessoa a partir da percepção de uma parte apenas. Nesse caso, temos a metonímia. Assim, quando ouvimos apenas a voz de alguém que conhecemos e intuímos esse alguém como um todo, estamos utilizando um modo metonímico de fazer referência ao mundo, isto é, estabelecemos uma relação de sentido pela proximidade, pela vizinhança, pela contiguidade.

Um exemplo corriqueiro de metonímia está no modo como designamos a seleção brasileira de futebol:

seleção canarinho

Observe o processo metonímico em ação: toma-se um detalhe – a cor da camiseta oficial da seleção (amarelo-canário) – para designar o conjunto dos jogadores que vestem aquela camiseta. Isto é, aproveita-se a proximidade (a contiguidade) cor da camiseta/jogadores para designar o conjunto (a seleção) pelo detalhe.

Eis outros exemplos de metonímias:

A parte pelo todo

A mão que toca um violão, se for preciso, faz a guerra.

A causa pelo efeito

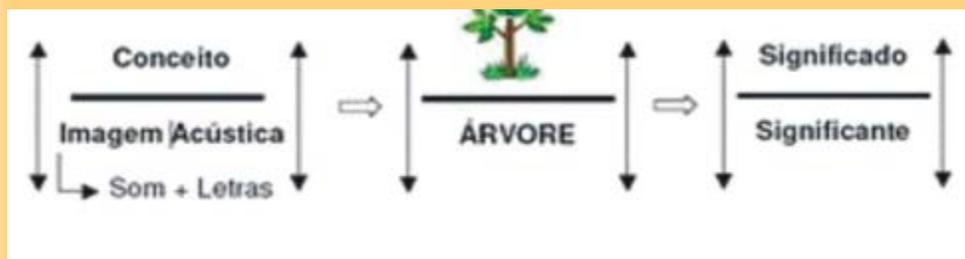
Respeite meus cabelos brancos.

A obra pelo autor

Ao longo do curso, a turma irá ler Machado de Assis.

Vemos, assim, que a metáfora e a metonímia tanto aparecem em textos considerados poéticos como em frases ditas no nosso cotidiano.

Atenção!



Mãos à obra

1. Descreva a concepção de signo linguístico elaborada por Saussure.

2. O que significa a afirmativa "um signo é o que os outros não são"?

3. Explique a diferença entre forma e substância.

4. Saussure definiu o signo linguístico como sendo resultado de uma relação arbitrária. O que isso significa?

5. Pode-se afirmar que Saussure foi radical ao estabelecer a arbitrariedade do signo linguístico? Justifique a sua resposta.

6. Por que a linguagem poética contraria a noção de arbitrariedade do signo linguístico?

7. Estabeleça a diferença entre o uso denotativo e o uso conotativo dos signos linguísticos.



Um passo a mais

SAUSSURE, F. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1969.

Para esta discussão é interessante a leitura dos seguintes capítulos: 1 e 2 da primeira parte; lá há uma apresentação da teoria saussureana do signo linguístico; no capítulo 4, há uma exposição sobre a teoria do valor e, no 6, o foco é a discussão acerca a arbitrariedade.

JAKOBSON, R. Linguística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 1969.

Interessa-nos, para esta discussão, principalmente a leitura do capítulo intitulado "À procura da essência da linguagem", no qual há uma explanação sobre a motivação do signo linguístico.



Vimos, nesta aula, a importância dos signos para o processo comunicativo. Privilegiamos, principalmente, o signo verbal por este ser alvo dos estudos linguísticos. O signo linguístico foi definido por Saussure como a junção de uma imagem acústica (significante) com um conceito (significado). Outra percepção importante de Saussure foi a de que os signos funcionam numa relação valorativa, quer seja por distinções de traços sonoros ou de traços de sentido. Daí decorre o acréscimo feito por Hjelmslev por meio da distinção entre forma e substância. Um ponto que até hoje promove debates nos estudos linguísticos, mas que foi brilhantemente estruturado por Saussure, é a característica da arbitrariedade dos signos linguísticos, ou seja, não há motivação entre os significantes e seus significados. Vimos que tal afirmação também comporta algumas exceções. Outro aspecto relevante no estudo dos signos é a percepção dos planos denotativo e conotativo da linguagem. Sem isso, fica difícil compreender algumas particularidades do processo comunicativo, como o funcionamento dos textos poéticos.

Agora que você percebeu a relevância de se compreender o funcionamento do signo linguístico para se estudar a linguagem, está preparado para estudar conceitos fundamentais para se compreender como a linguística trata o seu objeto: a língua. Este será o nosso próximo passo. Até lá.

Autoavaliação



Leia o texto que segue. Seu autor é Machado de Assis.

Um Apólogo

Machado de Assis

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada,

para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...

— Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você é imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo

pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da

costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o *plic-plic-plic-plic* da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte. Continuou ainda nessa e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava de um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

— Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Texto extraído do livro "Para Gostar de Ler - Volume 9 - Contos", Editora Ática - São Paulo, 1984, pág. 59.

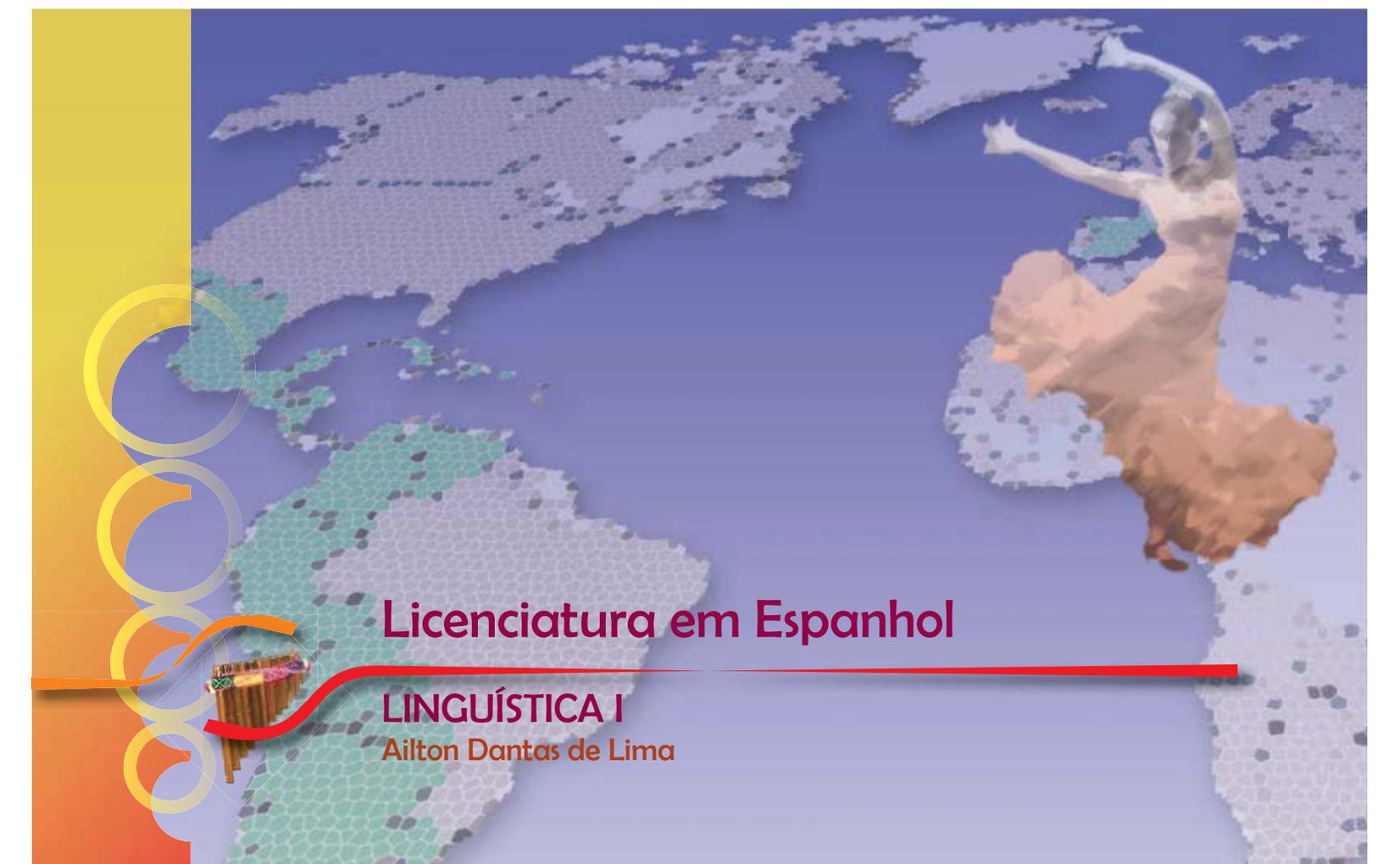
Sobre esse texto, o estudioso José Luiz Fiorin fez a seguinte afirmação: "O texto *Um apólogo*, de Machado de Assis, é um texto metafórico. Portanto, em sua integralidade, é um signo conotado." Você concorda com tal afirmação? Discuta com os seus colegas, argumentando em torno de seu ponto de vista.



Referências

FIORIN, J. L. (org.) Introdução à linguística. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C.(orgs.) Introdução à linguística: domínios e fronteiras. v.1. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.



Licenciatura em Espanhol



LINGÜÍSTICA I

Ailton Dantas de Lima



Aula
A língua: um objeto de estudo 04



©©©©

Apresentação e Objetivos



Neste aula, iremos apresentar conceitos referentes as à língua como sistema, conforme a concepção saussureana.

Para começar



Na aula anterior, vimos o quanto foi importante para os estudos linguísticos a noção de signo. Percebemos, por exemplo, que, de acordo com Saussure, uma palavra apresenta uma dupla face: a imagem acústica e o conceito. Vimos também o princípio da arbitrariedade do signo linguístico proposta por esse estudioso. Ou seja, a partir de agora, estamos percebendo que a palavra é algo que pode ser cientificamente investigado. É por isso que se pode afirmar que foi com Saussure que a linguística passou a ser reconhecida como ciência. É claro que estamos nos reportando a toda uma concepção de ciência dominante do final do século XIX para o início do século XX.



Assim é

Para entendermos um pouco a linguística que começava a ganhar ares de ciência, é preciso ter uma rápida ideia de como eram os estudos linguísticos no período em que Saussure fazia suas investigações.

Tomemos como exemplo uma comparação que alguém resolve fazer entre a língua portuguesa e a língua espanhola. Ao ler um texto, ele percebe a semelhança entre palavras como badajo e badalo, acuario e aquário, embrión e embrião. Caso a curiosidade dessa pessoa persista e ela resolva fazer uma análise mais sistemática das duas línguas, incluindo-se aí o contexto histórico de cada uma, descobrirá que há uma origem comum entre elas: o latim. Por isso tanta semelhança entre essas duas línguas.

O que essa pessoa fez, na verdade, foi comparar línguas à procura de semelhanças lexicais. Foi um método análogo a esse que dominou os estudos linguísticos no século XIX. Era o chamado método histórico-comparativo. É claro que, além de semelhanças lexicais, como no exemplo dado, também se procurava semelhanças gramaticais.

Saussure, também já era um nome que se destacava nesse tipo de pesquisa. Mas no início do século XX, o estudioso suíço veio trazer à linguística aquilo que a colocava ao lado de outras ciências: a definição de um objeto de estudo. Sua obra de peso, a qual não foi escrita por ele, mas elaborada a partir de anotações de seus alunos, é considerada uma das obras mais importantes da linguística: o Curso de linguística Geral, publicado em 1916, três anos após sua morte. Nessa obra, para demonstrar que um objeto de estudo varia dependendo do ponto de vista que se lança sobre ele, Saussure toma como exemplo a palavra nu. Para ele, essa palavra pode ser analisada sob dois pontos de vista. Um que a veria como correspondente ao latim nudum e, nesse caso, a análise estaria considerando as mudanças históricas da palavra. Porém, a palavra nu também poderia ser analisada como um som ou como a expressão de uma ideia. Neste caso, as mudanças históricas seriam desconsideradas.

Em Curso de Linguística Geral, Saussure elaborou quatro pares de conceitos os quais sintetizavam a sua proposta para criar o novo objeto da linguística. Esses pares de conceitos, os quais serão estudados a seguir, ficaram conhecidos como as dicotomias saussureanas. Apesar

de a palavra dicotomia significar divisão em partes iguais, em Saussure veremos que esses pares são definidos um em relação ao outro, um só faz sentido se comparado ao outro. Eis as quatro dicotomias de Saussure.

1. Sincronia x Diacronia

Deu para perceber, pelo que foi dito até aqui, que Saussure não inventou a linguística. Ele apenas apresentou outro ponto de vista pelo qual a língua, objeto de estudo da dessa ciência, podia ser estudada.

No século XIX, a linguística costumava ser chamada de linguística comparativa. Era assim chamada porque tinha como direcionamento metodológico a comparação entre fenômenos de línguas distintas. Tomemos como exemplo o seguinte quadro comparativo com a palavra pai:

Português	espanhol	Francês	Italiano
Pai	padre	Père	Padre

Se nos detivermos em um exame mais detalhado, perceberemos que há muitas semelhanças entre essas palavras. Um trabalho comparativo é capaz de reconstruir o percurso histórico de uma língua, ou seja, como uma língua muda através do tempo. Nesse exemplo, tem-se uma "língua-mãe" do português, do espanhol, do francês e do italiano: o latim. As línguas aqui relacionadas dela derivam.

Estamos, pois, diante de um ponto de vista estabelecido para se estudar uma língua. Estuda-se a língua observando-se apenas as suas mudanças. A esse modo de se estudar os fatos linguísticos, Saussure chamou de linguística diacrônica. Como o pensamento desse estudioso, como já vimos, é baseado em oposições, as quais são conhecidas como dicotomias, o outro modo de estudar os fatos linguísticos sem considerar as transformações através do tempo é a chamada linguística sincrônica. Nesse caso, isola-se um determinado estado da língua de suas mudanças através do tempo. Os elementos linguísticos são estudados sem preocupação com mudanças históricas. Interessa apenas as relações contraídas uns com os outros. O ponto de vista sincrônico cria, assim, o novo objeto da linguística: a língua como um sistema.

Para deixar mais claro o significado dos adjetivos sincrônico e diacrônico, convém saber a origem desses termos:

Diacronia, do grego dia, que significa através, e chrónos, que significa tempo.

Diacronia = através do tempo

Sincronia, do grego syn, que significa juntamente, e chrónos, que significa tempo.

Sincronia = ao mesmo tempo

2. Língua x fala

Ao estabelecer a dicotomia sincronia versus diacronia, Saussure apresentou duas maneiras de se estudar a língua. Quando estabeleceu a distinção língua versus fala, ele apresentou o conceito de língua. E o que é língua para Saussure? Para ele, língua se opõe à fala. Essa oposição se dá porque, na perspectiva saussureana, a língua é coletiva, é um sistema à disposição de todos os falantes. Por isso, ele considerou a língua como social. Já a fala é o uso particular que cada falante faz do sistema, que é a língua. Por isso, ele considerou a fala como individual. Para demonstrar isso, Saussure chamou a atenção para o fato de pessoas que falam a mesma língua conseguirem comunicar-se. Com base nessa conceituação, as falas de cada um são diferentes, mas a língua é a mesma.

Diante dessa distinção e buscando dar cientificidade aos estudos linguísticos, Saussure definiu como objeto de estudo da linguística a língua e não a fala. Lembre-se: para Saussure, a língua é um sistema, ou seja, é um conjunto de elementos organizados em que um elemento é definido pelos outros. Tais elementos são os signos linguísticos, já referidos no módulo anterior.

3. Significante x significado

Já vimos, em outro momento da nossa discussão, o conceito de signo linguístico. Se você está lembrado, para Saussure, o signo é uma relação entre um significante (imagem acústica) e um significado (conceito). Devemos ter cuidado para que esse conceito não seja entendido de forma muito simplista. Muitas pessoas pensam, por exemplo, que as coisas surgiram no mundo e, logo em seguida, surgiram as palavras para denominá-las. Por esse pensamento, poder-se-ia concluir que há uma relação direta entre as palavras e as coisas que elas denominam.

Se compreendermos bem a definição de Saussure, perceberemos que a relação entre significado e significante não é uma relação entre as palavras e as coisas. Nesse sentido, a língua não é apenas uma coleção de nomes. Se assim o fosse, a língua seria apenas um reflexo das coisas que existem no mundo. E o que dizer das diferenças existentes entre as línguas para se nomear a mesma coisa? No pensamento saussureano, essa relação entre os nomes e as coisas do mundo está fora dos domínios dos estudos linguísticos. Para a linguística, um signo ganha valor em relação a outro signo dentro do sistema linguístico e não fora dele. E esse sistema, que na visão de Saussure está disponível aos falantes, está ligado à visão de mundo desses falantes. O conceito de uma coisa que temos em nossa mente está diretamente ligado ao modo como expressamos esse conceito. E esses conceitos variam de língua para língua, pois cada uma delas possui seu próprio sistema de signos. Portanto, é a linguagem que dá sentido às coisas do mundo, é ela quem determina as coisas do mundo e não o contrário como muitas pessoas pensam. De acordo com Saussure, o signo não une uma palavra a uma coisa, mas um significante a um significado.

Você, a essa altura, poderia estar se perguntando: se há essa diferença de percepção da realidade entre as línguas, como é possível traduzir uma língua em outra? É claro que essas diferenças não impedem as traduções, mas, convenhamos, que a atividade de traduzir não é uma tarefa das mais fáceis. Aliás, parece ser consenso entre os tradutores que há línguas mais fáceis e outras mais difíceis de serem traduzidas.

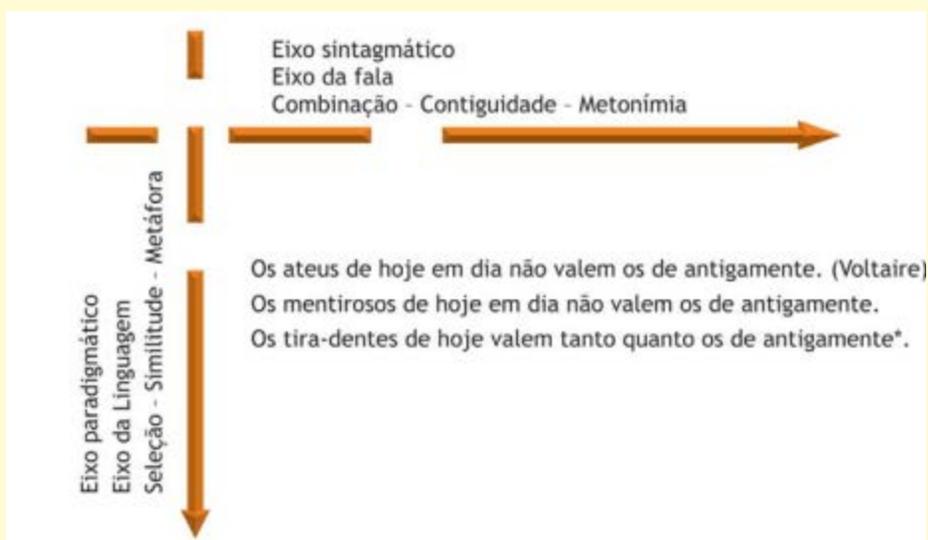
4. Paradigma x sintagma

Vimos aqui que Saussure concebeu a língua como um sistema no interior do qual os elementos linguísticos estabelecem relações. Essas relações são estabelecidas em dois domínios distintos.

Ao produzirmos uma fala, é impossível que os signos linguísticos ocorram de forma simultânea. Um após outro, eles vão formando um alinhamento revelando uma relação de combinação. Essas relações de combinação foram chamadas por Saussure de relações sintagmáticas. A palavra sintagma vem do grego *syntagma*, que significa coisa posta em ordem.

Além das relações sintagmáticas, o outro domínio de relação estabelecido por Saussure foi baseado na seleção dos elementos que são combinados. A seleção é feita por meio de associação considerando três

possibilidades distintas. No caso do exemplo a seguir, a associação se deu pelo significado em comum: cores. A essa associação entre os signos, Saussure denominou de relação paradigmática. A Palavra paradigma vem do grego paradégma, que quer dizer modelo. Dessa forma temos a dicotomia paradigma versus sintagma. Veja um esquema para uma melhor compreensão.



É bom lembrar que o paradigma não é qualquer associação de signos pelo sentido ou pelo som. Trata-se de um grupo de elementos linguísticos que podem ocupar o mesmo ponto de uma frase, se houver mudança de sentido. Dessa forma, na frase Os ateus de hoje..., no lugar de Os ateus poderia aparecer os mentirosos, os tira-dentes.. Tais elementos fazem parte de um paradigma, do qual o falante escolhe um termo para fazer parte da frase.

Mas, atenção. Em relação ao sintagma, nós não podemos sair por aí combinando quaisquer elementos. Como já foi dito que, para Saussure, a língua é um sistema, as combinações seguem um padrão definido por esse sistema. Por exemplo, em português, é possível combinar um artigo e um nome, como a casa. Mas será inaceitável a combinação casa a.

Assim, é preciso entender que o paradigma e o sintagma pertencem ao sistema da língua. O primeiro estabelece elementos que podem aparecer num dado momento da fala. O segundo procura sempre obedecer a uma regra pré-estabelecida para se combinar.



Atenção!

Saussure: as Ideias Linguísticas na Entrada do Século XX

O pensamento moderno sobre a linguagem instala-se a partir do início do século XIX, com a linguística comparativa. Neste momento a linguística se apresenta tomando como objeto a mudança linguística, motivada por um projeto de poder reconstituir o passado lingüístico das línguas européias e asiáticas. A questão principal aqui são as relações genealógicas entre as línguas, e o objeto do lingüista são as formas no seu processo de mudança. Toma-se uma forma para saber como ela era antes, busca-se reconstruir por comparação entre as línguas aparentadas (dizia-se da mesma família), o passado da forma em questão. Este procedimento, que se dá no interior de uma posição naturalista, biológica, sobre a linguagem, se caracteriza fundamentalmente pela formulação das chamadas leis fonéticas. Ou seja, as mudanças seriam resultado necessário de certas características das formas das línguas. Vamos dar um exemplo, tomando a passagem do latim vulgar (popular) para o Português: As palavras do Português mantêm a acentuação tônica do latim: muliére > mulher, intégru > inteiro, cathédra > cadeira, tenébras > trevas, etc.

Os estudos sobre a linguagem tomaram a forma que têm hoje a partir de mudanças no domínio da linguística, constituídas no início do século XX, pelo abandono do naturalismo dominante no comparatismo do século XIX. É deste momento um dos três principais movimentos fundadores nos estudos lingüísticos naquele século, o curso de linguística geral de Ferdinand Saussure, na universidade de Genebra, nos anos de 1906-1907, 1908-1909, 1910-1911. Este curso foi posteriormente transformado em livro, por dois de seus discípulos (Charles Bally e Albert Sechehaye), depois da morte de Saussure, a partir das anotações de vários de seus alunos.

A posição de Saussure, vindo do comparatismo do século XIX, no qual ele se formara, procura, de algum modo, ligar duas tradições daquele momento, a alemã e a francesa. É assim que Saussure chega a sua clássica distinção entre língua e fala, como forma de definir um objeto específico para a linguística, que, segundo ele, apresentasse

uma homogeneidade interna, sem o que seria impossível pensar a linguagem cientificamente. A língua é este objeto homogêneo que ele caracteriza como uma sistema de formas que se caracterizam pelas relações que têm umas com as outras. Estamos diante de uma concepção da língua como sistema, que substitui a concepção naturalista, organicista, e atomista, própria do comparatismo. E ao lado dessa distinção Saussure coloca uma outra, a distinção entre sincronia e diacronia. Assim, embora ele reconheça o lugar dos estudos das mudanças, considera que a linguística deveria colocar no centro de seu interesse o estudo do sistema da língua, num momento dado. Segundo ele, no funcionamento da língua, não se é levado pelo que as formas foram, mas por aquilo que elas são e pelas relações que elas têm naquele momento da história. Para quem fala não interessa se mulher veio de muliére, mas que mulher se opõe a homem, por exemplo. Está em questão aqui relações sistemáticas de simultaneidade e não relações de sucessão.

Assim temos no campo da linguística o problema da descrição do que a linguística chamou depois de estrutura, ao lado do estudo da mudança. E a linguística do século XX, embora tenha sido basicamente sincrônica, manteve forte produção na linha histórica, evidentemente afetada pelo corte da distinção saussureana que, ao estabelecer a língua como objeto da linguística, constituiu um objeto no qual não estavam incluídas as questões do sujeito, da relação com o mundo, e mesmo a questão da significação, que foi substituída por aquilo que Saussure chamou de valor das formas linguísticas. Estamos aqui no domínio do lingüístico enquanto relação com o lingüístico. Ou seja, nada no lingüístico é externo à língua. Neste caso, por exemplo, não interessa a relação das formas da língua com os objetos do mundo ou com o pensamento. Não está em questão em Saussure nem a referência, nem a expressão do pensamento. Busca-se estar num domínio autônomo que não é o filosófico nem no sentido aberto por Platão, de um lado, nem no de Aristóteles, de outro. Nem no sentido de Descartes, no século XVI (que retoma Platão num certo sentido), em que a questão é cognitiva (ligada à estrutura do pensamento).

(GUIMARÃES, E. Os estudos sobre linguagem: uma história das ideias. Disponível em: < <http://www.comciência.br/reportagem/linguagem/ling14.htm>. Acesso em 11 jan. 2010.)



Mãos à obra

1. Estabeleça uma diferença entre os estudos linguísticos antes e depois de Saussure.
2. O que era a língua para Saussure?
3. Por que Saussure decidiu tomar apenas a língua como objeto de estudo e não a fala?
4. Por que, para Saussure, não há uma relação direta entre os nomes que damos às coisas e as coisas existentes no mundo?
5. Explique a diferença entre relações sintagmáticas e relações paradigmáticas.



Um passo a mais

DUCROT, O; TODOROV, T. Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem. 2.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

DUBOIS, J. et al. Dicionário de Linguística. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

Ambos são dicionários de referência dentro dos estudos da linguagem e devem ser consultados para dirimir dúvidas tanto no que se refere à terminologia como no desenvolvimento de pesquisas em linguística.



Já sei!

Vimos, nesta aula, que a grande contribuição de Ferdinand Saussure para os estudos linguísticos foi definir um objeto de estudo para a ciência que começava a se firmar como tal; a linguística. Estabelecendo que é o ponto de vista que cria o objeto a ser estudado, Saussure, que já desenvolvia trabalhos numa perspectiva da linguística comparativa, metodologia dominante até fins do século XIX, percebeu que, para ganhar o status de ciência conforme os padrões da época, a linguística necessitava de um olhar que lhe desse um objeto preciso. Para caracterizar esse objeto, o estudioso lançou mão de conceitos que ficaram conhecidos como as dicotomias saussurianas. Em contraposição aos estudos diacrônicos que dominavam os estudos linguísticos, propôs que a língua fosse estudada pelo olhar sincrônico, isto é, estudada desconsiderando-se as transformações ocorridas através do tempo. É claro que esse novo olhar exigia um conceito de língua coerente com os objetivos a serem perseguidos. Dessa forma, Saussure apresentou a língua como sendo um sistema estruturado no qual os elementos adquirem valor na relação uns com os outros. Se o valor dos elementos linguísticos é estabelecido dentro do próprio sistema, então cai por terra aquela visão de que há uma relação direta entre os nomes e as coisas que existem no mundo, exteriores ao sistema. Na perspectiva saussuriana, o signo é resultante da junção de um significante (a imagem acústica) e o significado (o conceito que temos em mente). Outra dicotomia estabelecida pelos estudos saussurianos foi sintagma/paradigma. Ela estabelece que as relações entre os elementos, dentro do sistema linguístico, não se dão de forma aleatória, mas seguem padrões de seleção e de combinação sem os quais a comunicação seria caótica.

Os conceitos formulados por Saussure foram fundantes para os estudos linguísticos modernos.

Autoavaliação



Pesquise, em gramáticas escolares da língua portuguesa, e discuta com os seus colegas se o conceito de língua apresentado por esses manuais se afasta ou se aproxima da concepção de língua proposta por Saussure. Em seguida responda: as críticas feitas pelos linguistas às gramáticas tradicionais procedem? Por quê?

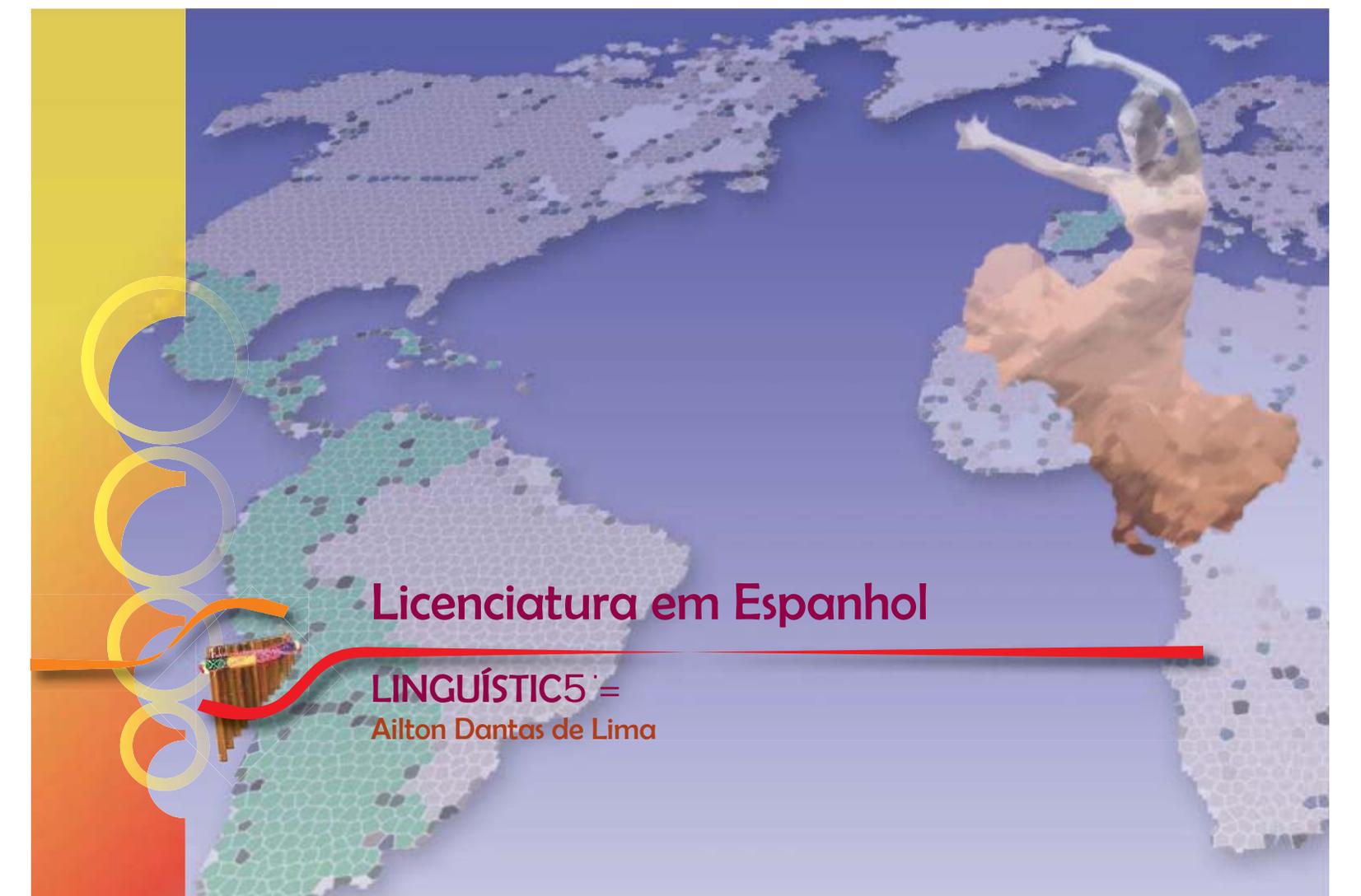
Referências



DUBOIS, J. et al. Dicionário de Linguística. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

FIORIN, J. L. (org.) Introdução à linguística. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C.(orgs.) Introdução à linguística: domínios e fronteiras. v.1. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.



Licenciatura em Espanhol

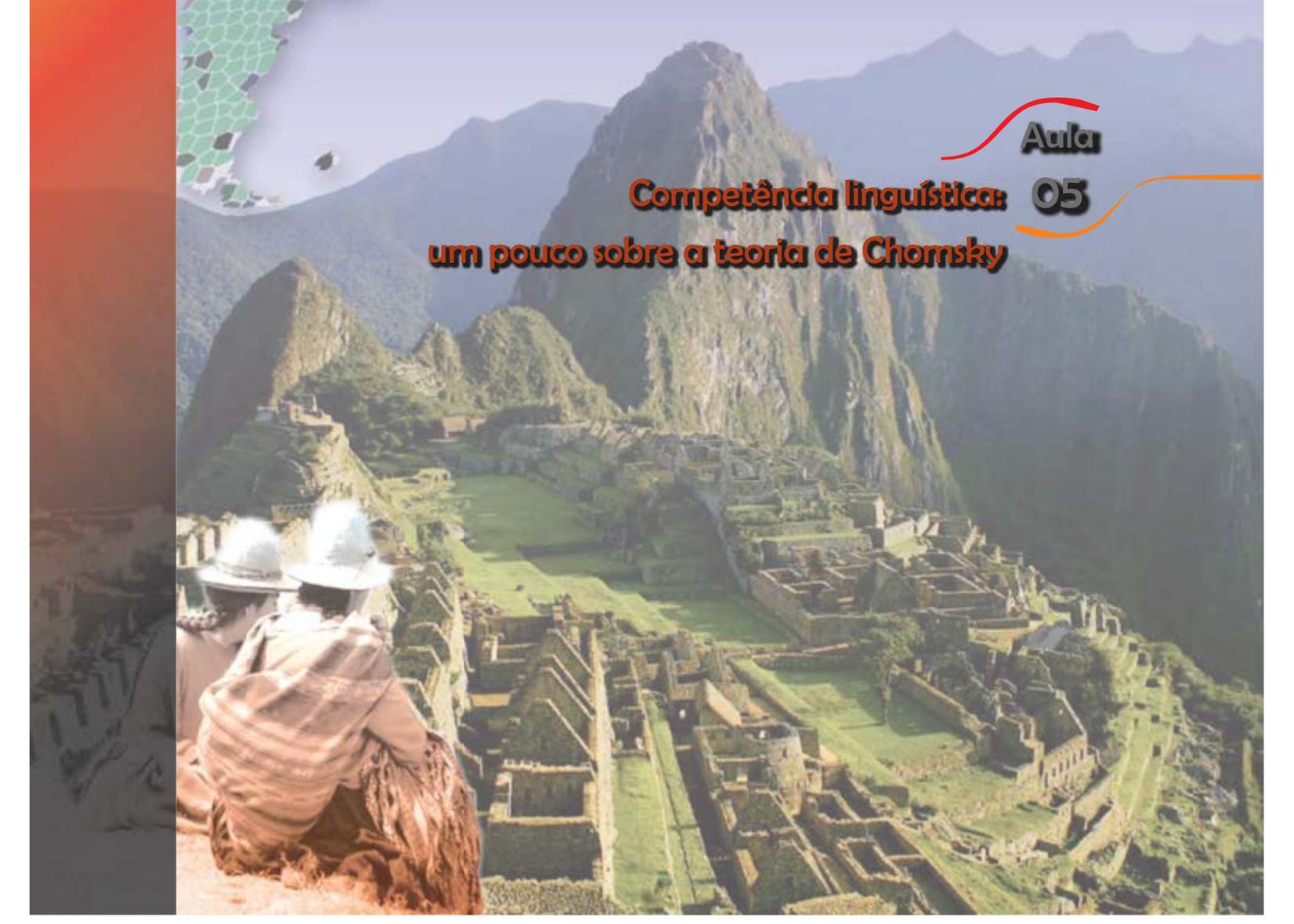


LINGÜÍSTIC5 =
Ailton Dantas de Lima



Aula

05



Competência linguística: um pouco sobre a teoria de Chomsky



©©©©

Aula 05

Competência linguística: um pouco sobre a teoria de Chomsky

Apresentação e Objetivos



Na aula anterior, vimos conceitos que foram decisivos para a consolidação da linguística como ciência. As conceituações de Saussure contribuíram para a definição de um objeto de estudo, a língua, entendida como sistema. Nas aulas de 1 a 4 você teve acesso aos postulados fundamentais dos estudos linguísticos. Essas conceituações servirão de referência para discussões futuras sobre a linguagem, seja para confirmar conceitos ou negá-los. É claro que esses estudos não pararam com os trabalhos de Saussure. Seguindo-se a seus ensinamentos, houve avanços nas maneiras de se perceber os fatos linguísticos.

Agora, teremos contato com outras ideias sobre os tais fatos que também foram consideradas marcantes no pensamento sobre a linguagem. Esta aula objetiva apresentar a noção de competência linguística advinda dos estudos de Noam Chomsky.

Para começar



Para nos prepararmos para entender a noção de competência linguística, vamos partir de uma situação cotidiana. Os alunos sempre questionam o porquê de terem de estudar português do início ao fim do período escolar obrigatório se já são falantes dessa língua. Já quando se trata de uma língua estrangeira, o espanhol, por exemplo, a necessidade é por esses alunos justificada por ser uma língua que eles não sabem ainda falar.

Mas, se compararmos as aulas de língua portuguesa com as de

uma língua estrangeira, veremos que há diferenças. Em uma aula de espanhol, por exemplo, aprendem-se palavras que formam o vocabulário dessa língua, com seus significados e as pronúncias corretas. O objetivo, nesse caso, é que o aluno se torne tão proficiente quanto um falante nativo dessa língua.

Nas aulas de português, nossa língua materna, a história é diferente. Além de aprender o significado de palavras e sons, a ler e escrever, o aluno precisa aprender a adequar a linguagem a diferentes situações sociais e a construir textos com uma argumentação eficiente. Como nesse caso o aluno já possui um conhecimento linguístico anterior, espera-se que ele aprenda a usar esse conhecimento de forma adequada. Qualquer criança brasileira que começa a estudar português já sabe construir frases do tipo: *A casa da minha tia é longe.*

E o que isso tem a ver com o que iremos estudar? A partir dessa pequena ilustração, percebemos que todos nós temos um conhecimento linguístico independente do que nos foi ensinado pela escola. Em relação a isso, o linguista americano Noam Chomsky elaborou a chamada Teoria Gerativa, cujo objetivo era descrever e explicar algumas características sobre o conhecimento linguístico adquirido nos nossos primeiros anos de vida.



Assim é

Como se manifesta o conhecimento linguístico?

Segundo a Teoria Gerativa, nós nascemos dotados de uma faculdade de linguagem, que é um componente do cérebro dedicado especificamente à língua. Todas as crianças, ao nascerem, apresentam essa faculdade de forma idêntica. À medida que a criança vai entrando em contato com um determinado ambiente linguístico, vai sofrendo

modificações em relação a esse estágio inicial. Para Chomsky, uma criança que nasce em um ambiente em que se fala o português vai desenvolver o conhecimento dessa língua. Isso é resultado das informações genéticas que ela traz da faculdade da linguagem em seu estágio inicial as quais interagem com a língua com a qual é posta em contato. O mesmo irá ocorrer se a criança for posta em contato com o japonês, por exemplo.

Esse estado inicial da faculdade da linguagem foi denominado de *gramática universal*. Trata-se de um conjunto de princípios linguísticos determinados geneticamente. Essa gramática seria constituída por dois tipos de princípios, uns rígidos outros abertos.

- a) Os objetivos da gramática gerativa são: descrever o conhecimento linguístico que qualquer falante de qualquer língua atinge;
- b) caracterizar a gramática universal;
- c) explicar os processos que levam uma criança da gramática universal para o conhecimento de sua língua.

Sob a ótica da teoria gerativa, a ordem linear das palavras em uma frase segue, na verdade, a uma competência do falante em organizar, de maneira estruturada, esses constituintes básicos.

Observe a frase:

O menino viu o gato

Trata-se de uma frase aceitável do ponto de vista da ordem linear de seus elementos. Mas, se essa mesma frase fosse assim estruturada: *Gato menino o viu o*, seria considerada uma sentença agramatical, uma não-sentença.

Dentro desse quadro teórico, considera-se que uma sentença é agramatical quando não é gerada por uma gramática. Entenda-se por gramática, nessa teoria, a um conhecimento internalizado de que o falante de uma determinada língua dispõe. Isso nada tem a ver com normas gramaticais, aquelas que aprendemos na escola.

Duas noções importantes na teoria gerativa são: competência e desempenho. Nesse caso, competência é a gramática que todo falante traz interiorizada. O desempenho é o uso concreto que cada falante faz desse conhecimento internalizado.

Após o estabelecimento dessas noções, em outro momento de suas pesquisas, Chomsky apresentou o Modelo de Princípios e Parâmetros. Esse modelo concebe as línguas humanas como sistemas constituídos por princípios universais apresentados por toda e qualquer língua. Dentro desses princípios há parâmetros responsáveis por especificar propriedades que variam de língua para língua.

Vamos procurar, agora, ilustrar com que tipo de investigação se ocupa a Teoria Gerativa aqui apresentada. Tomaremos um fato da sintaxe do português.

Quando estudamos a gramática tradicional, aprendemos que os verbos que têm um sujeito e um objeto direto apresentam a forma da voz passiva. Vejamos alguns exemplos desse fato:

a) O menino chutou a bola. / A bola foi chutada pelo menino.

b) O gato comeu o peixe. / O peixe foi comido pelo gato.

Seguindo esse raciocínio, poderíamos tomar qualquer verbo transitivo direto, como é o caso dos que aparecem nesses exemplos, e aplicar a regra da passivação. Tomemos, então, o verbo quebrar.

c) O ladrão quebrou a vidraça. / A vidraça foi quebrada pelo ladrão.

Até aqui, tudo bem. Mas, vejamos outra situação:

d) Antonio quebrou o braço. / O braço foi quebrado por Antonio (?)

Observe que, ao tentarmos interpretar o exemplo (d), o entendimento é que Antonio quebrou o próprio braço. Se se quer entender que o braço era do próprio Antonio, isso se torna uma frase estranha ao português. Nos outros exemplos, ao contrário de (d), tem-se um bom resultado dessa transformação. Mas, o questionamento interessante, que tem a ver com a teoria que está sendo apresentada, é: como é que, nós, falantes nativos do português, sabemos que a sentença (d) não nos fornece uma interpretação desejada, se o verbo empregado é transitivo direto? Isso não é aprendido nas escolas, uma vez que as gramáticas normativas não preveem esses casos. Aí é que entra o conceito de Chomsky de gramática universal.

Atenção!



O formal e uma nova busca da gramática

Um dos movimentos fundamentais da linguística do século XX é marcado pelo trabalho de Chomsky, que se inscreve numa tradição americana da linguística. Ele busca, ao mesmo tempo, para fundamentar uma nova posição biológica para a linguagem, o cognitivismo do século XVI. Aqui a Linguagem passa a estar diretamente ligada à questão do pensamento e aparece como instrumento de expressão do pensamento. Isto se constitui a partir de uma posição metodológica claramente formal e lógica. O trabalho de Chomsky e a Gramática Gerativa e Transformacional colocam como central na linguística as relações das unidades linguísticas entre si, ou seja, a sintaxe. Para ele as pessoas falam porque têm um órgão da linguagem. A capacidade (o que o gerativismo chama competência) para falar é inata na medida mesmo em que é biológica. Deste modo Chomsky recoloca a linguística no domínio das ciências da natureza, tal como no comparatismo do século XIX, com uma diferença fundamental: o biologismo é posto fora do historicismo. O Biológico é pensado a partir de uma concepção universal e não a partir de uma visão de uma história natural, em que o que se punha em realce eram as diferenças entre as espécies, etnias, etc. Para Chomsky a questão é que o Humano é biologicamente universal e é o mesmo para todos, e a linguagem é parte desta caracterização naturalista e universal do homem.

Na medida em que se constitui como uma gramática, a teoria chomskyanaconcebeoconhecimentosobreaslínguascomoumconjunto de regras de como formar frases. Estas regras são consideradas como constituindo a competência dos falantes, considerados idealmente, ou seja, fora de qualquer situação histórica particular.

Este movimento formal encontra também sua face semântica. Baseando-se em posições da lógica do final do século de XIX e início do século XX (como os de Frege e Russell, desenvolve-se um estudo da significação que se formula como um sistema lógico e constitui a noção de sentido a partir do conceito de verdade. Ou seja, está-se aqui numa posição relacionada ou ao idealismo platônico, ou ao pensamento aristotélico. Estes estudos se dão com frequência no interior da filosofia da linguagem, onde encontramos autores como Wittgenstein (do tratado

lógico-filosófico), Grice e Davidson .

(GUIMARÃES, E. Os estudos sobre linguagem: uma história das ideias. Disponível em: < <http://www.comciência.br/reportagem/linguagem/ling14.htm>. Acesso em 11 jan. 2010.)



Mãos à obra

1. Como a linguagem é concebida pela Teoria Gerativa?

2. O que significa uma sentença agramatical ? Exemplifique.

3. Dê um exemplo concreto que ilustre as noções de competência e desempenho formuladas por Chomsky.



Um passo a mais

CHOMSKY, N. O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso. Tradução Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves. Lisboa: Editorial Caminho, 1986.

A leitura, principalmente dos dois primeiros capítulos desse livro, nos faz entrar em contato com os fundamentos da gramática

gerativa. É uma leitura densa, porém imprescindível, sobretudo para os interessados em estudar sintaxe.

Já sei!



Nesta aula, apresentamos a visão teórica de Noam Chomsky sobre a linguagem. Trata-se de uma teoria que considera a capacidade de linguagem dos seres humanos como algo inato, denominada de Teoria Gerativa. De acordo com essa teoria, a estrutura da linguagem estaria inscrita no código genético da natureza humana e seria ativada pelo meio após o nascimento. Com base nesse pensamento, Chomsky elaborou as noções de competência e desempenho. Elaborou também o Modelo de Princípios e de Parâmetros para demonstrar que há princípios gerais a todas as línguas, mas há parâmetros que consideram as particularidades dessas línguas. Os estudos da Teoria Gerativa, conhecida como Gerativismo, mostraram que, mesmo sem conhecer as orientações normativas de uma língua, o falante nativo é capaz de reconhecer se uma determinada sentença é gramatical ou agramatical.

Autoavaliação



Pesquise, entre falantes da sua comunidade (inclua aí, também, cartazes, anúncios etc), fatos linguísticos que, do ponto de vista normativo, seriam inaceitáveis, mas do ponto de vista do sentido seriam aceitáveis.



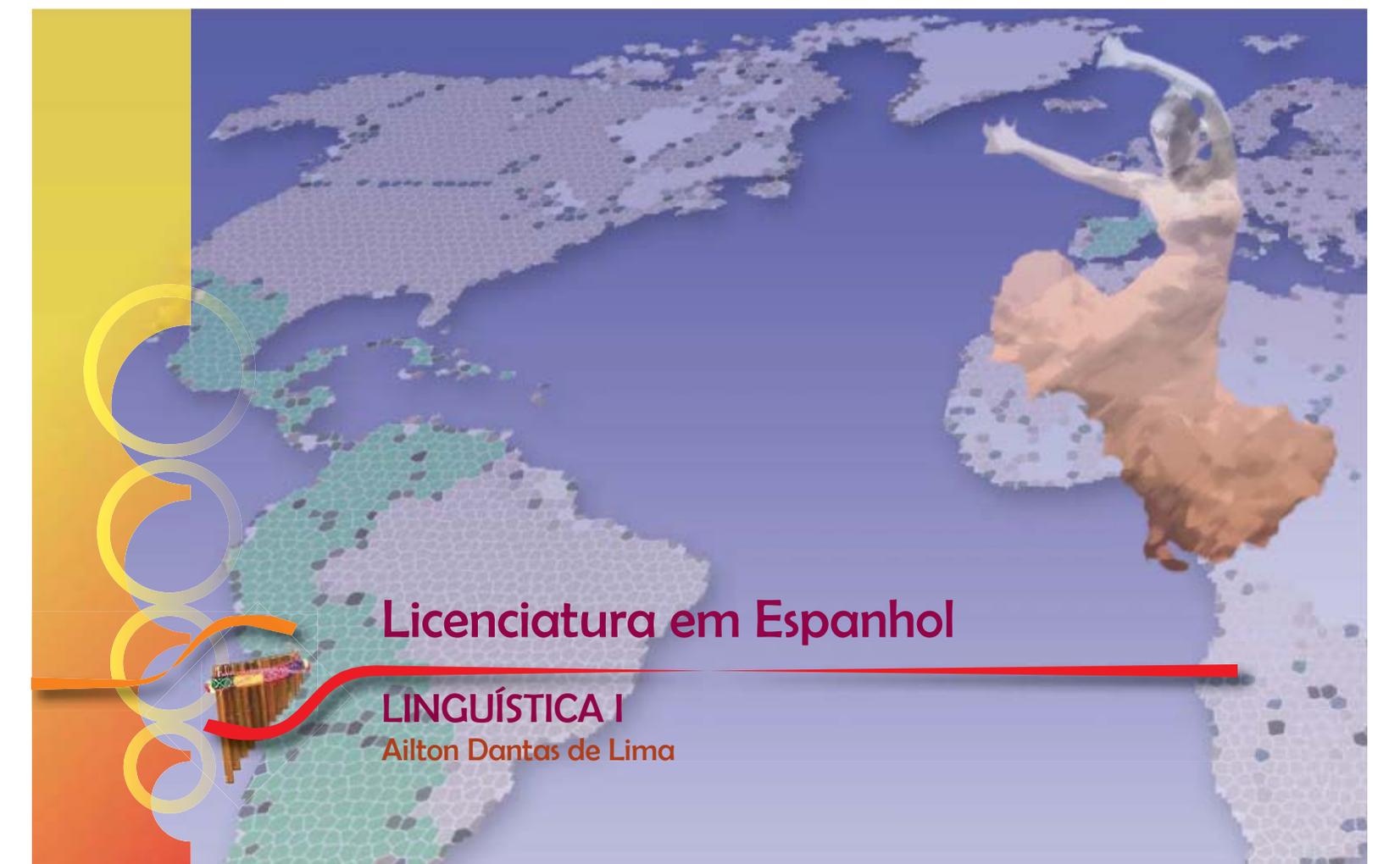
Referências

DUBOIS, J. et al. Dicionário de Linguística. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à linguística. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LYONS, J. Linguagem e linguística: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.



Licenciatura em Espanhol



LINGÜÍSTICA I

Ailton Dantas de Lima

Aula

Sociolinguística: 06

conceito e objeto de estudo





©©©©

Aula 06

Sociolinguística: conceito e objeto de estudo

Apresentação e Objetivos



Na aula anterior, foram apresentados alguns conceitos considerados marcantes nos estudos linguísticos. Trata-se de uma visão mentalista da linguagem que postula ser essa uma capacidade inata de todo ser humano. O seu representante foi Noam Chomsky. Você está começando a perceber que, a partir dos estudos de Saussure, caracterizadores da ciência linguística, começaram a surgir novas investigações que resultaram em olhares diferentes sobre a língua. Alguns complementares às ideias sussureanas, outros, como você irá estudar em outros momentos, que se opõem à visão de língua como sistema.

A partir de agora, iremos começar a estudar as áreas de estudo que foram se desenvolvendo para dar conta de novas percepções teóricas. Nesta aula, objetivamos apresentar os fundamentos da sociolinguística.

Para começar



Para começarmos a entender o que vem a ser a sociolinguística, é preciso partir de uma afirmação considerada, hoje, inquestionável: linguagem e sociedade estão ligadas entre si. Se investigarmos a história da humanidade, perceberemos que ela é construída por seres organizados em sociedade os quais possuem um sistema de comunicação, ou seja, uma língua. Se isso parece ser uma coisa tão óbvia, então, por que criou-se uma área de estudos dentro da linguística para se preocupar com a relação língua-sociedade?

Para respondermos a esse questionamento, devemos considerar

que, nem sempre os estudos linguísticos consideraram esse fato que parece tão óbvio. E isso não pode ser considerado um defeito, já que todo estudo científico assume posições que estão em sintonia com a tradição cultural da época.

Vejam o caso de Saussure, aqui já tão citado e considerado o fundador dos estudos linguísticos modernos. Ao determinar que a língua seria o objeto de estudo da linguística, ele excluiu toda a consideração de natureza social, histórica e cultural. Ou seja, a língua é uma abstração do uso concreto, que seria a fala. Quer dizer: ele percebeu que existia um uso concreto do sistema abstrato, mas não considerou tarefa da linguística estudá-lo. É bom lembrar que o modelo de ciência dominante à época pregava a exatidão dos fenômenos investigados. Assim, o que não fosse passível de ser observado, medido, classificado, deixaria de ser científico. Portanto, era inviável, para Saussure, estudar a fala, que é o uso que cada falante faz do sistema.

Entendeu por que em um determinado momento a linguística teve de se preocupar em estudar a relação entre língua e sociedade? Não vamos condenar Saussure por não ter feito isso.



Assim é

O termo *Sociolinguística*, que faz referência a uma área da linguística, teve o seu uso tornado corrente em 1964. Em um congresso realizado nos EUA, estudiosos, liderados por William Bright, puseram-se a discutir questões inerentes à relação entre língua e sociedade.

Após a realização desse congresso, começaram a ser publicados trabalhos sobre o tema. A nova área de estudos, segundo Bright, deveria se propor a investigar as relações entre as variações linguísticas observáveis em uma comunidade e as diferenciações existentes na estrutura social dessa sociedade. Assim, conforme esse autor, o objeto de estudo da Sociolinguística é a diversidade linguística. Tal diversidade

estaria relacionada aos seguintes fatores:

- a. a identidade social do falante (quando quer se estudar, por exemplo, a diferença entre falas femininas e masculinas);
- b. a identidade social do receptor ou ouvinte (quando se quer estudar, por exemplo, a fala que os adultos usam para comunicarem-se com os bebês);
- c. o contexto social (quando se quer estudar , por exemplo, as diferenças, as formas e os usos do estilos formal e informal de uma língua);
- d. o julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento lingüístico e sobre o dos outros.

É importante ressaltar que o surgimento da sociolinguística se dá em um momento em que havia uma dominância dos estudos da gramática gerativa de Chomsky que, como vimos anteriormente, tratava da relação entre linguagem e mente. Assim, em oposição a uma visão de língua como inata à espécie humana surgia a visão de língua relacionada ao contexto social. Vários estudiosos contribuíram para a consolidação da nova área de estudos, dentre eles F. Boas, Edward Sapir e Benjamin L. Whorf. Era o surgimento, dentro da linguística, de uma área voltada para o estudo do fenômeno linguístico dentro do contexto social.

Deve-se registrar que o surgimento da sociolinguística foi precedido pelo trabalho de pesquisadores como Hymes, que com uma proposta de trabalho interdisciplinar objetivava descrever e interpretar o comportamento linguístico no contexto cultural. A partir da observação da fala e das regras sociais próprias de cada comunidade, Hymes procurou definir as funções da linguagem.

Outro nome de destaque nos estudos sociolinguísticos foi o de Labov. Ele publicou um trabalho clássico sobre o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da diversidade linguística. Nesse trabalho, Labov estabelece uma relação entre fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude e o comportamento linguístico das pessoas.

Pelo que vimos até aqui, há um objeto claro para se estudar na Sociolinguística: a língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, ou seja, em situações reais de uso. Para realizar trabalhos nessa perspectiva, considera-se a existência de uma comunidade linguística, isto é, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas relacionadas ao

uso da língua. Isso não significa que todas as pessoas dessa comunidade falam da mesma maneira. O que há são indivíduos que se relacionam por diversos sistemas de comunicação, mas orientam suas manifestações verbais a partir de um mesmo conjunto de regras.

Um exemplo de como isso funciona é o caso do uso do modo imperativo em português. Para nós, esse modo denota ordem, conselho, solicitação, conforme o significado do verbo empregado e o tom de voz do falante, como em "Ouve este conselho", "vai-te embora!"...

O pesquisador, dependendo do alcance visado e considerando o objeto de trabalho da sociolinguística, pode descrever comunidades de falas as mais variadas, como a cidade do Natal, Manaus ou São Paulo. Como também pode escolher uma comunidade de pescadores do interior do Rio Grande do Norte, ou de adolescentes que frequentam shoppings...

Em um trabalho a partir de comunidades linguísticas, a constatação primeira é a existência de diversidade. Mesmo formando uma comunidade, percebe-se a existência de diferentes maneiras de falar. Essas diferenças são chamadas, na Sociolinguística, de **variedades linguísticas**. O conjunto dessas variedades é chamado de **repertório verbal**.

Um exemplo de diversidade linguística é a situação da Bélgica, país bilingue que fala francês e flamengo (uma variedade do holandês). Lá funcionários administrativos do governo, os quais sabem o holandês muito bem, nem sempre falam holandês entre si. Há ocasião em que falam francês entre si. E, mesmo quando usam o holandês, eles o fazem de duas maneiras: ora usam o holandês considerado padrão ora, em situações menos formais, usam variedades regionais da língua holandesa.

Se tomarmos como exemplo desse mesmo fenômeno a cidade de Salvador, no Brasil, vemos que há variedades distintas entre os habitantes dessa cidade. Há modos diferentes de falar em função da origem regional, da classe social, das atividades profissionais que exercem, do grau de escolaridade e até da situação (mais formal/menos formal) na qual se encontram. Um mesmo habitante de Salvador, conforme a situação de formalidade em que se encontra poderá usar expressões como "fiquei retado" ou "fiquei aborrecido". É claro que isso também se aplica a outras comunidades em outras cidades. Basta perceber o modo de falar dos natalenses que moram em bairros centrais e compará-lo com o modo de falar dos habitantes de bairros afastados com grande incidência de pessoas vindas do interior do Rio Grande do Norte, por exemplo.

Essa demonstração feita nos exemplos anteriores ocorre em qualquer língua e em qualquer comunidade. Toda língua apresenta variações. Uma língua não é uma entidade homogênea. O que se chama língua portuguesa, na verdade, envolve os diferentes modos de falar essa língua no Brasil, em Portugal, Angola... Do mesmo modo, o que se chama língua espanhola são os diferentes falares da Espanha, do México, do Peru...

Há quem ache a existência dessas diferenças como sendo um problema, mas a Sociolinguística as vê como uma qualidade inerente ao fenômeno linguístico. Assim, ao se estudar uma língua, não devemos buscar apenas o que é invariável, com base apenas nas noções saussureanas de língua e fala, ou então de competência e desempenho, como postulou Chomsky. Esses estudiosos deram conta apenas de uma parte do fenômeno linguístico. E fizeram isso muito bem. A Sociolinguística veio dar conta do que não lhes interessava.



Atenção!

SOCIOLINGUÍSTICA – UMA ENTREVISTA COM WILLIAM LABOV

William Labov
Universidade da Pennsylvania

ReVEL – O senhor teve uma enorme importância nos desenvolvimentos da Sociolinguística nos Estados Unidos. E pode ser considerado o fundador da Sociolinguística Variacionista. O senhor poderia nos contar um pouco sobre a sua história no campo da Sociolinguística?

Labov – Quando eu comecei na Linguística, eu tinha em mente uma mudança para um campo mais científico, baseado na maneira como as pessoas usavam a linguagem na vida cotidiana. Quando eu

comecei a entrevistar pessoas e gravar suas falas, descobri que a fala cotidiana envolvia muita variação linguística, algo com que a teoria padrão não estava preparada para lidar. As ferramentas para estudar a variação e a mudança sincrônica surgiram dessa situação. Mais tarde, o estudo da variação linguística forneceu respostas claras para muitos dos problemas que não eram resolvidos por uma visão discreta da estruturalinguística.

ReVEL – Qual é o objeto de estudo da Sociolinguística?

Labov – É a língua², o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana. Esse é o objeto que é o alvo do trabalho em Variação Linguística. Existem outros ramos da Sociolinguística que estão preocupados primordialmente com questões sociais: o planejamento linguístico, a escolha pela ortografia oficial e outros que se preocupam com as consequências das ações de fala. Todas essas são importantes áreas de estudo, mas eu sempre tentei abordar as grandes questões da Linguística, como determinar a estrutura da linguagem – suas formas e organização subjacentes – e conhecer o mecanismo e as causas da mudança linguística. Os estudos da linguagem usada no dia-a-dia provaram ser bastante úteis para alcançar esses objetivos.

ReVEL – Em se tratando de variação fonológica, o senhor vê algum conflito ou complementaridade entre a Teoria da Variação e teorias de base gerativista, como, por exemplo, a Fonologia Lexical ou a Teoria da Otimidade (OT)?

Labov – Recentemente frequentei um workshop sobre variação linguística ministrado por fonólogos que estão interessados exatamente nesta questão. O trabalho que comecei em 1967 sobre a análise das restrições internas no apagamento do –t,d em inglês ainda é um tópico central para os fonólogos que estão tentando incorporar a variação linguística em seus modelos formais. A Gramática Harmônica, a OT Estocástica, a Stratal OT são as opções que estão sendo consideradas. O criador da Fonologia Lexical, Paul Kiparsky, desenvolveu a Stratal OT como uma maneira de capturar os insights da Fonologia Lexical juntamente com a habilidade da Teoria da Otimidade em lidar com um ranqueamento variável de restrições. O tratamento de relações fundamentais descobertas no trabalho sociolinguístico é um problema central para esses desenvolvimentos formais.

ReVEL – Qual é o futuro da Sociolinguística? Qual é o futuro

da Sociolinguística Variacionista?

Labov – A Linguística não é uma ciência previsível, e eu prefiro deixar o futuro acontecer em seu devido tempo. O que irá determinar o futuro serão os resultados dos estudos em variação linguística, se eles provarem ser uma rota positiva e cumulativa para responder nossas questões fundamentais sobre a natureza da linguagem⁴ e das pessoas que a utilizam.

ReVEL – O senhor poderia sugerir algumas leituras essenciais na área de Sociolinguística?

Labov – Entre os estudos mais antigos importantes, eu acredito que os trabalhos de Peter Trudgill em Norwich, Walt Wolfram em Detroit e meus próprios estudos em Nova Iorque (que acabaram de aparecer em uma segunda edição, bem como no livro *Sociolinguistic Patterns*) deveriam ser conhecidos. Alguns dos trabalhos mais importantes em variação linguística são feitos no Brasil, e as pesquisas de Anthony Naro, Marta Scherre, Sebastião Votre, Gregory Guy, Eugénia Duarte e Fernando Tarallo devem ser vistas. Muitos desses trabalhos têm relação com a pesquisa em variação em espanhol, nos estudos de Shana Poplack, Richard Cameron e Carmen Silva-Corvalán. Meu trabalho recente está reportado em dois volumes do *Principles of Linguistic Change* (1994, 2001). Por fim, qualquer um que deseja estar atualizado com pesquisas na área deve ler o periódico *Language Variation and Change*, onde são publicados os artigos mais importantes.

LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].



Mãos à obra

1. Explique o significado de "diversidade linguística".
2. De que forma os estudos da Sociolinguística ampliaram a concepção de língua defendida por Saussure e Chomsky?
3. O que são "comunidades linguísticas"?
4. Diferencie "variedades linguísticas" e "repertório verbal".
5. Comente a afirmação "A língua não é uma entidade homogênea".
6. Por que a Sociolinguística não considera a existência de variedades em uma língua como sendo um problema?



Já sei!

Nesta aula, tivemos contato com uma corrente do pensamento linguístico denominada sociolinguística. Vimos que o surgimento dessa nova área de estudos dentro da linguística coincide com o auge da teoria da gramática gerativa formulada por Chomsky. Tanto Saussure como Chomsky viam a língua como um sistema abstrato de regras. Nesse contexto os estudos sociolinguísticos começam a tomar forma propondo observar e descrever a língua falada em situações de uso social. Tais estudos introduziram noções importantes como comunidade linguística, variedade linguística e repertório verbal. Essa discussão sobre as variedades linguísticas foi também um marco nos estudos linguísticos. E ela não parará por aqui. Nos próximos módulos, a discussão será verticalizada.



AMARAL, Márcio Tavares d'. Rui Barbosa. Supervisão de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Ed. Três, 1974.

BARBOSA, Rui. A Questão Social e Política no Brasil. (Conferência pronunciada no Teatro Lírico, do Rio de Janeiro, a 20 de março de 1919). Ed. anotada. Intr. de Evaristo do Moraes Filho. São Paulo/Rio de Janeiro: LTr/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983.

_____, Rui. Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1942 / 1999.

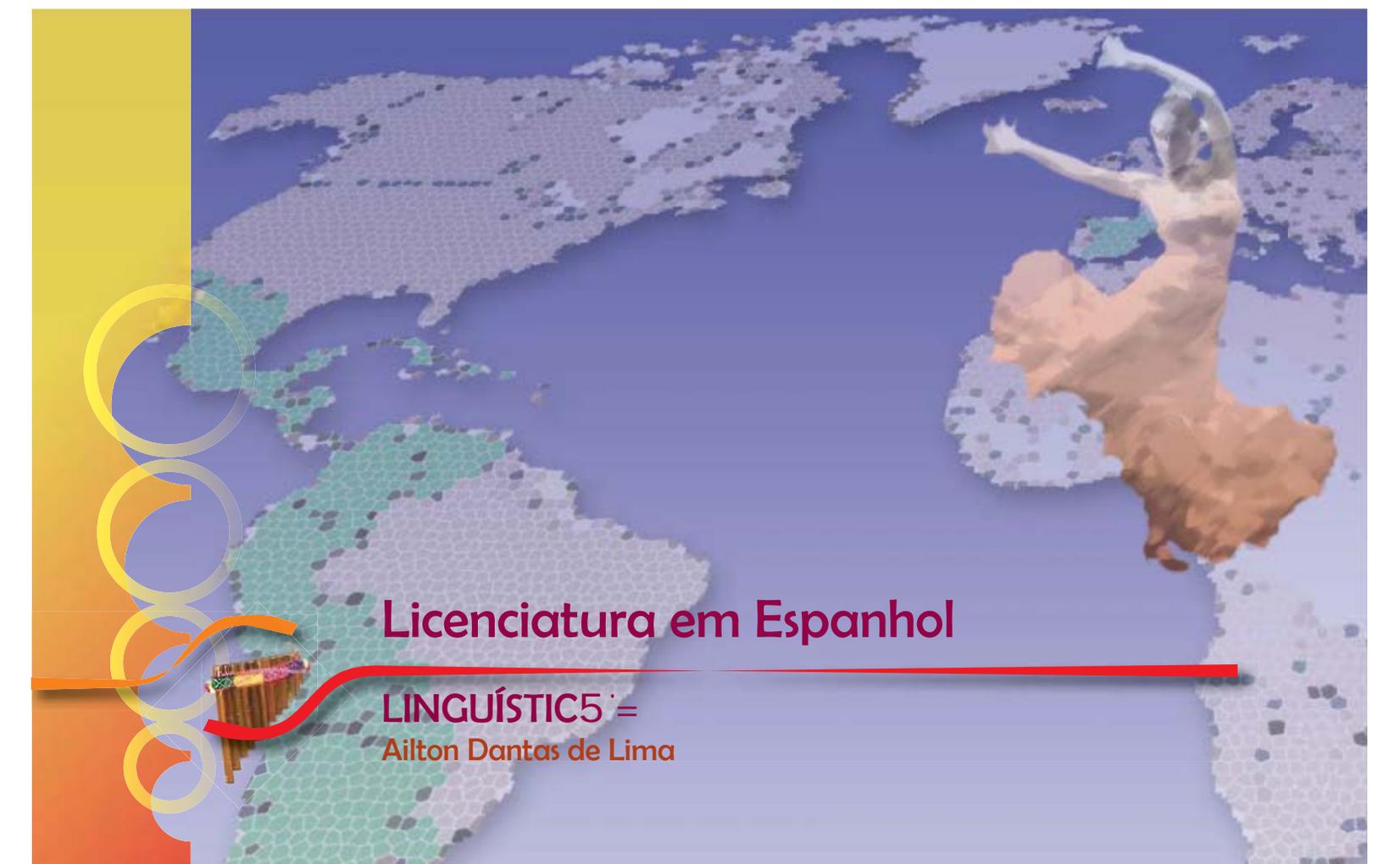
_____, Rui. Oração aos moços. Edição popular anotada por Adriano da Gama Kury. 3a ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

CHIACCHIO, Carlos. "Cronologia de Rui". In: Barbosa, Rui. Escritos e Discursos Seletos. Seleção, organização e notas de Virgínia Côrtes de Lacerda. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1960.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. O abolicionista Rui Barbosa. Ed. comemorativa do Centenário da Abolição. Rio de Janeiro, 1988.

_____. Rui Barbosa: cronologia da vida e obra. Rio de Janeiro, 1995.

JORGE, Salomão. Um Piolho na Asa da Águia. São Paulo: Saraiva, 1965.



Licenciatura em Espanhol



LINGÜÍSTIC5 =
Ailton Dantas de Lima



Aula
Variação linguística 07



©©©©

Apresentação e Objetivos



Na aula anterior, apresentamos a visão teórica sobre o estudo da língua proposto pela Sociolinguística. Nessa visão, a língua deve ser estudada considerando-se o contexto social. Foi uma mudança na perspectiva



dos estudos linguísticos até então direcionados para a concepção de língua como um sistema abstrato e imutável, proposta por Saussure, e de língua como uma capacidade inata do ser humano, proposta por Chomsky. Entrava em cena uma nova noção: as variedades linguísticas. Verificou-se que toda comunidade linguística comporta variedades. Assim, a homogeneidade linguística tornou-se ficção. Essa mudança de perspectiva foi um marco nas investigações sobre linguagem. Por isso, neste módulo ainda continuaremos dentro da sociolinguística. O nosso objetivo, agora, é abordar o fenômeno da variação linguística.

Para começar



É fato de que todas as línguas do mundo são continuações históricas. Nós herdamos dos nossos antepassados o domínio de uma língua particular. Nesse percurso, as mudanças históricas são inevitáveis. Vejamos exemplos dessas mudanças no português.

a. a indeterminação do sujeito, entre os séculos XII e XVI, era indicada pelo vocábulo "homem". Era o equivalente, hoje, ao pronome "se". Observe a frase: *E pode homem hyr de Santarem a Beia em quatro dias*. Hoje seria: *E pode-se ir de Santarém a Beja em quatro dias*;

b. o tratamento *Vossa Senhoria*, imagine só, já foi expressão reservada apenas ao rei. Depois passou a ser usada para bispos, condes, duques. Hoje, é usada para tratamento cerimonioso, mas entre pessoas comuns.

c. No entanto, as variações não são observadas apenas no plano diacrônico (através do tempo). No plano sincrônico, ela ocorre relacionada a fatores como origem geográfica, idade, sexo. É claro que essas variações não devem ser entendidas como produto do acaso. Ser de uma determinada classe social, por exemplo, não vai, necessariamente, fazer com que o indivíduo fale de uma certa maneira.



Assim é

As variedades linguísticas são descritas, de uma maneira geral, considerando-se dois parâmetros: a variação geográfica, também chamada de variação diatópica, e a variação social, também chamada de diastrática.



1. variação geográfica ou diatópica – refere-se às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico. Pode ser observada, por exemplo:

a) entre brasileiros e portugueses, no que se refere ao léxico: *ônibus* no Brasil, *autocarro* em Portugal; no que se refere à gramática: os portugueses preferem construções com advérbio no início, *como lá não vou*, os brasileiros preferem dizer *não vou lá*;

b) entre brasileiros da região nordeste e os da região sudeste. Pode-se observar, nesse caso, a existência de diferenças fonéticas. No nordeste há uma tendência a pronunciar palavras como *melado* com a vogal pré-tônica aberta. Já no sudeste, essa mesma palavra é pronunciada com esse som fechado. No que se refere à gramática, percebe-se diferenças entre construções como *sei não*, no nordeste, e *não sei*, no sudeste.

2. variação social ou diastrática – é representada por um conjunto de fatores ligados à identidade dos falantes e a questões culturais da comunidade. São fatores relacionados a esse tipo de variação: classe social, idade, sexo e situação e contexto social. Vamos aos exemplos.

a) variação de classe social – há algumas formas que exemplificam falantes de grupos sociais menos privilegiados na escala social, como podemos observar:

- ▶ o uso da dupla negação: *ninguém não viu ou em eu num vou não*;
- ▶ A presença de [r], em lugar de [l], como em *brusa* (blusa) *probrema* (problema);

b) variação de idade

- ▶ o uso de certas gírias como *maneiro* ou *tá ligado* denota o falante de uma faixa etária mais jovem;

c) variação de sexo

- ▶ a fala das mulheres costuma fazer uso com mais frequência da duração das vogais como recurso expressivo, em construções como *você hoje está maravilhoosa!*

d) situação ou contexto social – esse tipo de variação ocorre quando mudamos a nossa fala de acordo com o interlocutor (se estamos

falando com os nossos avós, com o nosso superior, como também observamos o local onde a comunicação ocorre, se em um bar ou em uma audiência no tribunal). Ou seja, falamos de acordo com a situação na qual nos encontramos.

No que se refere à situação na qual ocorre a comunicação, é importante observar que cada sociedade estabelece os padrões de comportamento linguístico adequado. Cada grupo social determina um conjunto de situações que apresentam diferentes graus de formalidade e informalidade. No caso da nossa sociedade, sabemos que palestras, entrevistas para obtenção de emprego, aulas são situações tidas como formais. Diferentemente, uma conversa de mesa de bar, uma confraternização natalina na escola são situações tidas como informais. Se você tentar infringir algumas dessas convenções, não será visto com bons olhos.

Mas, às vezes, o falante resolve mudar a variedade sem que haja mudança de situação. É a chamada mudança metafórica. Quando um professor, por exemplo, em meio a uma aula, dirige-se a um aluno adolescente de 15 anos e diz: "O senhor não acha que está atrapalhando a aula?"; tem-se uma forma de tratamento sendo usada de maneira irônica.

É claro que essa consciência de adequação da fala se dá no processo de convivência social. Nós aprendemos quando podemos falar e quando devemos ficar em silêncio. Quando devemos ser categóricos ao darmos uma ordem e quando devemos pedir "por favor".

Essa variação que ocorre conforme o contexto é denominada de variação estilística ou de registro. Ao nos referirmos, aqui, ao fato de mudarmos nossas falas de acordo com a situação, estávamos falando de mudança de registro ou de estilo.

Outro dado importante a respeito das variedades linguísticas é que elas estão diretamente relacionadas à estrutura social e política de determinada comunidade. A diferença entre variedades de maior ou de menor prestígio reflete uma hierarquia dos grupos sociais. É muito evidente em nosso meio as variedades de prestígio e as não prestigiadas.

No nosso modelo de sociedade, há a "eleição" dentre as variedades de prestígio. Essa variedade é denominada variedade padrão. Trata-se de uma variedade socialmente mais valorizada. Seu uso é requerido pela comunidade em determinadas situações, em função da

foque devemos perceber é que essa variedade também é resultado de uma escolha. Ela não surgiu de uma forma natural. Sua escolha foi resultado de uma atitude social diante da língua, que a elegeu como o modo “correto” de falar. E o que se considera como o melhor e mais correto modo de falar é o modo da classe socialmente dominante. Observe o português considerado padrão no Brasil. Não é à toa que ele coincide com a maneira de falar dos colonizadores portugueses.

Essa necessidade de se eleger uma forma padrão de registro da língua surge diante da existência de uma diversidade social. Então, há de se ter uma forma de falar que represente o poder dominante. Em outras palavras, é uma tentativa de tornar homogêneo o que é, concretamente, variado. Todo esse processo, é importante ressaltar, é definido historicamente, ou seja, o que é considerado padrão em uma determinada época, em outra pode não sê-lo. Uma rápida investigação histórica da língua portuguesa é capaz de demonstrar isso. No século XVI, formas como “dereito”, “despois”, “frecha”, hoje consideradas desprestigiadas, são encontradas na famosa carta de Pero Vaz de Caminha, escrita em 1500. A obra *Os Lusíadas*, de Camões, considerada um marco da literatura em língua portuguesa e escrita em 1572, registra formas como “fruta”, “escuitar”, “intonce”, consideradas, hoje, incorretas.

Toda essa relação valorativa que determina as formas prestigiadas e as desprestigiadas é fruto de uma avaliação social. Dessa avaliação resultam afirmações como: “A língua x é inferior à língua y” ou “A língua x é melhor do que a língua y”. A linguística não aceita esse tipo de afirmação, uma vez que ela não traz qualquer fundamentação científica. Para o estudioso da linguística, cada língua é adequada à comunidade que dela faz uso. E é por meio da língua utilizada que cada povo exprime o mundo em que vive. Sendo assim, jamais se deve dizer que há línguas pobres de vocabulário. Cada língua apresenta uma gramática perfeita para atender às necessidades de seus usuários. Muitas vezes, você pode se deparar, em uma língua, com a falta de uma palavra para expressar determinado conteúdo. Seria isso prova de pobreza vocabular? Para a linguística, não. O que pode haver, nesse caso, é o desinteresse da comunidade por determinado conhecimento. Se houver uma necessidade repentina de nomear algo que surge, a sociedade poderá fazer um *empréstimo linguístico* a outros povos. As diferenças existentes entre as línguas é exatamente o que constitui o patrimônio de cada uma.

Desconsideramos essas diferenças, por exemplo, quando

julgamos de “feia” a forma de falar das pessoas da zona rural, de classe social baixa e de pouca escolaridade. Não aceitar essas diferenças é, pois, a origem de preconceitos danosos preconceitos sociais. O preconceito linguístico, nesse sentido, tem um efeito altamente nocivo.

Como estudiosos da linguagem e, particularmente como profissionais que lidam com a língua, seja ela materna ou estrangeira, devemos combater esses preconceitos. Devemos abraçar a tarefa de mostrar que, no meio social, existe um conjunto de variedades linguísticas em circulação. As pessoas, inevitavelmente, irão aprender a variedade à qual foram expostas.

E o que devemos fazer como professores de língua? Devemos orientar os usuários de variedades não-padrões a adotar a variedade socialmente aceitável, pelo menos em situações que assim a exijam, como uma entrevista para se obter um emprego, a apresentação de um trabalho em um congresso científico, a produção de uma monografia...



Atenção!

Preconceito e uso da língua

Celina Bruniera*

Especial para a Página 3 Pedagogia & Comunicação

Em lugares diferentes, em grupos sociais diferentes, entre pessoas de gerações diferentes encontramos um grande número de variedades linguísticas, ou seja, encontramos diferentes usos de uma mesma língua. Embora tenhamos mais facilidade de perceber isso no que diz respeito ao português, esse é um fenômeno que ocorre em relação às mais diversas línguas.



Cartaz de antiga organização de racista norte-americana

No entanto, ao mesmo tempo que reconhecemos a existência de variedades linguísticas, tendemos a considerá-las a partir de uma escala de valor, que muitas vezes revela um caráter discriminatório em relação ao uso que grupos sociais fazem da língua. Este surge, então, como errado, inaceitável, engraçado, etc.

Veja, por exemplo, o texto publicado em Spectrum, organizado por Michael Swan, Cambridge University Press, 1980, p. 68 e reproduzido aqui:

“Face, facts, man _ you’re an underprivileged black radical left-wing unemployed person of no fixed address with an Irish accent _ of course you’re guilty!”

Suspeitos habituais

Observe que a entonação da variedade irlandesa do inglês compõe um texto em que a posição de classe, a raça, a escolha política, o fato de estar desempregado e de não possuir endereço fixo, para aqueles que não sabem como conviver com as diferenças e respeitá-las, se constituem em elementos que desabonam a conduta de alguém a ponto de considerá-lo culpado (supostamente por algum ato socialmente reprimido). A origem dos preconceitos está, frequentemente, na dificuldade que muitas pessoas revelam em aceitar que os outros possam ser diferentes. E isso se dá até mesmo em relação ao uso que fazemos da língua.

Práticas sociais

Muito da legitimidade social que tem uma variedade linguística em detrimento de outra pode ser compreendida por meio da análise de outras questões que não a linguística propriamente dita. São questões que revelam o lugar que determinados povos, grupos ou pessoas ocupam no imaginário popular, ou seja, a forma como aprendemos (socialmente e historicamente) a considerar o outro e a nos relacionarmos com ele.

Quando propomos que o estudo linguístico seja tomado a partir das práticas sociais e com base na ideia de adequação da linguagem às situações de comunicação em detrimento de uma perspectiva centrada na língua culta e no erro, estamos considerando a existência de uma multiplicidade de usos da língua e, portanto, valorizando os sentidos que os sujeitos atribuem a ela.

Nesse sentido, quando buscamos estabelecer a interlocução

com alguém ou com um grupo de pessoas, estamos procurando nos fazer entender e, sobretudo, nos dispor a conhecer o outro, sua forma de ser e de pensar, e a compreendê-lo. Há nesse movimento mediado pela linguagem, uma aproximação entre pessoas diferentes, que fazem uso da língua de maneira diferente e cujo uso pode revelar as concepções de mundo, do outro e de si mesmo que esses sujeitos compartilham.

* Celina Bruniera é mestre em Sociologia da Educação pela USP e assessora educacional para a área de linguagem.

(<http://educacao.uol.com.br/ingles/ult1703u31.jhtm>)



Mãos à

1. Diferencie variação diastrática e variação diatópica.

2. Considerando as discussões sobre variação linguística, explique os termos *formalidade* e *informalidade*.

3. O que significa variação *estilística* ou de *registro*?

4. Como funciona a estratégia da mudança metafórica, bastante utilizada pelos falantes?

5. O que é uma variedade padrão?

6. Por que, para a linguística, não existe língua superior a outra?

Um passo a mais



TARALLO, F. A pesquisa sociolinguística. 2.ed. São Paulo: Ática, 2000.

Trata-se de um pequeno manual destinado àqueles que se iniciam nos estudos da sociolinguística. Nele encontra-se uma exposição didática das relações entre variação e mudança linguística, focalizando a relevância do princípio da heterogeneidade linguística.

Autoavaliação



Registre, em áudio ou por escrito, falas de um grupo que utiliza formas linguísticas consideradas desprestigiadas. Organize o material e discuta com os seus colegas, tomando como base os conceitos estudados nesta aula.

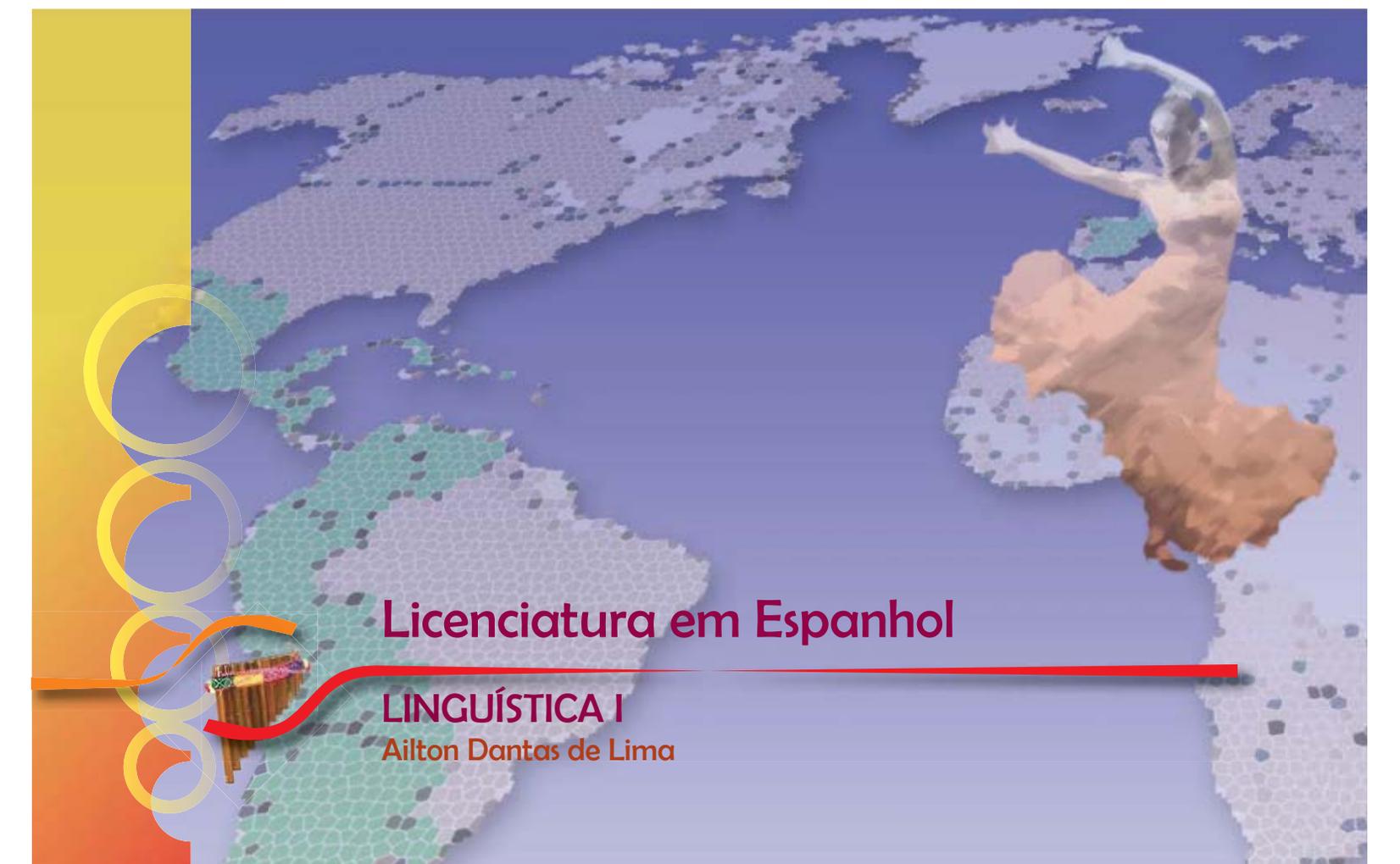


Referências

FIORIN, J. L. (org.) Introdução à linguística. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LYONS, J. Linguagem e linguística: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C.(orgs.) Introdução à linguística: domínios e fronteiras. v.1. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.



Licenciatura em Espanhol



LINGÜÍSTICA I

Ailton Dantas de Lima



Aula

08



**A importância da variação linguística:
reflexões sobre o ensino**



©©©©

Aula 08

A importância da variação linguística: reflexões sobre o ensino

Apresentação e Objetivos



Na aula anterior, tivemos contato com o fenômeno da variação linguística. Percebemos que, ao se considerar esse fenômeno como inerente às línguas, caem por terra inúmeros preconceitos arraigados em nós, falantes, no que se refere ao uso de um idioma. A noção de língua padrão como sendo “a língua” e não uma variedade dentre outras foi o grande mito a ser questionado pelos estudos da sociolinguística. Da mesma forma que a sociedade é marcada pela heterogeneidade, a língua não poderia funcionar de forma diferente. Dentro de qualquer comunidade linguística, há diferenças marcadas pela geografia, pelas classes sociais, pelo sexo, pelo grau de escolaridade e até mesmo pela própria situação na qual cada falante se encontra ao fazer uso da língua. A língua padrão deve existir. O que deve mudar, na verdade, é a relação que a sociedade mantém com essa variedade. E parece que o espaço onde tal relação se dá de maneira mais marcante é na instituição denominada escola. Nosso objetivo, nesta aula, é discutir a relação entre a variação linguística e o ensino.

Para começar



Já foi aqui constatado que a variação é inerente a toda e qualquer língua. Vimos também com se dá essa variação em alguns níveis. Mas, há um ponto, levemente tocado no módulo anterior que merece ser verticalizado: qual a consequência de se assumir uma postura teórica com base na sociolinguística, que considera a heterogeneidade da língua, para o ensino?

Um das principais questões que se levanta é o estigma social que o uso de determinadas variedades causa nos falantes que o fazem. Se, por exemplo, um candidato a emprego vai se submeter a uma entrevista para o cargo de vendedor de um shopping e se dirige ao gerente da empresa com a seguinte afirmação: “Trabaiá, pra mim, não é problema” e outro afirmasse, ao mesmo gerente: “Trabalhar, para mim, não é problema”, com qual candidato você ficaria?

São exemplos como esses que criam situações de preconceito em relação à linguagem. No caso descrito acima, é claro que selecionaríamos o segundo candidato.

Professores e pesquisadores precisam se debruçar sobre a questão do ensino de língua, se esse ensino está contribuindo para amenizar ou agravar situações de exclusão geradas pelo preconceito linguístico. O conflito se instaura na relação entre a língua ensinada na escola, a variedade padrão, e a variedade que o aluno domina, a qual está em sintonia com a sua origem sociocultural.

Nesse sentido, os preconceitos que a sociolinguística tratou de eliminar ao postular que todas as variedades de uma língua possuem um grau de complexidade equivalente e cumprem as funções comunicativas às quais se destinam parecem ainda encontrar eco nas nossas escolas. Nós, professores, acabamos por continuar insistindo que há somente uma língua correta e, por isso, útil a todas as situações de comunicação. Às demais variedades, resta serem reprimidas.

Assim, o ensino de língua prefere se pautar na dicotomia do certo e do errado, sem nenhum embasamento em pesquisas linguísticas e desprezando os diferentes modos de falar do cotidiano. Isso tudo acaba gerando um sentimento de aversão por receber orientações sobre o uso da língua por parte dos alunos. Basta ver o terror causado em uma criança ou adolescente quando este é solicitado a escrever algo. Com certeza, a preocupação maior desse aprendiz é se o que ele vai escrever estará certo, entenda-se, de acordo com a variedade padrão.



Há, na tradição do nosso ensino de língua, a tendência ao privilégio de formas empregadas por uma elite intelectual e essas formas são colocadas para todos os falantes como sendo o padrão.

Na visão da sociolinguística, um falante competente não é aquele capaz de usar somente a variedade padrão, mas aquele que sabe selecionar dentre variedades alternativas possíveis, aquela que está em conformidade com a situação de comunicação na qual ele se encontra inserido.

Para entender esse problema do nosso ensino de língua, é preciso entender que ele não passa apenas por uma questão pedagógica, mas por questões sociais e linguísticas, uma vez que as culturas são classificadas, conforme os sociolinguístas, com base numa oposição entre modelo da diferença e modelo da deficiência. No estudo da língua, o modelo da deficiência considera as diferenças como um desvio do padrão, enquanto que o modelo da diferença considera as variedades não padrões fora dessa relação de deficiência ou de inferioridade.

O ensino de língua nas escolas é pautado, infelizmente, pelo modelo da deficiência. Em decorrência disso, a escola assume como principal tarefa, ao ensinar língua, substituir a variedade não padrão pela variedade padrão. A sociolinguística, ao contrário, propõe que as variedades linguísticas não devem ser olhadas por esse viés valorativo. Cabe ao ensino de língua despertar no aluno a consciência de adequação das formas linguísticas às diferentes situações de comunicação.

Assumir essa postura diante da língua é aceitar, como já foi discutido em outro momento, que as formas socialmente estigmatizadas são tão complexas e eficientes quanto as prestigiadas. É aceitar, também, que a variedade padrão não é um modelo universal de língua, é apenas a mais privilegiada.

Essa imposição da variedade padrão como sendo “a língua” tem causado estragos no nosso ensino. Isso é verificado com maior intensidade nas classes menos favorecidas, uma vez que os mais favorecidos vivem em um meio no qual a variedade padrão lhes é mais familiar. Tal fato confirma uma correlação entre familiaridade cultural e o sucesso escolar.

Sabemos que os valores culturais são arbitrariamente impostos e com a língua não é diferente. São os valores linguísticos da classe dominante que são impostos aos nossos aprendizes.

Vamos, agora, trazer um pouco dessa discussão remetendo a realidade do ensino brasileiro, com base em dados concretos. No Brasil, temos um sistema de ensino caracterizado por uma escola única: os diferentes níveis são contínuos desde o fundamental até o superior e, além disso, a escola é aberta a todas as classes sociais. Essa organização do aparelho escolar deixa pressupor que os indivíduos iguais só não chegam a níveis mais elevados por questões individuais.

Contraditoriamente, essa escola dita aberta a todos, na realidade, é um sistema que reproduz as desigualdades sociais. Os censos demográficos do Brasil não cessam de apontar o grande contingente de brasileiros sem instrução ou que tiveram acesso a ela, mas não apresentam as habilidades exigidas.

Outro dado proveniente de levantamentos demográficos é a correlação entre exclusão e ocupação. As profissões rurais, as atividades de extração mineral, da construção civil, tidas como menos valorizadas socialmente, dentre outras, são exercidas por aqueles mais excluídos do sistema escolar. Como se vê, a escola é única, mas reproduz as mais variadas desigualdades.

Voltando para o aspecto linguístico da questão, a escola utiliza a estratégia de banir as variedades não padrões em detrimento da chamada norma culta. Isso faz com que recaia exclusivamente sobre o aluno o insucesso na aprendizagem.

O aluno, ao entrar em contato com uma variedade que não é a sua, sente-se estigmatizado pela escola. Não pelo simples fato de entrar em contato com o diferente, mas pelo modo como essa diferença é tratada. A escola parece esquecer que a variedade linguística é um fator de identificação social.

O problema está posto, mas qual seria a solução? A escola deve se pautar no modelo da diferença e pensar outras estratégias para o ensino de língua. As formas padrão e não padrão podem conviver harmonicamente em sala de aula. Ao aluno devem ser fornecidas maneiras de perceber os diferentes valores sociais que essas formas carregam. E, com esse conhecimento, que ele seja capaz de, habilmente, selecionar as mais adequadas às mais diferentes situações comunicativas.

Se a escola não pode fugir à exigência de padronização linguística imposta pela sociedade, então que ela, dentro dessa circunstância, promova o acesso das camadas marginalizadas à variedade padrão da língua sem hostilizar a diversidade linguística de cada comunidade.

Atenção!



Vale a pena conferir trechos de uma entrevista da Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professora Marta Pereira Scherre. Seleccionamos dois trechos nos quais a pesquisadora fala sobre a relação entre variedades linguísticas e o ensino.

2) Consta que foi o sociólogo Nildo Viana quem primeiro apresentou uma visão marxista do preconceito linguístico, relacionando-o à educação escolar e à dominação de classe. Para Viana, a língua escrita veiculada pela escola torna-se a língua padrão, norma geral que todos devem seguir. Uma vez que o modelo da língua escrita encontra-se nos setores privilegiados e dominantes da sociedade, a escola torna-se a base do preconceito linguístico. Você concorda com Viana, para quem o sistema escolar constitui a fonte da "dominação linguística"?

Infelizmente não conheço a obra do sociólogo Nildo Viana, mas, pelo que já vi e já vivenciei ao longo da minha vida, eu diria que a fonte de dominação linguística está na sociedade. Penso que escola nada mais é do que o reflexo da sociedade. O sistema escolar, na maior parte das vezes, apenas reforça o que a sociedade pensa e quer. Muitas escolas até tentam ser mais de vanguarda e mais criativas do que a própria sociedade ao redor. Eu diria que na escola podemos encontrar pensadores anônimos com práticas muito mais avançadas do que a grande sociedade que os cerca gostaria. Muitos deles estão além do seu tempo. Tiro meu chapéu para eles. Somos nós, a sociedade, que fazemos tudo acontecer, direta ou indiretamente. A escola somos todos nós. Nós somos os algozes e os libertadores.

3) Os novos *Parâmetros Curriculares Nacionais* podem contribuir

para minimizar o preconceito linguístico?

Os parâmetros curriculares trazem de forma clara a discussão sobre as variedades linguísticas, sobre o respeito à forma do outro falar, sobre a ênfase nos processos críticos e criativos de leitura e de produção do texto escrito (entre outros aspectos). Acho que podem, sim, contribuir para minimizar o preconceito linguístico, mas há um aspecto de que não me lembro neste momento se está explicitado nos Parâmetros Curriculares, que é a idéia da adequação linguística. De forma geral, todos nós "naturalizamos" a idéia da adequação linguística. Acho que temos de politizar a idéia da adequação linguística, se quisermos realmente uma convivência de respeito com o outro. Falo isso especialmente com relação à língua falada. Se não politizarmos a idéia da adequação linguística, vamos continuar a ouvir e a dizer que uma pessoa que não fala variedades mais prestigiadas não pode nos representar na arena política, não pode fazer discursos, não pode exercer profissões mais prestigiadas, e outras coisas mais. É comum a aceitação de traços de variedades populares na música rural de raiz (... Seu dotô... Livre nós da esmola... / Se o dotô fizé assim salva o povo do sertão/ Quando um dia a chuva vim, que riqueza pra nação! Nunca mais nós pensa em seca, vai dá tudo neste chão/ Como vê nossos distino mecê tem na vossa mão... – Vozes da Seca de Luiz Gonzaga e ZéDantas - BMG, 2000), mas não em discursos políticos nem em palestras de intelectuais. Saíndo um pouco da esfera do preconceito, outro aspecto dos Parâmetro Curriculares Nacionais que merece nota é que, até onde vai a minha memória, eles não discutem a questão do ensino de gramática no sentido mais amplo do termo. Não estou aqui falando apenas de gramática no sentido tradicional, mas de gramática no sentido de organização subjacente aos enunciados de fala. Considero este ensino/debate/reflexão, na escola, fundamental (o tradicional e o moderno – em saudável confronto). Afinal, entender e dominar conscientemente o que está por trás do uso da língua, no sentido estrutural do termo, é tão interessante e importante quanto dominar os mecanismos de leitura e de produção do texto escrito, de forma crítica e criativa. No meu jeito de ver as coisas, é necessário fazer isso de forma interessante, sem dogma, sem verdades inquestionáveis, sem respostas inquestionavelmente certas, mas instigantes, estimuladoras, desafiantes. Trabalhar com a idéia de uma gramática plural, como bem desafia a nossa estimada colega Rosa Virgínia de Mattos e Silva, é fundamental.

(<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/36/entrevista.pdf>)



Mãos à obra

1. Você acha que as discussões aqui expostas sobre variação linguística podem contribuir, também, para o ensino de uma língua estrangeira? Comente sua resposta.
2. Considerando-se o princípio da heterogeneidade linguística, qual o lugar da norma no ensino?



Um passo a mais

SOARES, Magda *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 17 ed. São Paulo: Ed. Ática, 2001.

O livro destaca a importância de se compreender as relações entre linguagem, escola e sociedade para uma consolidação de uma prática de ensino de língua.



Já sei!

Esta aula, diferentemente das anteriores, não fez uma exposição teórica, mas uma reflexão sobre a realidade do ensino de língua, tendo como horizonte os conceitos da sociolinguística anteriormente expostos. Curiosamente, ela tem um tom quase de desabafo. Esperamos que, mesmo sendo dirigida a futuros profissionais que irão lidar com o ensino de língua estrangeira, uma vez que os exemplos se voltaram quase que exclusivamente ao ensino de língua materna, essa reflexão sirva para que direcionemos nossas atividades pedagógicas com a língua no sentido de primar pelo modelo da diferença e não da deficiência. Essa discussão ocorre propositadamente neste momento por que, a partir de agora, nos módulos seguintes, iremos entrar em contatos com todo um instrumental fornecido pela linguística para entendermos o funcionamento da língua. E é de posse desse instrumental que devemos tomar a decisão sobre qual visão de língua irá nortear nossas atividades pedagógicas.



Autoavaliação

Tomado como material de aula as canções reproduzidas a seguir, monte uma aula de língua portuguesa considerando o enfoque da Sociolinguística no que se refere à variação linguística. Escolha o nível de ensino, se fundamental ou médio. Faça a experiência e, em seguida, elabore um pequeno relato da atividade e discuta os resultados com o seu professor. A título de sugestão e por questões práticas, seria interessante que a atividade fosse realizada em grupo.

Texto 1

Saudosa Maloca

(Adoniram Barbosa)

Se o sinhõ não tá lembrado
Dá licença de contar
Aqui onde agora está
Este ardifício arto
Era uma casa velha
Um palacete assobradado
Foi aí, seu moço, que eu, Mato Grosso e o Joca
Construímo nossa maloca
Mas, um dia, nós nem pode se alembra
Veio os home com as ferramenta
O dono mandou derrubá
Peguemo todas nossas coisa
E fumo pro meio da rua
Apreciá a demolição
Que tristeza que nós sentia
Cada taubua que caia
Doia o coração
Mato Grosso quis gritá
Mas em cima eu falei
Os home tá com a razão
Nóis arranja outro lugar
Só se conformemo
Quando o Joca falou
"Deus dá o frio conforme o cobertô"
E hoje nós pega as palha
Na grama do jardim
E pra isquece nós cantemo assim
Saudosa maloca, maloca querida
Dim dim dom de nós passemos dias feliz de nossa vidas saudosa
maloca, maloca querida
Dim dim dom de nós passemos dias feliz de nossa vida

Texto 2

Ai d'eu sodade

(Xangai)

Marido se alevanta e vai armá um mundé
prá pegá u'a paca gorda
prá nós fazê um sarapaté
Aruera é pau pesado, nué minha véa
caí e machuca meu pé
e ai d'eu sodade

Intonce marido se alevanta e vai na casa da tua vó
buscá a ispingarda dela
procê caçá um mocó
só que no lajedo tem cobra braba, nué minha véa
me morde e fica pió
e ai d'eu sodade

Marido se alevanta e vai caçá u'a siriema
nois come a carne dela
e faiz u'a bassora das pena
quem me dera tá agora, nué minha véa nos
braço d'uma roxa morena
e ai d'eu sodade

Sujeito se alevanta e vai na casa do venderão
comprá u'a carne gorda
prá nois cumê um pirão
é que eu num tenho mais dinheiro, nué minha véa
fiado num compro não
e ai d'eu sodade

Marido se alevanta e vai na venda do venderin
comprar déis metro de chita
pra fazê ropa pros nossos fiin
aí dent'ó tem um cochão véi, nué minha véa
dismancha e faiz u'as carça prá mim
e ai d'eu sodade

Disgramado te alevanta dexa di cê priguizoso

o home qui num travaia
num pode cumê gostoso
é que trabaiá é muito bom, nué minha véa
mais é um poco arriscoso
e ai d'eu sodade

Marido te alevanta e vem tomá um mingau
qui é prá criá sustança
prá nois fazê um calamengau
brincadeira de manhã cedo, nué minha véa
arrisca quebrá o pau
e ai d'eu sodade

Marido seu desgraçado tu ai de morrê
cachorro ai de ti latí
e urubú ai de ti cumê
se eu soubesse disso tudo, nué minha véa
eu num casava cum ocê
e ai d'eu sodade

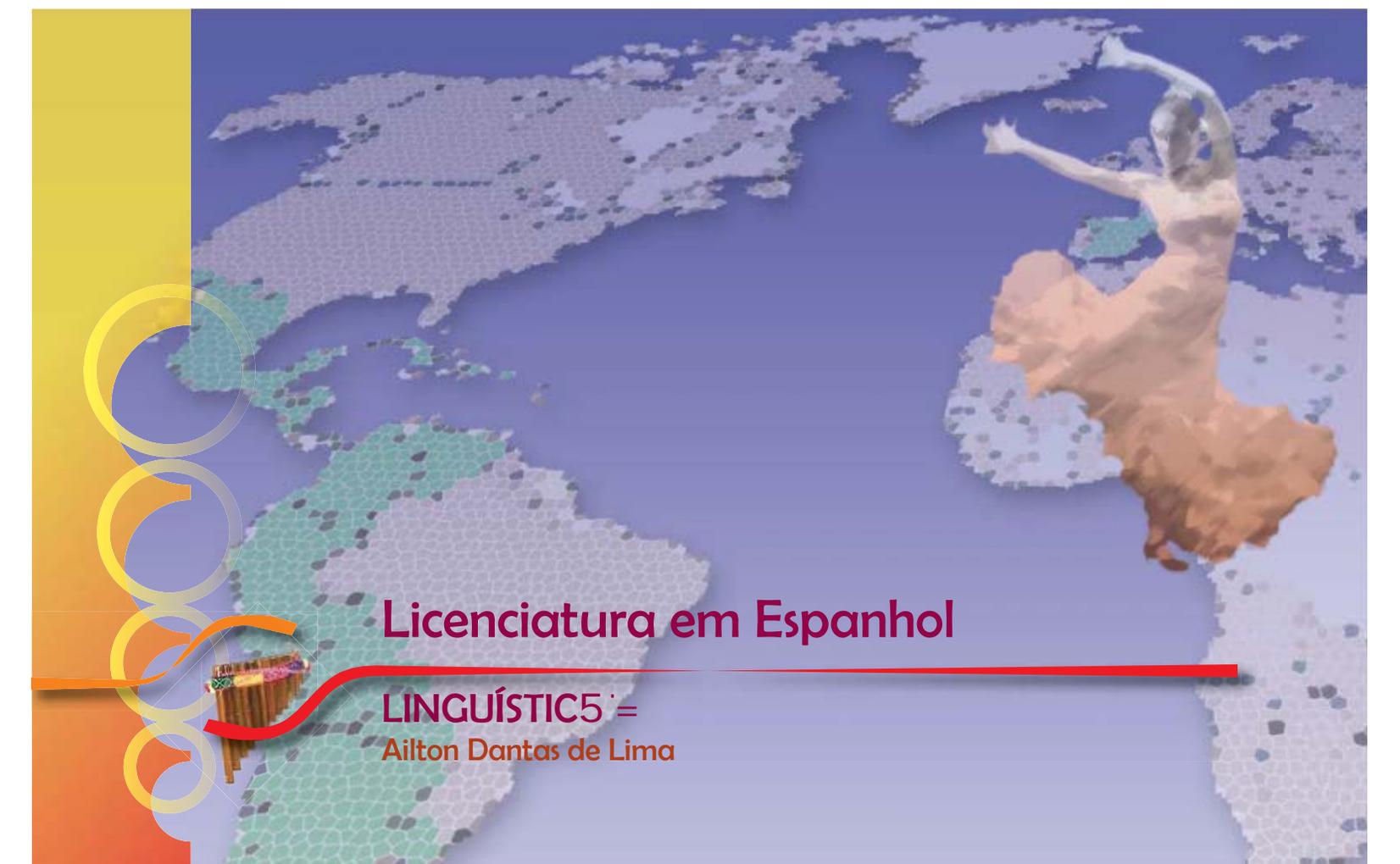
www.mpbnet.com.br (acesso em 03/05/2009)

Referências



FIORIN, J. L. (org.) *Introdução à linguística*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C.(orgs.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v.1. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.



Licenciatura em Espanhol

LINGÜÍSTIC5 =
Ailton Dantas de Lima

Aula

**A linguística histórica:
mudança linguística de som** 09





©©©©

Aula 09

A linguística histórica: mudança linguística de som

Apresentação e Objetivos



Na aula VII, vimos que a variação é inerente a toda e qualquer língua. Um dos fatores que entram nesse processo é o tempo. Foram dados exemplos de expressões que, no decorrer dos séculos, sofreram modificações na sua forma e também no seu significado.

Nesta aula, objetivamos estudar a linguística histórica, dando ênfase a aspectos inerentes à mudança de som.

Para começar



A linguística histórica investiga a mudança das línguas no tempo. Sabemos da importância desse tipo de investigação, uma vez que a linguística, quando se firmou como ciência a partir dos estudos de Saussure, tinha como referência os estudos históricos.



Assim é

1. A linguística histórica: como tudo começou?

Os estudiosos, desde muito tempo, demonstraram interesse por semelhanças existentes entre as línguas. Mas, foi apenas no final do século XVII que se teve notícia de uma investigação sistemática sobre a questão. Isso se deu graças à curiosidade científica de um juiz inglês, William Jones, que atuava na Índia e propôs que o latim, o grego e o sânscrito eram línguas com algum parentesco. Esse juiz não se satisfaz apenas em demonstrar isso por meio de semelhanças entre sons dessas línguas. Ele levantou a hipótese de que elas eram derivadas de uma outra que já havia sido extinta e que, posteriormente, se descobriu ser o proto-indo-europeu. Nasceram, assim os primeiros estudos em linguística histórica.

Seguindo-se a essa descoberta, houve contribuições de outros estudiosos para a investigação das relações entre as línguas indoeuropeias, com destaque para os trabalhos dos dinamarqueses Rasmus Rask e Karl Verner e do alemão Jacob Grimm. Desses trabalhos resultou um estudo comparativo entre latim, grego e sânscrito e as línguas germânicas (alemão, inglês, dinamarquês, holandês...).

2. Mudança linguística

Em relação às mudanças que ocorrem na língua, é necessário observar que elas não são percebidas de imediato pelos falantes. E nem os falantes têm consciência de tais mudanças. Alguns fatores contribuem para isso: a) a lentidão do processo; b) a ocorrência de forma parcial, pois não envolve todo o sistema linguístico; c) a oposição das forças que tendem à preservação.

A partir de agora, veremos os possíveis tipos de mudança linguística.

2.1 Mudança de som

Este é um dos principais mecanismos de mudança linguística. Uma exigência para que essa mudança ocorra é a existência de uma variação linguisticamente não- distintiva entre dois ou mais sons, considerando um certo período de tempo. É importante ressaltar que o uso de um ou outro som, nesse caso, não implica diferença de significado, mas pode significar mudança de status social.

Você deve estar se perguntando: quando a mudança está em processo, as duas formas ficam sendo usadas pelos falantes? Como seria antieconômico para um falante usar duas variantes de uma mesma palavra, apenas uma delas acaba por sobreviver. Além disso, não se sabe como a comunidade linguística irá reagir à mudança. Qual forma ela absorverá e qual eliminará.

Quanto à natureza, as mudanças de som são classificadas de acordo com o tipo de processo envolvido.

a) perda ou adição de fonemas

Nesse processo, perde-se ou ganha-se um fonema como resultado da mudança.

Veja no quadro abaixo um exemplo de perda de /p/ do indoeuropeu para as línguas celtas.

Indo-europeu	Irlandês antigo	
pater	athair	"pai"
Nepot	nie	"sobrinho"
tepent-s	tëe	"quente"

Exemplificando o caso de mudança por adição, tem-se o acréscimo da vogal /e/ nas palavras do português, espanhol e francês originárias de palavras do Latim que iniciavam em /s/ + consoante.

Latim	Português	Espanhol	Francês
Sponsu	Esposo	esposo	époux
Schola	Escola	escuela	école

b) assimilação

Nesse processo, um som condiciona a ocorrência de um outro

som. A assimilação divide-se em três tipos: regressiva, progressiva e de enfraquecimento. Os dois primeiros tipos podem envolver sons consonantais ou vocálicos.

b.1) assimilação regressiva envolvendo consoantes

Latim	Italiano	
Noctem	Notte	"noite"
Factum	Fatto	"feito"
Septem	Sette	"sete"
Aptum	Atto	"apto"

b.2) assimilação regressiva envolvendo vogais

Latim	Português
Aut	Ou
Aurum	Ouro
Taurum	Touro

b.3) assimilação progressiva - É um processo menos comum no qual um som se assimila a outro que o precede.

Inglês antigo	Inglês médio	
Eln	elle	"unidade de medida"
Myln	mille	"moinho"

b.4) enfraquecimento – envolve consoantes em um ambiente intervocálico.

b.4.1) consoantes oclusivas sonoras bilabiais se tornam fricativas sonoras bilabiais.

Latim	Português
Rubium	Ruivo
Habere	Haver
Amabas	Amavas

b.4.2) consoantes surdas tornam-se sonoras

Latim	Português
Lupum	lobo
Mutare	mudar
Amicam	amiga

c) dissimilação

Trata-se de um processo menos comum do que a assimilação, mas são considerados importantes. Nesse caso, de dois sons similares, um se modifica, aumentando, assim, a diferença entre eles.

Latim	Francês	
Fragrare	flairer	"cheirar"
Frgorosum	frileux	"frio"

d) duração (ou prolongamento)

Um tipo muito comum de mudança envolvendo esse processo é o alongamento compensatório. É muito comum nas línguas indoeuropeias e ocorre quando a primeira consoante de uma sílaba pesada (vogal + consoante + vogal) cai. Como forma de compensação, a vogal que a precede se prolonga.

Celta comum	Irlandês	
Magl	mal	"príncipe"
Kenetl	cenel	"gênero"
Etn	en	"pássaro"
Datl	dal	"assembleia"

e) metátese

No que se refere à mudança de som, é o processo menos frequente. Nesse caso, há a inversão da posição de dois sons adjacentes, envolvendo, geralmente, uma consoante e uma vogal.

Latim	Português
Inter	entre
Super	Sobre

2.2 Analogia

Há casos de mudança linguística que não podem ser explicados pelos processos de mudança de som. Assim, certas mudanças são rotuladas de analogia. Isso se dá quando uma forma se assemelha a outra entre as quais há uma associação.

Inglês antigo	Inglês moderno	
Hand	hand	"mão"
Gear	year	"ano"
Eage	eye	"olho"
Stan	stone	"pedra"



Atenção!

Mudança Linguística

David Crystal

O fenômeno da mudança linguística provavelmente atrai muito mais a atenção e a crítica pública do que qualquer outra questão linguística. Existe uma crença amplamente sustentada de que a mudança tem de significar deterioração ou decadência. As pessoas mais velhas observam a fala casual dos jovens e concluem que os padrões decaíram notavelmente. Atribuem a culpa disso a diversos fatores - quase sempre, à escola, onde os padrões da educação linguística têm mudado bastante nos últimos anos, mas também aos meios de comunicação estatais, onde qualquer desvio das normas tradicionais gera um foco imediato de ataque por parte dos ouvintes conservadores, linguisticamente sensíveis. A preocupação pode até mesmo atingir proporções nacionais, como na ampla reação na Europa contra o que se considera ser uma invasão do inglês "americano".

Pessimismo infundado

É compreensível que muitas pessoas não gostem da mudança, mas a maior parte das críticas à mudança linguística é infundada. O sentimento mais difundido é o de que a língua contemporânea ilustra o problema em sua pior fase, mas essa crença é compartilhada por cada geração. Além disso, muitas das questões de uso recorrem de uma geração a outra: várias das controvérsias sobre o inglês que são o foco da atenção atual podem ser encontradas em livros e revistas dos séculos XVIII e XIX - o debate sobre *it's me e very unique*, por exemplo. Em *The Queen's English* (1863), Henry Alford lista um grande número de questões de uso que preocupavam seus contemporâneos e os levavam a pensar que a língua estava em rápida decadência. A maioria ainda está conosco, e a língua obviamente não foi afetada. Em meados do século XIX, se previa que o inglês britânico e o americano seriam mutuamente incompreensíveis dentro de cem anos!

De fato, há casos em que a mudança linguística pode levar a problemas de ininteligibilidade, ambigüidade e divisão social. Se a mudança for rápida demais, pode haver grandes problemas de comunicação, como se dá hoje em Papua Nova Guiné - uma questão que precisa ser contemplada em vínculo com o campo do planejamento lingüístico. Mas, em regra geral, as partes da língua que estão mudando em qualquer época são minúsculas, se comparadas com as vastas áreas imutáveis da língua. Na realidade, por ser tão pouco freqüente é que a mudança linguística sobressai e se faz notar. Um certo grau de precaução e cuidado é sempre desejável, portanto, no interesse de manter a comunicação precisa e efetiva; mas não há fundamento algum para o extremo pessimismo e conservadorismo que se encontra tão freqüentemente - e que, no inglês, é muitas vezes resumido em refrões como "Vamos preservar a língua de Shakespeare".

A inevitabilidade da mudança

No mais das vezes, a língua muda porque a sociedade muda. Deter ou controlar uma delas exige que detenhamos ou controlemos a outra - uma tarefa que só pode ter êxito muito limitado. A mudança linguística é inevitável e raramente previsível, e aqueles que tentam planejar o futuro de uma língua perdem seu tempo em acreditar que podem fazê-lo - um tempo que poderia ser mais bem gasto em imaginar novas maneiras de capacitar a sociedade a lidar com as formas linguísticas novas que acompanham cada geração. Hoje em

dia, existe de fato um crescente reconhecimento da necessidade de desenvolver uma consciência linguística e uma maior tolerância com a mudança linguística, especialmente numa sociedade multiétnica. Isso exige, entre outras coisas, que as escolas tenham o conhecimento e os recursos para ensinar um padrão comum, reconhecendo ao mesmo tempo a existência e o valor da diversidade linguística. Essa política oferece uma alternativa construtiva aos ataques emocionados que são desferidos tão freqüentemente contra o desenvolvimento de novas palavras, significados, pronúncias e construções gramaticais. Mas antes que tal política possa ser implementada, é necessário desenvolver uma compreensão adequada da inevitabilidade e das conseqüências da mudança linguística.

Algumas pessoas dão um passo mais adiante e vêem a mudança na língua como um progresso, de um estado simples para um estado complexo - uma visão que se propagou por causa do pensamento evolucionista do século XIX. Mas não há sustentação para essa idéia. As línguas não se desenvolvem, não progridem, não decaem, não evoluem, nem agem de acordo com nenhuma das metáforas que implicam um ponto final específico ou um nível de excelência. Elas simplesmente mudam, como as sociedades mudam. Se uma língua morre é porque seu status na sociedade se alterou, na medida em que outras culturas e línguas a sobrepujaram: ela não morre porque "ficou velha demais" ou porque "se tornou muito complicada", como às vezes se pensa. Também não se deve pensar que, quando as línguas mudam, ela o fazem numa direção predeterminada. Algumas estão perdendo flexões; outras estão ganhando. Algumas estão se fixando numa ordem em que o verbo precede o objeto; outras, numa ordem em que o objeto precede o verbo. Algumas línguas estão perdendo vogais e ganhando consoantes; outras fazem o oposto. Se formos usar metáforas para falar da mudança linguística, uma das melhores é a de um sistema que se mantém num estado de equilíbrio, enquanto as mudanças ocorrem dentro dele. Outra é a da maré, que sempre e inevitavelmente muda, mas nunca progride, enquanto flui e reflui.

(<http://www.marcosbagno.com.br/conteudo/>)

Mãos à obra



1. Faça um breve comentário sobre o processo de mudança linguística de som.

2. Descreva o processo de mudança de som por assimilação.

3. Qual a diferença entre o processo de mudança por analogia e os estudados anteriormente?

4. Você concorda que entender esses processos de mudança de som em uma língua pode contribuir para a compreensão do funcionamento dessa língua? Justifique sua resposta.

Um passo a mais



FARACO, C. A. Linguística histórica. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

O livro apresenta uma discussão sobre as características da mudança linguística, fazendo um apanhado das principais correntes da linguística histórica.

TARALLO, F. Tempos linguísticos. São Paulo: Ática, 1990.

Este livro mostra, em termos de mudança linguística, como podemos usar o presente para entender o passado e vice-versa. Há tratamento específico para as mudanças fonológicas, morfológicas e sintáticas ocorridas no português.



Já sei!

Nesta aula, vimos um pouco sobre a origem do que conhecemos hoje como linguística histórica. Após as discussões anteriores, nas quais nos foi colocado que a mudança é inerente a toda e qualquer língua e, por isso, o fenômeno da variação não pode ser ignorado, chegou o momento de constarmos que isso pode ser comprovado cientificamente. Assim, começamos a estudar os processos de mudança da língua, iniciando pela mudança de som. É interessante observar que as palavras que usamos hoje nem sempre foram escritas e pronunciadas dessa maneira.

O português, o espanhol, o francês antes de serem português, espanhol e francês foram latim. Passaram por processo de mudanças que são comuns a toda e qualquer língua considerando, é claro, as especificidades de cada uma. Na próxima aula, continuaremos a falar sobre os processos de mudança da língua. Até lá.



Autoavaliação

Converse com uma pessoa, de preferência com um grau de escolaridade a partir do ensino médio. O tema da conversa deverá girar em torno de algumas palavras/expressões que são utilizadas hoje na linguagem dos jovens, por exemplo. Questione essa pessoa sobre o

que la acha desses termos. Se isso é “normal” ou é uma “aberração” linguística. Registre as opiniões e discuta com os seus colegas como o conhecimento sobre as mudanças linguísticas poderia ajudar as pessoas a compreenderem serem tais “aberrações” resultantes de um processo histórico.

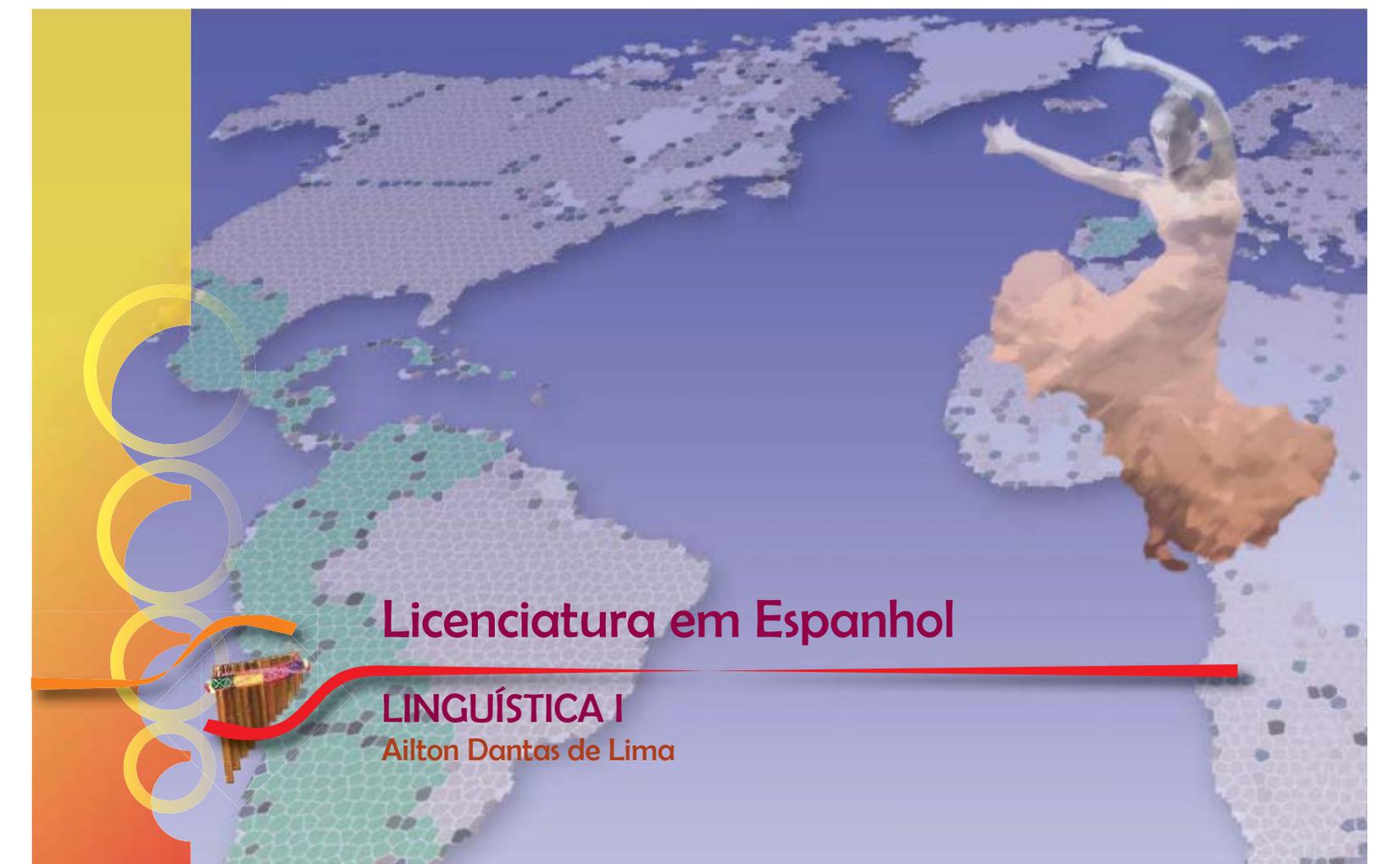
Referências



DUBOIS, J. et al. Dicionário de Linguística. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

FIORIN, J. L. (org.) Introdução à linguística. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C.(orgs.) Introdução à linguística: domínios e fronteiras. v.1. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.



Licenciatura em Espanhol



LINGÜÍSTICA I

Ailton Dantas de Lima



Aula
10
**A linguística histórica:
mudança linguística gramatical e semântica**



©©©©

Aula 10

A linguística histórica: mudança linguística gramatical e semântica



Apresentação e Objetivos

Na aula anterior, vimos a importância dos estudos da linguística histórica para a compreensão dos processos de mudança da língua. O primeiro aspecto dessa mudança foi a mudança de som, seja por meio de perda ou adição de fonemas, por assimilação, por dissimilação, por prolongamento ou por metátese. Há, também, aquelas mudanças que ocorrem por um processo de analogia.

Agora, o nosso objetivo é mostrar que as mudanças também podem ocorrer referentes ao sistema gramatical da língua e ao significado das palavras.



Para começar

“O fato de as línguas passarem por mudanças no tempo é algo que pode ser percebido de mais de uma forma. Uma delas é o contato com pessoas de outras faixas etárias. Quanto maior a diferença de idade, maior a probabilidade de encontrarmos diferenças na forma de falar de duas pessoas. Suponhamos que um falante de cerca de vinte anos converse com outro falante de cerca de setenta anos. Ambos poderão perceber diferenças, por pequenas que sejam, de vocabulário, construções diferentes, pronúncia diferente de certas palavras ou de certos sons.”

CHAGAS, P. A mudança lingüística. In: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 141-163



Assim é

1. Mudança gramatical

Há processos de mudança linguística que ocorrem no sistema gramatical de uma determinada língua, seja no âmbito morfológico ou sintático. Diferentemente dos processos estudados anteriormente, neste perceberemos alterações gramaticais como resultado das mudanças.

A rigidez na ordem das palavras para expressar relações gramaticais, resultante da perda de flexão nominal, é um exemplo desse tipo de mudança. Esse foi o caso das chamadas línguas românicas (português, francês, espanhol, italiano...) a partir do latim.

Em latim, a determinação das relações gramaticais como sujeito e objeto era feita por meio de um sistema de marcação de caso nos nomes que compunham as orações. Isso fazia com que a ordem das palavras na sentença fosse livre. Assim, na língua latina, o falante alterava a ordem dos termos que constituíam a sentença sem prejuízo a identificação dessas relações.

Com o passar do tempo, a marcação de caso desapareceu e a ordem dos termos passou a ser importante. Hoje, em português, por exemplo, língua originária do latim, as relações de sujeito e objeto passaram a ser determinadas apenas pela sua posição na oração. Na ordem direta, na nossa língua, o sujeito ocorre primeiro, seguido do verbo, e depois o objeto. Lembra das aulas de gramática? Vejamos como isso ocorria no latim.

Marcell-us ama-t Claudi-am

"Marcelo ama Cláudia"

Claudi-am ama-t Marcell-us

"*Marcelo ama Cláudia*"

Observe que a ordem dos constituintes é alterada sem prejuízo ao significado. Isso porque as relações gramaticais são marcadas pelas terminações dos nomes.

No português, como essa marcação não ocorre, se alterarmos

a ordem dos nomes, ocorrerá alteração também com as relações gramaticais. Tomemos o exemplo seguinte:

O menino matou o cachorro

O cachorro matou o menino

Viu como os significados, no caso do português, são bastante diferentes?

2. Mudança semântica

São consideradas mudanças semânticas aquelas que atingem o significado das palavras de uma língua. Diferentemente dos tipos de mudanças linguísticas até aqui estudados, não há modelos abstratos desse tipo de mudança. Não há como um modelo dar conta de uma mudança que envolva significado. O que há é o reconhecimento de alguns mecanismos que podem causar mudanças nos significados das palavras. A seguir, veremos cada um desses mecanismos.

2.1 aparecimento ou neologismo

Esse fenômeno é caracterizado pela inserção, no léxico de uma língua, de um novo item. Essa inserção se dá quando há, por exemplo, necessidade de se nomear novas invenções (ex: cd-player), e novas tendências ligadas a um nome próprio (ex: lulista, petista).

A classe dos nomes é a que mais comumente é acrescida de novos itens. Isso se dá por meio de empréstimo linguístico. O português falado no Brasil apresenta vários exemplos desse empréstimo, sendo o grupo de palavras de origem indígena o mais presente devido ao contato entre índios e portugueses no processo de colonização. Veja o quadro:

NOMES DE ORIGEM INDÍGENA

Animais: acará, pacu, jiboia...

Planta : Jacarandá, mandioca...

Objetos: maracá, arapuca...

Comidas típicas: beiju, piracuí...

Lugares: Capanema, Jaguariúna...

Há também nomes não-indígenas que fazem parte do português atual. Veja:

Origem do nome	exemplo
Inglês	Software, mouse...
Francês	Déjà vu, chique, menu...
Japonês	Haraquiri, nissei...
Persa	Bazar...
Árabe	Quibe...
Turco	Iogurte...
Sânscrito	Ioga...

2.2 Obsolescência

Trata-se de um processo oposto ao neologismo. Nesse caso, um item lexical deixa de existir em uma comunidade linguística devido a sua baixa frequência de uso. Esse "deixar de existir" é difícil de ser precisado porque os registros escritos acabam por perpetuarem esses itens por meio de textos antigos e dicionários. Em português há exemplos de palavras que, provavelmente já passaram por esse processo. Você ainda ouve por aí alguém pronunciando palavras como alugatário, clavina, monoquíni, repostaria e tassalho? Pois elas, hoje, foram substituídas, respectivamente, por inquilino, carabina, maiô de uma peça, dependência de casa nobre e fatia grande.

2.3 Contato semântico

Há palavras que adquirem um outro significado por meio um contexto específico. Nesse caso, temos a mudança por contato semântico. Um exemplo é a palavra bead, do inglês, que significa "conta de um colar". Vamos entender esse processo: bead vem do inglês antigo, gebed, e significava "reza, oração". A mudança de significado de "reza" para

“conta” é explicada pelo costume entre os membros da Igreja Católica de contar as rezas ou orações nos rosários, os quais são formados por contas. Não é interessante?

2.4 Isolamento de formas

Ocorre quando um item particular de um grupo se distancia dos demais itens e assume um significado diferente. Por exemplo: a palavra *tectum*, do latim, que significa teto, originalmente era uma derivação de *teg-*, “cobrir” e *-tum*, sufixo empregado para formar nomes de verbos. Na passagem do latim arcaico para o latim clássico, *-tum* não teve mais função e *tectum* passou a ser teto.

2.5 Deslocamento semântico

É um fenômeno considerado ilimitado. Mesmo assim, ele pode ser classificado em quatro tipos. Veja o quadro.

Tipo	Descrição	Exemplo
a) extensão	Ocorre quando o sentido de um determinado item lexical aumenta em número com o passar do tempo.	Originalmente, a palavra salário era <i>salarium</i> , em latim, e significava “pagamento em qualquer espécie pelo trabalho regular de um soldado”. Desse significado original vieram outras: “pagamento em sal pelo trabalho regular de um soldado > “pagamento em qualquer espécie pelo trabalho regular de um soldado”. Hoje, temos “pagamento em dinheiro pelo trabalho regular de qualquer pessoa.”

b) estreitamento	É o inverso da extensão. Nele, o item lexical tem seu significado restringido.	A palavra pílula, que em seu sentido original significa "medicação em forma comprimida para ser tomada oralmente", hoje é usada, geralmente, apenas para denominar o "contraceptivo oral".
c) uso figurativo	É o processo mais frequente. Ocorre quando há um deslocamento do sentido original de uma palavra, por meio de processos já nossos conhecidos, como a metáfora, a metonímia...	Quando dizemos que mulher ou uma criança é uma boneca, para referir-se a sua beleza física, estamos deslocando o sentido original da palavra boneca. Quer dizer a mulher ou a criança é bonita e de corpo perfeito como uma boneca. Esse uso fez com que, no dicionário, essa palavra tivesse significado duplo.
d) desvio	Ocorre quando um item lexical continua a existir mesmo que seu significado mude.	A palavra inglesa artillery se referia a armas do chão utilizadas em épocas antigas (catapultas, flechas...). Hoje, refere-se a armamentos modernos como canhões, metralhadoras....

Atenção!



Qual a diferença entre neologismo e estrangeirismo?

Heloisa Ramos, especialista em Língua Portuguesa.

No poema Neologismo, Manuel Bandeira (1886-1968) diz: "Beijo pouco, falo menos ainda/ Mas, invento palavras/ Que traduzem a ternura mais funda/ E mais cotidiana./ Inventei, por exemplo, o verbo teadorar/ Intransitivo:/ Teadoro, Teodora". No caso, o poeta criou o verbo "teadorar". A nova palavra chama-se de neologismo. Neo, prefixo grego que significa "novo", une-se a logo, do grego logos, que exprime a ideia de palavra, e a ismo, sufixo também grego (ismos), que forma substantivos. Sempre que necessário, palavras podem nascer. Por causa do Twitter (nome em inglês do microblog que conecta o autor com sua rede de contatos), surgiram "tuiteiro" (para nomear o usuário) e "tuitar" (a ação que faz aquele que usa o serviço). Mesmo que baseadas em vocábulos estrangeiros, as novas palavras obedecem às regras da língua portuguesa. No caso de tuiteiro, o processo foi o de acrescentar o sufixo "eiro", próprio para formar termos que designam o agente numa profissão ou atividade. Já estrangeirismo é o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma tomadas por empréstimos de outra língua. A incorporação do estrangeirismo se dá por um processo natural de assimilação de cultura ou contiguidade geográfica. No mundo globalizado, as línguas se interpenetram, favorecendo as importações, como nas palavras leasing, marketing, shopping center e delivery. Não emprestamos só do inglês. Também do francês (bouquet, abat-jour...), do italiano (mezzanino, influenza...) e do japonês (sushi, ikebana...). Alguns estrangeirismos se aporuguesam (como em soutiens e sutiã, goal e gol) e outros mantêm a grafia do idioma de origem (como madame).

(<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa>)



Mãos à obra

1. Explique o processo de mudança gramatical.
2. O que difere a mudança gramatical da mudança semântica?
3. Em que sentido o fenômeno do neologismo serve para diminuir o preconceito linguístico?



Um passo a mais

FARACO, C. A. (org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

O livro critica o raciocínio simplista o qual julga os estrangeirismos uma ameaça à língua portuguesa. São textos de vários autores, todos unânimes na afirmação de que a língua muda para atender às necessidades de seus falantes e de que é impossível regulamentar a língua humana.

Já sei!



Nesta aula, vimos que as mudanças linguísticas, além do som, atingem também a estrutura gramatical e o vocabulário de uma língua. Na mudança gramatical, percebemos que a classificação das palavras de uma língua, no caso do português está relacionada à posição na frase, não é um capricho para torná-la mais "difícil" como às vezes julgamos quando estamos estudando a nossa língua, mas há um processo de mudança histórica aí implicado. Já a mudança semântica nos mostra que, antes de fazermos julgamentos preconceituosos em relação, por exemplo, ao uso de palavras estrangeiras no nosso idioma, temos de entender que o empréstimo linguístico faz parte do processo de mudança linguística. O que seria da língua portuguesa, e de outras línguas, sem esses empréstimos? Você já imaginou uma língua na qual as palavras não adquirissem um uso figurativo? É por essas e outras que é bom saber linguística.... Até a próxima.

Autoavaliação



Faça um levantamento de 10 palavras da língua portuguesa que passaram pelo processo de uso figurativo. Explique a(s) mudança(s) ocorrida(s) em cada uma delas.



Referências

FIORIN, J. L. (org.) *Introdução à linguística*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C.(orgs.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v.1. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.



Licenciatura em Espanhol



LINGÜÍSTICA I

Ailton Dantas de Lima

Aula

**Fonética: a produção da fala
e o estudo da prosódia**

11





Aula 11

Fonética: a produção da fala e o estudo da prosódia

Apresentação e Objetivos



Na aula anterior, continuamos a ver que existem explicações de natureza científica para as mudanças ocorridas com as línguas através dos tempos. Observamos que algumas alterações ocorridas em qualquer idioma também poderão passar pela estrutura gramatical ou pelo próprio significado das palavras. Concluimos, então, que, sustentar uma visão de língua que desconsidere tais mudanças é carecer de um embasamento científico para analisar os fatos da língua. E, como estudiosos da linguagem, não podemos ter tal procedimento.

Agora, já que vimos anteriormente que um dos aspectos da mudança linguística é a mudança de som, vamos estudar os princípios de produção da fala, particularmente, os aspectos referentes à prosódia. A Fonética e a Fonologia, por terem objetos de estudos semelhantes, estão intimamente relacionadas, mas a diferença consiste no ponto de vista sob o qual esse objeto é estudado.



Para começar

Devido à proximidade entre Fonética e Fonologia, mesmo que esta aula vá se ater às discussões sobre Fonética, faz-se necessária uma breve distinção entre essas duas áreas.

Primeiramente, é preciso compreender que a Fonética preocupa-se em descrever os sons da fala. Um exemplo disso é quando se afirma que o som [b] é articulado com uma corrente de ar pulmonar, egressiva, com vibração das cordas vocais, com uma obstrução do fluxo de ar seguida de uma explosão. Essa é uma descrição típica dessa área de estudo.

Já a Fonologia interpreta os resultados obtidos pela descrição fonética dos sons da fala, tomando por base os sistemas de sons das línguas. Um exemplo disso é quando se procura saber o porquê de os falantes de alguns dialetos do português do Brasil considerarem as consoantes iniciais das palavras *tapa* e *tia* ([t] e [tʃ]) – “tchê” como sendo o mesmo som, muito embora sejam bastante diferentes.

Assim, pode-se afirmar que a Fonética é essencialmente descritiva e a Fonologia é essencialmente explicativa e interpretativa. Nesta aula, como já foi dito, iremos nos voltar para aspectos da Fonética.



Assim é

1. A produção da fala

Você já parou para pensar que o ato de falar envolve uma série de procedimentos do nosso corpo? Nesse processo, mais da metade do corpo é envolvida, indo do abdômen até a cabeça. Saber ao certo onde fica o centro processador da linguagem é algo que os linguistas ainda procuram decifrar. O que se sabe é que, antes de abriremos nossas bocas para falar, planejamos o que vai ser dito. Nesse momento, são enviados comandos neuromusculares para que a fala se realize. Esse planejamento

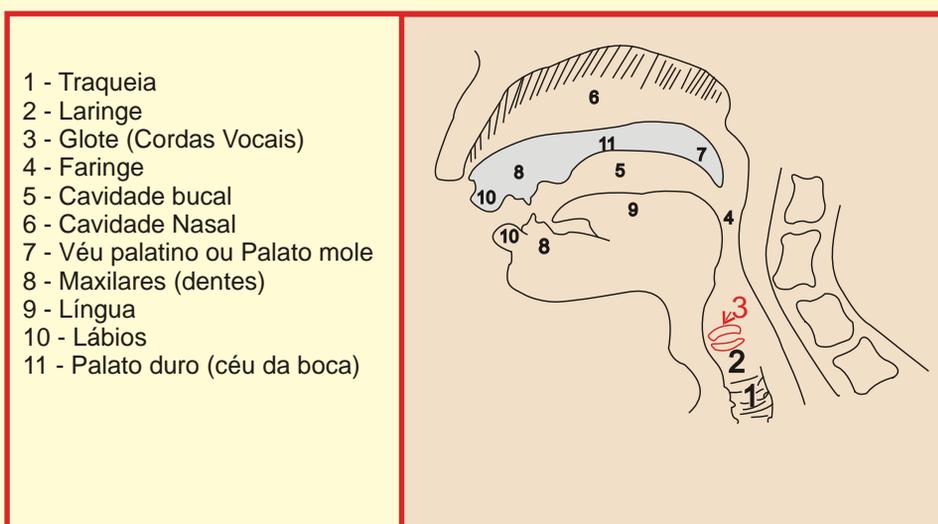
é necessário, uma vez que é um composto de ideias e sons.

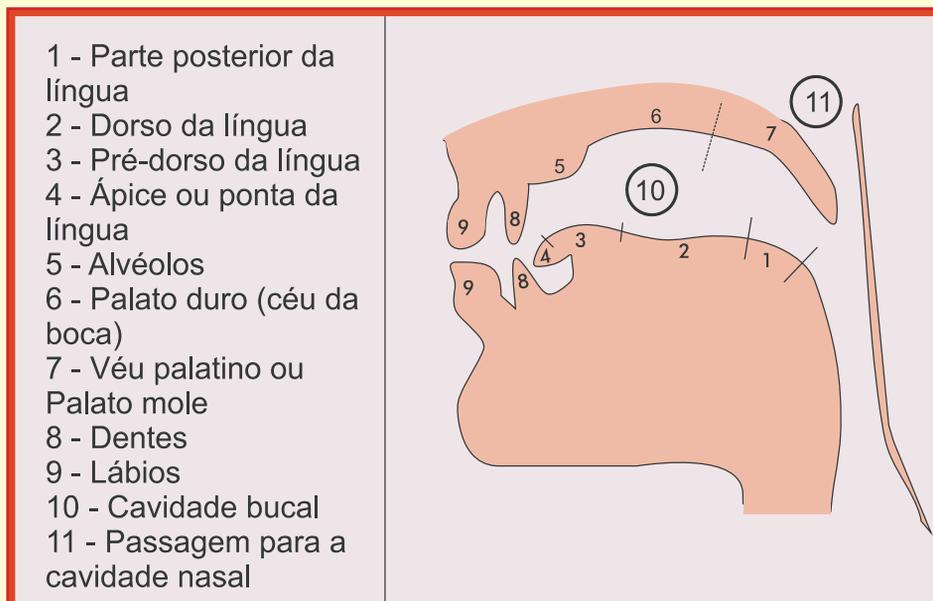
O processo de produção da fala envolve basicamente dois aspectos: o neurolinguístico, que é quando juntamos as ideias aos sons correspondentes àquilo que se quer falar em uma determinada ordem, conforme as regras da língua; e o neuromuscular, que vem logo em seguida e corresponde ao momento em que o cérebro começa a enviar para os músculos mensagens para diferentes partes do corpo, preparando-o para dizer o que foi planejado.

Todo esse processo age diretamente sobre a respiração. Isso porque a respiração comum é modificada pela ação do diafragma e dos músculos intercostais. De uma onda suave e regular, a respiração passa a corresponder a uma onda variável entre um momento curto, de grande intensidade, e um momento longo, com variações de intensidade. Essa oscilação define os limites e as bases de cada sílaba.

Portanto, existe uma relação entre a respiração e a fala. A fala quase sempre faz uso do mecanismo pulmonar gressivo, isto é, ela tira proveito da modificação causada sobre a corrente de ar que usamos para respirar.

Para compreendermos melhor o processo de produção da fala, vejamos os esquemas





Os esquemas acima representam, respectivamente, o aparelho fonador e a cavidade bucal. O processo de produção da fala se dá, basicamente, quando a corrente de ar fonatório sai pela boca e/ou pelas narinas. Nesse momento, as vibrações das partículas de ar se espalham em ondas circulares. Ao receber essas ondas, o ouvinte realiza o processo auditivo da fala.

A emissão dos sons da linguagem por um conjunto de mecanismos fisiológicos (representados nos esquemas aqui reproduzidos) e neurofisiológicos é chamada de fonação. Vamos compreender como isso funciona: a laringe não é usada somente para a fala, mas para a respiração. A corrente de ar vinda dos pulmões é modificada acusticamente e recebe características de um som periódico, no caso do vozeamento, ou de um som aperiódico, isto é, fricção, no caso do efeito de turbulência causado pela obstrução do tubo laríngeo e, sobretudo pelo estreitamento das cordas vocais.

A passagem que se forma entre as cordas vocais é chamada de glote. Ao passar pela laringe, a corrente de ar passa a constituir o ar fonatório, o qual será modificado acusticamente ao passar pelas cavidades supraglotais (faringal, nasofaringal, nasal, oral e labial). Quando a glote está muito aberta, a corrente de ar pode não sofrer alteração, formando uma corrente de ar fonatório somente ao passar por uma obstrução nas cavidades supraglotais.

2. Prosódia

Quando a fala é segmentada (segmentar = cortar), os chamados segmentos é o que serve para definir o que conhecemos por vogal e consoante. As unidades maiores que esses segmentos são chamadas de unidades prosódicas. Inicialmente iremos ver os elementos da prosódia. Em outro momento estudaremos os segmentos.

Para começarmos a entender os estudos de prosódia, é necessário considerarmos que, assim como a música, a fala também tem melodia, que é a entonação e os diferentes tons, e harmonia, que é o acento e o ritmo.

2.1 Acento

Diferentemente da tradição dos estudos gramaticais, a palavra *acento*, na fonética, está relacionada não a um aspecto gráfico da escrita, mas à noção de *tonicidade*. Isso corresponderia ao estudo da gramática tradicional que divide as palavras do português em oxítonas (*chulé*), paroxítonas (*boneca*) e proparoxítonas (*técnico*), de acordo com a posição da sílaba tônica. Aprendemos que nem sempre a sílaba tônica recebe acento gráfico.

As sílabas são classificadas em tônicas ou átonas dependendo do grau de saliência que apresentam. Em português, essa saliência é resultado de uma duração maior.

É importante observar que uma sílaba só será considerada átona ou tônica se comparada às demais. Para a fonética, uma sílaba isoladamente não será átona nem tônica. Nos estudos fonéticos, são considerados três tipos de sílabas tônicas: sílabas com acento primário, sílabas com acento secundário e sílabas com acento frasal.

Tome-se como exemplo a palavra *cafezinho*. Isoladamente, ele apresenta um acento primário na penúltima sílaba (zi) e pode ter acento secundário na primeira sílaba (ca). Se for colocada em uma frase como *Vou tomar um cafezinho*, a sílaba zi, que já era acentuada no nível da palavra, recebe, agora, o acento frasal.

2.2 Ritmo

Na escola, aprendemos que apenas padrões muito rígidos de repetição de quantidade de sílabas e de acentos podem ser considerados rítmicos. Quem não se lembra dos estudos de metrificação dos poemas?

Para a tradição, os versos da cantiga, reproduzidos a seguir, são considerados rítmicos porque possuem, todos, sete sílabas poéticas e os acentos poéticos ocorrem com regularidade.

Ca/ran/gue/jo /não /é /pei/xe

1 2 3 4 5 6 7

Ca/ran/gue/jo /pei/xe /é

1 2 3 4 5 6 7

Ca/ran/gue/jo /só /é /pei/xe

1 2 3 4 5 6 7

Na/ en/chen/te /da /ma/ré

1 2 3 4 5 6 7

Para a fonética, tanto essa cantiga como qualquer outro texto falado possui ritmo. Isso porque a noção de ritmo é definida como a maneira pela qual as línguas organizam no tempo os elementos salientes da fala.

2.3 Velocidade de fala

Velocidade de fala é diferente de ritmo. O ritmo, como já vimos, é a maneira como uma língua organiza a substância fonética no tempo. Mas a velocidade com que esse ritmo é dito pode ser maior ou menor. Podemos, novamente fazer uma comparação com a música. Esta não perderá o ritmo se for executada mais rápida ou mais lentamente.

2.4 Entoação

No português nas chamadas línguas entoacionais, os diferentes tipos de enunciados apresentam padrões melódicos predeterminados pelo sistema da língua. Por isso, as frases declarativas se distinguem das frases interrogativas. As primeiras apresentam um padrão entoacional descendente e as segundas, um padrão ascendente.

Atenção!



Ritmo

Deriva do grego *rhythmós*, associado ao verbo *reîn* (correr), proveniente do movimento dos rios. *Ritmo* significa, de uma maneira geral, a repetição periódica de elementos no tempo ou no espaço, mas, enquanto termo científico, designa um movimento apresentado de uma maneira particular.

Em todas as línguas a fala possui *ritmo*, embora o seu *ritmo* dependa da natureza de cada língua. O português, o francês, ou o espanhol, por exemplo, integram-se no *ritmo* silábico no qual todas as sílabas tendem a articular-se durante um tempo aproximadamente igual. A língua inglesa pertence a um sistema *rítmico* cuja unidade mínima é o pé, constituído por uma ou mais sílabas. Neste caso são os pés que se pronunciam numa duração mais ou menos regular, o que significa que, por exemplo, num pé de quatro sílabas cada uma delas deva ser mais breve do que a sílaba, obviamente mais longa, de um pé monossilábico. O *ritmo* da fala inglesa apresenta-se assim num movimento de velocidades diferentes, percorrendo períodos semelhantes de tempo, mas cria-se também na tensão entre os acentos de intensidade - equivalentes ao *ictus* da prosódia clássica - que surgem, de uma maneira sistemática, na primeira sílaba de cada pé. Segundo M. A. K. Halliday, o pé descendente constitui um elemento da estrutura fonológica inglesa. Este acento pode também ser silencioso, mantendo-se o *ritmo*, de um modo sub-vocálico, tanto na consciência do falante como na do ouvinte: o chamado "silêncio rítmico".

A prosa é também provida de *ritmo* e Aristóteles afirma mesmo que o *ritmo* da prosa deve organizar-se em pés jambos - uma sílaba breve e uma longa - pois a cadência resultante da repetição desta alternância - a cadência jâmbica - seria a mais apropriada ao *ritmo* da fala.

Nas línguas românicas não existem vestígios de oposição quantitativa, e o *ritmo* poético baseia-se, sobretudo, nas posições tónicas e átonas, nos retardamentos, nas modulações, nas pausas, nas correspondências fónicas, ou seja, num movimento cuja dinâmica pode variar, ainda que inserida num padrão fixo, como é o caso da poesia em versos isossilábicos.

Segundo os Formalistas Russos, o *ritmo* não pertence ao domínio da contagem e o próprio verso resulta da impulsão *rítmica* que

Ihe é anterior: o *ritmo* do discurso poético. Este assenta nas leis do *ritmo* da fala e executa-se em *performance* criadora de uma sintaxe e de uma semântica próprias, visto que a um *ritmo* novo correspondem novos sentidos.

Ezra Pound crê no "*ritmo* absoluto" - o mais adequado à emoção que só através dele se pode expressar - e defende que o *ritmo*-marcado também por toda uma estrutura prosódica - deve fluir de verso para verso, a não ser que se pretenda uma pausa significativa.

O poeta vitoriano Gerard Manley Hopkins (1844-1889) é o grande precursor deste desígnio de restituir à poesia a força de uma expressividade, por vezes perdida, e de a libertar da submissão à métrica clássica que não contempla todas as propriedades *rítmicas* do discurso poético em língua inglesa. O termo "*ritmo* abrupto", por ele cunhado, designa a sistematização de um *ritmo* cujas principais características são análogas às do *ritmo* da fala, nomeadamente, confronto entre pés monossilábicos, *ritmo* descendente nos pés polissilábicos, acentos de silêncio e pés que não terminam no final de um verso, completando-se no início do verso seguinte.

(<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/R/ritmo.htm>)



1. Diferencie Fonética e Fonologia.

2. Explique os dois aspectos envolvidos no processo de produção da fala.

3. Explique como se dá o processo de produção da fala.

4. Explique a diferença entre *acento* para a tradição gramatical e *acento* para a Fonética.

5. Diferencie ritmo e velocidade.

6. O que é entoação?

Um passo a mais



CALLOU, D.; LEITE, Y. Iniciação à Fonética e à Fonologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

O livro apresenta e discute os principais problemas e conceitos da Fonética e da Fonologia. Trata-se de uma obra relevante para aqueles que se interessam pelos estudos de fenômenos linguísticos.



Já sei!

Nesta aula, tivemos contato com uma das áreas de estudo da linguística: a Fonética. Vimos que essa área fornece elementos para a descrição dos sons da fala. Estes são resultantes de um processo que envolve aspectos fisiológicos e neurológicos. Fisiologicamente, esse processo relaciona-se ao mecanismo de respiração do nosso organismo. Por isso, é importante compreender o funcionamento do aparelho fonador. Nesse sentido, destacam-se elementos como a laringe e as cordas vocais. Com a compreensão do processo de produção da fala, é possível perceber aspectos que muitas vezes não consideramos relevantes como o acento, a entoação, o ritmo, a velocidade da fala. Tais aspectos aqui foram tratados à luz da linguística, um pouco diferente do conhecimento tradicional da gramática que aprendemos na escola.



Autoavaliação

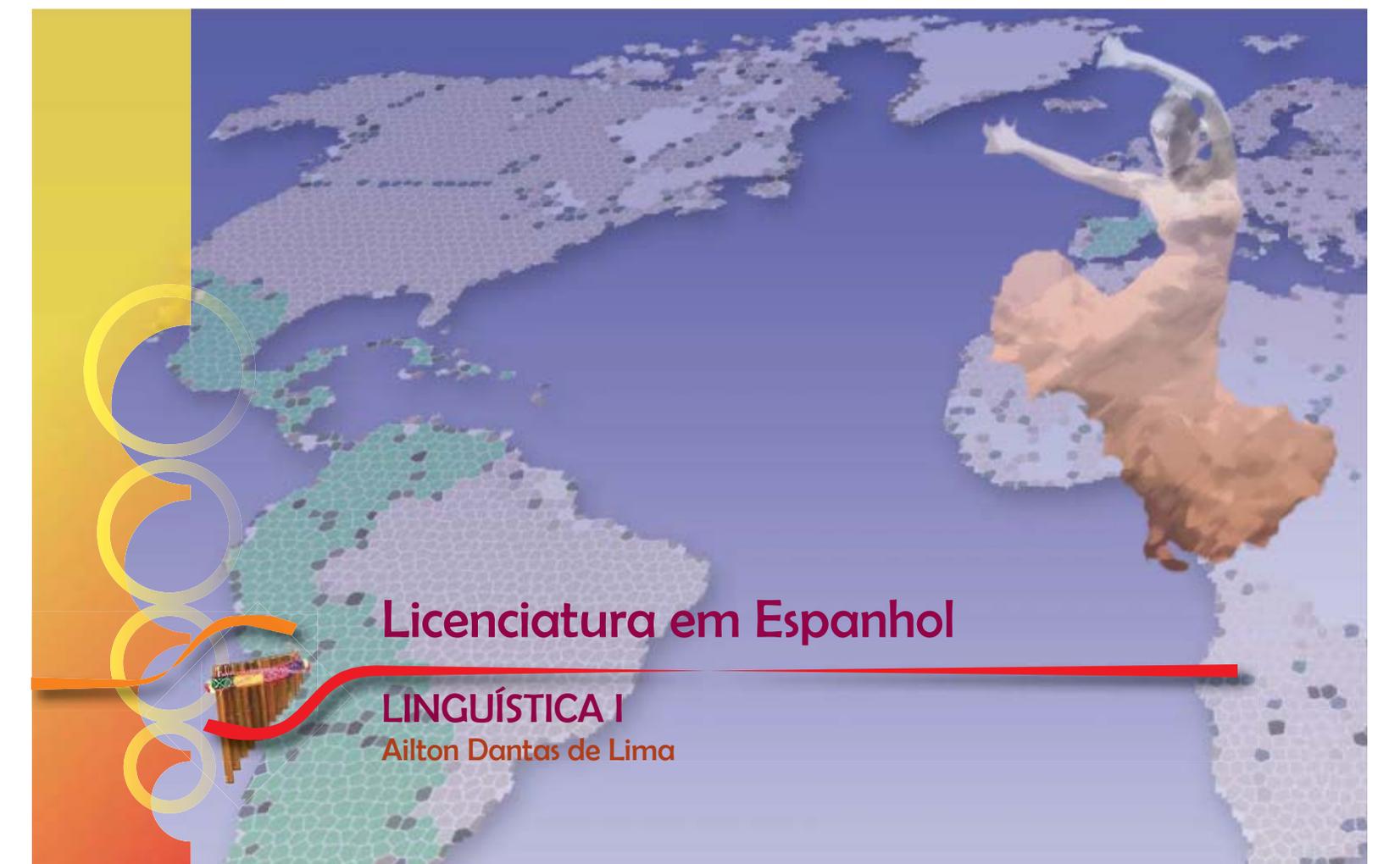
Escolha um poema da literatura brasileira e faça a escansão (divisão em sílabas poéticas) do texto. Em seguida, faça uma leitura em voz alta considerando o ritmo do poema. Compare com a leitura em voz alta de uma notícia de jornal. Ambos os textos possuem ritmo? Como explicar isso?

Referências



DUBOIS, J. et al. Dicionário de Linguística. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C.(orgs.) Introdução à linguística: domínios e fronteiras. v.1. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.



Licenciatura em Espanhol



LINGÜÍSTICA I

Ailton Dantas de Lima



Aula
Fonética: estudo dos segmentos **12**



© 2000

Aula 12

Fonética: estudo dos segmentos

Apresentação e Objetivos



Na aula anterior, vimos algumas contribuições da área da Fonética para os estudos linguísticos. Tivemos contato com elementos que fazem parte do processo de produção da fala, particularmente os chamados elementos prosódicos. Dentre estes destacamos o acento, o ritmo, a velocidade de fala e a entoação. Agora, continuaremos no campo da Fonética, com o objetivo de estudar os segmentos e investigando as consoantes e vogais.

Para começar



“Embora os sistemas linguísticos, de uma forma bastante ampla, sejam independentes do meio em que se manifestam, o meio natural primeiro da linguagem humana é o som. Por esta razão o estudo dos sons tem uma importância maior na linguística do que o estudo da escrita, dos gestos, ou de qualquer outro meio, real ou potencial, em que se desenvolve a língua.”

(LYONS, J. Linguagem e linguística: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987. p. 71)



Assim é

1.1 consoantes

De acordo com Dubois et al. (1995), a consoante é um som cuja articulação comporta obstrução, total ou parcial, em um ou vários pontos do conduto vocal. A presença desse obstáculo na passagem do ar provoca um ruído que constitui a consoante ou um elemento da consoante. Por exemplo, se esse ruído corresponde ao fechamento ou estreitamento do conduto vocal antes do pronunciamento de uma vogal, a consoante se diz explosiva, como o /p/ no português pau. Se a abertura do conduto vocal ocorre depois do pronunciamento da vogal, a consoante se diz implosiva, como em português (pronúncia carioca).

1.2 os modos de articulação

Considerando os modos de articulação, os segmentos consonantais podem ser classificados em:

- a. oclusivos – são sons produzidos com um bloqueio completo à corrente de ar em algum ponto do aparelho fonador, desde a glote até os lábios. Ex: pato, gado.
- b. nasais – são sons produzidos com um bloqueio à corrente de ar na cavidade oral, com abaixamento simultâneo do véu palatino (céu da boca), o que permite a saída do ar pelas narinas. Ex: somo, sono, sonho.
- c. fricativos – são sons produzidos com um estreitamento em qualquer parte do aparelho fonador (da glote até os lábios), de tal modo que o ar fonatório, passando por essa parte, produza fricção. Ex: faca, vaca, saca, jaca.
- d. africados - são sons que apresentam um bloqueio completo à corrente de ar dentro da cavidade oral, em sua parte inicial, e uma obstrução que produz fricção, durante a parte final de sua articulação. Ex: tia, dia (no falar carioca).
- e. laterais – são sons que bloqueiam a passagem central da corrente de ar na parte anterior da cavidade oral, permitindo um escape lateral. Ex: vela, velha.
- f. vibrantes – são sons produzidos por batidas rápidas da ponta

da língua ou do véu palatino. Ex: Araraquara.

- g. retroflexos – são sons produzidos com uma obstrução à corrente de ar produzida pelo encurvamento da ponta da língua para frente ou para trás. Um exemplo é o famoso /r/ caipira, muito comum no interior de São Paulo.

1.3 os lugares de articulação

De acordo com os lugares de articulação, um segmento fonético pode ser:

- a. labial ou bilabial – som produzido com um estreitamento ou fechamento produzido pela aproximação dos lábios;
- b. labiodental – som produzido com um contato do lábio inferior com os dentes incisivos superiores, ou com a ponta da língua contra a parte posterior dos dentes incisivos superiores;
- c. dental – som produzido com a ponta da língua entre os dentes incisivos superiores e inferiores, ou com a ponta da língua contra a parte posterior dos dentes incisivos superiores;
- d. alveolar – som produzido com a parte da frente da língua em direção aos alvéolos dos dentes incisivos superiores;
- e. palatoalveolar – som produzido na região imediatamente posterior à região onde se articulam os sons alveolares;
- f. alveopalatal - som produzido na região imediatamente anterior à região onde se articulam os sons palatais;
- g. palatal – som produzido com a parte central da língua contra a parte central da abóbada palatina, indo até o palato duro;
- h. velar – som produzido com o dorso da língua contra o palato mole;
- i. uvular – é o som produzido com o dorso da língua contra o fundo da cavidade oral, de modo a pressionar a parte mais baixa do palato mole, incluindo a úvula;
- j. faringal – é o som produzido pela raiz da língua formando uma constrição contra a parede da cavidade faringal;
- k. glotal – som produzido com a articulação das cordas vocais.

Veja o quadro a seguir. Ele apresenta exemplos de consoantes do Português, classificadas quanto ao modo e ao lugar de articulação.

Oclusivas
a) bilabiaais
<u>p</u> ato, <u>b</u> ato
b) alveolares
<u>t</u> ato, <u>d</u> ado
c) velares
<u>g</u> ato, <u>q</u> ato
Fricativas
a) labiodentais
<u>f</u> aca, <u>v</u> aca
b) alveolares
ca <u>ç</u> a, ca <u>s</u> a
c) palatoalveolares
<u>ç</u> á, j <u>á</u>
d) velares
<u>r</u> ato, barr <u>g</u> ua
e) uvulares
<u>r</u> oda, cur <u>g</u> al
f) glotais
<u>r</u> ato, barr <u>g</u> ua

Africadas

a) palatoalveolares

tia, dia, pote, pode

Nasais

a) bilabial

somo

b) dental

sono

c) palatal

sonho

d) velar

banco

Laterais

a) dental

mala

b) palatal

malha

Vibrantes

a) alveolar sonora

mar

b) alveolar surda

mar

c) uvular sonora

mar

Retroflexas

a) anterior (alveolar)

porta, mar

b) posterior (palatoalveolar)

porta, mar

Antes de falarmos um pouco sobre as vogais, faz-se necessário, a esta altura, apresentarmos o conceito de **vozeamento**. No estudo dos segmentos classificam-se os sons com base na oposição surdo/sonoro (vozeado/desvozeado). Quando os sons são produzidos com vibrações das cordas vocais, são chamados sonoros ou vozeados. Quando não há vibração das cordas vocais na produção dos sons, estes são surdos ou desvozeados. No caso das vogais, elas são sons vozeados por excelência. Já as consoantes podem ser surdas ou sonoras.

2 vogais

Diferentemente dos sons consonantais, quando produzimos sons vocálicos, os articuladores orais encontram-se tão abertos que a corrente de ar, ao passar pela cavidade oral, não encontra obstáculos e, por isso, não produz fricção. As vogais são sempre pronunciadas com a ponta da língua abaixada e com a superfície da língua em forma convexa.

Os sons vocálicos, do ponto de vista articatório, são classificados, tradicionalmente com base no movimento da língua nos eixos vertical e horizontal. Assim, foram estabelecidos quatro níveis de altura: fechada, meio-fechada, meio-aberta e aberta, e três regiões articatórias: anterior, central e posterior.



Atenção!

As letras K, W e Y são consideradas consoantes ou vogais?

Conforme o novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa, as letras K, W e Y foram incluídas no alfabeto e obedecem às regras gerais que caracterizam consoantes e vogais. Do ponto de vista fonético-fonológico, consoante é um fonema pronunciado com a interrupção do ar feita por dentes, língua ou lábios. Já a vogal é um fonema pronunciado com a passagem livre do ar pela boca. Outra distinção entre um grupo e outro de letras recai sobre a pronúncia: a consoante precisa de uma vogal para formar sílabas e ser pronunciada, e a vogal, não. Ela se basta.

Seguindo essas regras, o Y é uma vogal, já que foi traduzido do alfabeto grego como I e mantém esse som nas palavras em que é usado, como em ioga. Quando aportuguesada, a palavra originalmente grafada com Y passa a ser grafada com I - como em iene, moeda japonesa. O K corresponde, em português, ao som do C ou QU - como vemos em Kuait -, sendo considerado consoante. Já o W deve ser empregado de acordo com sua pronúncia na língua original, isto é, ora com som de V, quando proveniente do alemão (como Wagner), ora com som de U, quando de origem inglesa (caso de web). Com isso, a letra W é considerada consoante ou vogal, conforme o uso.

Mauricio Silva, da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, RJ.

(<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica>)



Mãos à obra

1. Do ponto de vista da fonética articulatória, diferencie o som consonantal do som vocálico.
2. Estabeleça uma comparação entre um som consonantal oclusivo bilabial e um som consonantal fricativo labiodental.
3. Qual a importância do conceito de vozeamento para os estudos da fonética articulatória?



Um passo a mais

CALLOU, D.; LEITE, Y. Iniciação à Fonética e à Fonologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

O livro apresenta e discute os principais problemas e conceitos da Fonética e da Fonologia. Trata-se de uma obra relevante para aqueles que se interessam pelos estudos de fenômenos linguísticos.

Já sei!



Nesta aula, continuamos a enveredar pelos estudos da fonética articulatória. Estudamos os segmentos consonantais e vocálicos. Vimos que os sons consonantais são produzidos a partir de um obstáculo que surge à passagem do ar pelo conduto vocal. A classificação desses sons se dá considerando os modos e os lugares de articulação. Outro elemento importante na descrição dos sons são as cordas vocais. São elas as responsáveis pelo vozeamento, ou seja, a sonoridade atribuída ao som. O som vozeado por excelência é o som vocálico. Até a próxima.

Autoavaliação



Pesquise, em gramáticas e/ou dicionários especializados de linguística, sobre os fenômenos da homofonia e da homografia. Explique cada um deles e dê exemplos.



Referências

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

LYONS, J. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C.(orgs.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v.1. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.



Licenciatura em Espanhol



LINGÜÍSTICA I

Ailton Dantas de Lima

Aula

Fonologia: **13**
o conceito de fonema





Apresentação e Objetivos



Na aula anterior, encerramos as discussões sobre a Fonética apresentando o estudo dos segmentos. Vimos as articulações dos sons consonantais quanto aos modos e aos lugares de articulação. Houve um detalhamento maior na descrição dos sons consonantais, uma vez que, estes, diferentemente dos sons vocálicos, articulam-se por meio de obstáculos que se constituem quando da passagem do ar. Já os sons vocálicos são articulados sem a presença de obstáculos à passagem do ar e orientados pela movimentação da língua.

Iremos sair da parte descritiva dos sons, atributo da Fonética, e nosso objetivo, agora, é estudar a parte de natureza mais interpretativa desses sons, a Fonologia.



Para começar

Desde os estudos de Saussure, já apresentados no início deste curso, que se estabeleceu ser a linguagem humana dividida entre língua e fala. A língua, para o estudioso suíço, é um produto social, ao qual todos os membros de uma comunidade têm acesso. Já a fala é tida como individual, pois representa o uso concreto dessa língua em um tempo e lugar determinados.

No entanto, é preciso compreender que, embora separadas para efeito de estudos científicos, língua e fala são interdependentes. A junção desses dois elementos é que constitui a linguagem humana: a língua é o código comum de comunicação entre todos os membros de uma comunidade, e a fala é materialização da língua em situação de uso de cada indivíduo.

Relembrando também os conceitos saussureanos aqui já estudados, na perspectiva de Saussure, a língua é um sistema de signos formados pela união entre um significado e um significante. Tanto os estudos da Fonética, vistos anteriormente, quanto os estudos da Fonologia, os quais serão a partir de agora apresentados, se detêm em investigar o significante, e não o significado. No caso da Fonética, o significante é estudado na fala. Na Fonologia, na língua.

Os sons que produzimos, ao falarmos, não são realizados de uma mesma maneira por todos os membros da comunidade. Também esses sons nunca são produzidos em um mesmo ponto articulatorio do aparelho fonatório. Os determinados contextos fônicos que os circundam podem condicioná-los. Um exemplo desse fenômeno, no português, ocorre com o fonema /k/, que é plosivo velar surdo, mas pode ser articulado numa posição mais pós velar como em ['kubu] "cubo", ou numa posição mais anterior, na região palatal, como em ['kilu] "quilo", ou ainda numa posição mais central em ['Kaza] "casa". Vale ressaltar que tais diferenças fonéticas não são perceptíveis aos ouvidos do falante nativo do português.

Já fizemos uma rápida alusão, em aula anterior, sobre a diferença entre Fonética e Fonologia. Vamos a um pouco de informação histórica sobre a origem dessa diferença entre áreas tão próximas. A consolidação dessa diferença se deu quando da realização do *Primeiro Congresso Internacional de Linguistas* realizado em Haia, na Holanda, em 1928. Lá, os linguistas russos: Roman Jakobson, Nicolai Trubetzkoy

e Serge Karcevsky apresentaram um trabalho no qual externavam a necessidade do estabelecimento de diferenças entre uma ciência que se preocupava com os sons da fala, a fonética, e outra ligada aos sons da língua, a fonologia.

Assim é



1. A importância de se estudar Fonologia

O estudo das ortografias, ou seja, o emprego de um alfabeto para representar a escrita de uma língua, está entre um dos objetivos dos estudos fonológicos.

Ao se envolverem com o estudo de línguas desconhecidas, portanto sem tradição de escrita, os linguístas procuram propor um sistema de ortografia para a língua que está sendo objeto da pesquisa. Dessa forma, foi a partir da análise fonológica que a ortografia de muitas línguas sem tradição de escrita foi criada.

Além dessas aplicações, a Fonologia também colabora para se conhecer o sistema fonológico da língua materna, uma vez que se recorre a ela quando se quer estabelecer a relação entre os fonemas de uma língua e os símbolos gráficos que os representam.

Nessa relação fonema-símbolo gráfico, fatores ligados à mudança linguística e extralinguística podem gerar diferenças entre a estrutura fonológica das línguas e sua ortografia. No português, um exemplo é o fonema fricativo alveolar sonoro /z/. Não há uma correspondência direta entre este e sua representação grafêmica. Tem-se, assim, <z> como em zebra; <s> como em piso; <x> como em exame.

Decorrentes dessas diferenças, têm-se defasagens entre a fala e sua representação gráfica, resultando nos “famosos” problemas ortográficos que se tem no momento da escrita. Isso se dá porque os sistemas de escrita não acompanham o desenvolvimento dinâmico da língua oral. Perceber tal relação é uma ferramenta útil no trabalho do professor de línguas, uma vez que o conhecimento do sistema fonológico

é essencial para a explicação sobre os problemas de ortografia.

O conhecimento da Fonologia também pode subsidiar na aprendizagem de uma língua estrangeira. Quem já estudou uma língua estrangeira sabe que há uma tendência em se usar os fones da língua materna para pronunciar os da língua que se está aprendendo. Esse fato, quando aplicado a duas línguas que diferem nos seus componentes fonológicos, gera interferências problemáticas na prática oral da língua estrangeira.

Diante de problemas dessa natureza, o professor pode encontrar a solução desenvolvendo estratégias que ajudem o aluno a superar a “mania” de transpor o sistema fônico da língua materna para o da língua estrangeira. Sem o conhecimento, pelo professor, dos sistemas fonológicos da língua estrangeira que está ensinando e da materna do aluno, fica difícil se obter sucesso nesse processo de ensino-aprendizagem.

2. O conceito de fonema

Pelo que vimos até aqui, já dá para perceber que cada língua apresenta um número determinado de unidades fônicas cuja função é determinar a diferença de significado de uma palavra em relação à outra. Por exemplo, notamos a diferença entre as palavras [ˈkasa] “caça” e [ˈkaza] “casa” pelo fato de a primeira fazer uso de uma fricativa alveolar surda /s/, e a segunda, de uma sonora /z/. Essas unidades que possibilitam a diferenciação de significados são denominadas fonemas. /s/ e /z/ são, portanto, dois fonemas do português.

Trata-se, pois, o fonema, de uma unidade menor que não pode ser analisada em outras unidades menores, isto é, é uma unidade indivisível. Essa era a visão de Trubetzkoy. Outros nomes também conceituaram o fonema. Desde o polonês Jan Baudouin de Courtenay, para quem o fonema era um equivalente psíquico do som, uma visão psicologista, portanto, passando por Leonard Bloomfield que o define como unidades mínimas de traços fônicos, chegando até Gleason, cuja definição aponta o fonema como uma classe de sons que são foneticamente semelhantes e mostram determinados esquemas de distribuição, dependendo das características de cada língua.

Diante dessas conceituações, fica a conclusão de que toda

língua apresenta um número restrito de sons com função de diferenciar o significado de uma palavra em relação à outra. Esse papel é exercido pelos fonemas os quais ocorrem em sequências lineares, combinando-se entre si de acordo com as regras fonológicas de cada língua.

Atenção!

Nikolai Trubetzkoy

Nikolay Sergeevich Trubetzkoy (outra grafia possível: Trubetsky - em russo: (Николай Сергеевич Трубецкой) (Moscou, 15 de abril de 1890 - Viena, 25 de junho de 1938) foi um lingüista russo cujos preceitos formaram o núcleo do Círculo de Praga de lingüística estrutural. Ele é amplamente considerado o fundador da morfofonologia. Também é associado aos eurasianistas russos.

Trubetzkoy nasceu em um meio extremamente refinado. Seu pai era um filósofo de primeira classe cuja linhagem ascendia aos governantes medievais da Lituânia. Graduou-se pela Universidade de Moscou em 1913, onde lecionou até a revolução. Depois disso, foi para a Universidade de Rostov-na-Donu, em seguida para a Universidade de Sofia (1920-1922). Por fim, assumiu a cátedra de Filologia Eslava na Universidade de Viena (1922-1938). Morreu de um ataque do coração, atribuído à perseguição nazista que sofreu após a publicação de um artigo de sua autoria no qual criticava duramente as teorias de Hitler.

A principal contribuição de Trubetzkoy para a lingüística foi no campo da fonologia, em particular na análise de sistemas fonológicos de linguagens individuais e na procura de leis fonológicas universais e gerais. Sua principal obra, Grundzüge der Phonologie (Princípios de Fonologia), foi publicada após sua morte. Nesse livro ele apresenta sua famosa definição de fonema como a menor unidade distintiva na estrutura de uma língua. Esse trabalho foi crucial para que a fonologia e a fonética passassem a ser vistas como duas ciências distintas.

Por vezes é difícil separar as idéias de Trubetzkoy das de seu amigo Roman Jakobson, a quem se deve a divulgação das teorias da

escola de Praga sobre fonologia após a morte prematura de Trubetzkoy.

(http://saber.sapo.ao/wiki/Nikolai_Trubetzkoy)



Mãos à obra

1. Relacione os conceitos de Fonética e de Fonologia com a dicotomia saussureana significante *versus* significado.

2. Conceitue fonema.



Um passo a mais

CALLOU, D.; LEITE, Y. Iniciação à Fonética e à Fonologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

O livro apresenta e discute os principais problemas e conceitos da Fonética e da Fonologia. Trata-se de uma obra relevante para aqueles que se interessam pelos estudos de fenômenos linguísticos.

Já sei!



Nesta aula, vimos que a Fonologia vai se preocupar com o estudo do fonema, que é a unidade mínima responsável pela distinção de significado entre uma palavra e outra. Dedicar-se a essa área dos estudos linguísticos auxilia na compreensão de várias questões inerentes ao trabalho com a linguagem. Desde o trabalho com a ortografia, auxiliando os aprendizes na compreensão dos problemas de escrita resultantes da relação fonema-símbolo gráfico, passando pelo processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, superando a barreira da associação entre o sistema fônico da língua estrangeira e o da língua materna. Trata-se, pois, o conhecimento dos estudos fonológicos, como uma ferramenta importante no trabalho do docente da área de línguas. Dentro dessa perspectiva, temos um conceito basilar: o fonema. Este deve ser entendido, diante de várias definições, como a unidade mínima responsável pela distinção de significado entre uma palavra e outra.

Autoavaliação



Explique duas implicações do conhecimento sobre Fonologia para a atividade do professor de línguas.

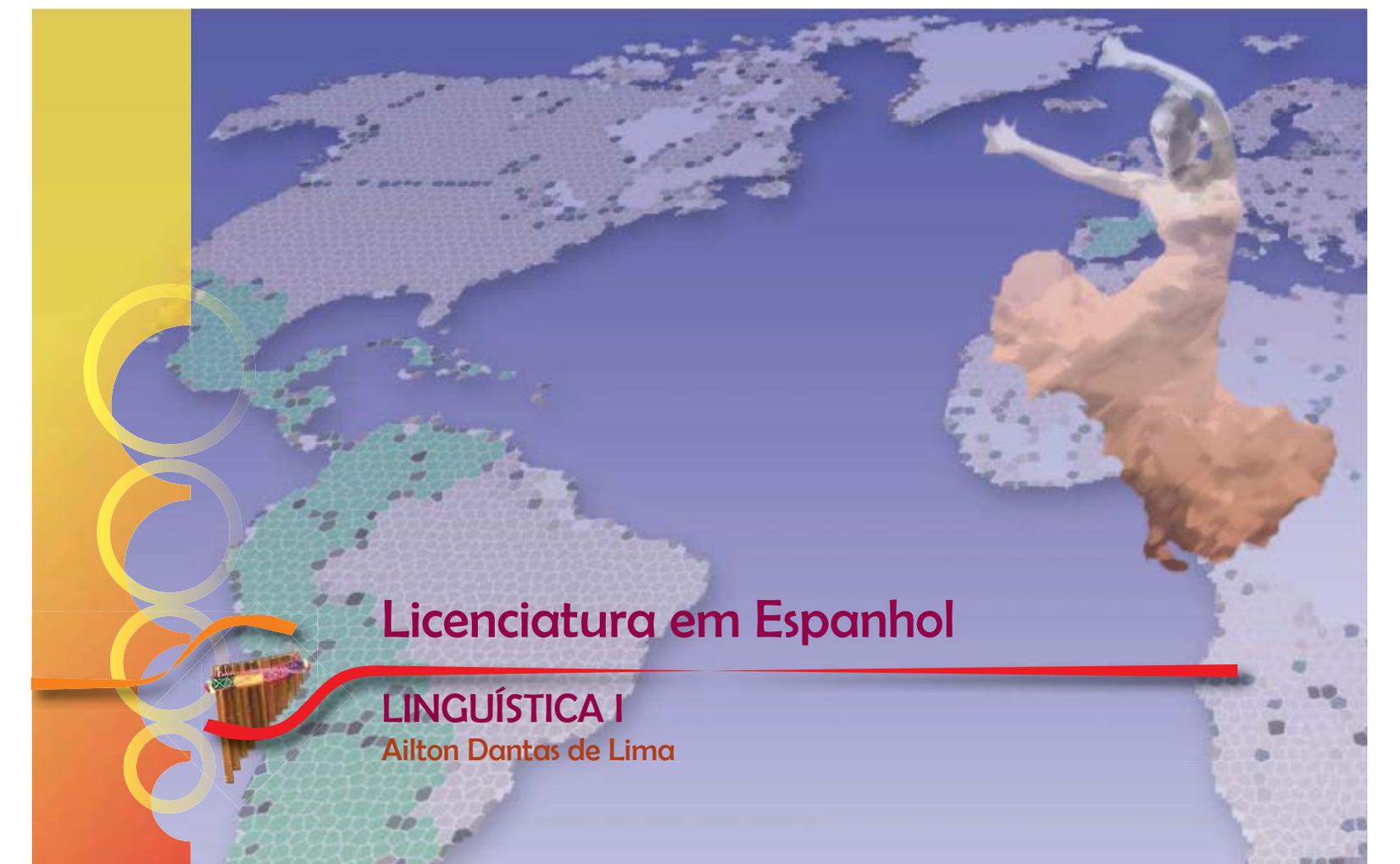


Referências

DUBOIS, J. et al. Dicionário de Linguística. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

LYONS, J. Linguagem e linguística: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C.(orgs.) Introdução à linguística: domínios e fronteiras. v.1. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.



Licenciatura em Espanhol



LINGÜÍSTICA I

Ailton Dantas de Lima



Aula
Morfologia 14



©©©©

Apresentação e Objetivos



Na aula anterior, encerramos as discussões pretendidas para que tivéssemos contato com a área da Fonologia. Vimos que se trata de um conhecimento originado da visão estruturalista de língua proposta por Saussure. Observamos que conhecer os princípios da Fonologia é de fundamental importância para o profissional da área de línguas, seja ela materna ou estrangeira.

O nosso objetivo, agora, é entrar em contato com noções básicas de outra área dos estudos linguísticos: a Morfologia.

Para começar



“Para a Linguística moderna, morfologia é a descrição das regras que regem a estrutura interna das palavras, isto é, as regras de combinação entre os morfemas-raízes para constituir ‘palavras’ (regras de formação de palavras) e a descrição das formas diversas que tomam essas palavras conforme a categoria de número, gênero, tempo, pessoa e, conforme o caso (flexão das palavras), em oposição à sintaxe que descreve as regras de combinação entre os morfemas léxicos (morfemas, raízes e palavras) para constituir frases.”

(DUBOIS, J. et al. Dicionário de Linguística. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 421-422.)



Assim é

1 As unidades básicas da Morfologia

Um dos primeiros aspectos a serem abordados, no que se refere a essa área, é a frequente definição que lhe é atribuída: é um componente da gramática que trata da estrutura interna das palavras. Tal definição se depara com outra de difícil consenso: o que é uma palavra?

Esse questionamento parece óbvio se pensarmos que, para qualquer pessoa, seja estudiosa da linguagem ou não, a existência de palavras é um fato. Mas dentro dos estudos linguísticos não é tarefa fácil definir o que é uma palavra, já que não há um único critério que sirva de referência para tal fim. Dependendo da língua, o que funciona como palavra pode ser traduzida para o português, por exemplo, como uma frase. Há uma língua falada no Mato Grosso do Sul, o kadiwéu, a qual apresenta certas sequências de sons tidas, para os falantes dessa língua, como palavra, mas que, para um falante do português, seria frase.

Como exemplo dessa língua temos: *jotayan yeta yadomitiwaji*. Como saber se essa construção é uma palavra ou uma frase?

Vamos tentar aplicar alguns critérios. Em primeiro lugar, guiar-se pelo significado, ou seja, o critério semântico não funciona. Quem é palavra no português? Padeiro ou aquele que faz o pão? Se formos pelo significado, nesse caso, fica difícil decidir, já que ambas têm o mesmo significado. Pelo conhecimento que temos da nossa língua, a primeira, padeiro, é que é uma palavra. A segunda, para nós, é uma frase.

Outro critério a ser aplicado seria o fonológico. Às vezes o som se assemelha, mas podemos estar diante de uma palavra ou de uma frase. A sonoridade pode produzir ambiguidades como na piada:

O que é detergente?

É o ato de prender pessoas.

deter gente (frase) - detergente (palavra)

Há uma preferência entre os linguístas em definir o que é palavra pelo critério sintático. Com base nesse critério, estabelece-se que uma sequência de sons será considerada palavra se obedecer a duas exigências: a) poder ser usada como resposta mínima a uma pergunta; b) poder ser usada em várias posições sintáticas. Tomemos como exemplo laranja

O que Letícia comprou na feira hoje?

Laranja

Letícia comprou laranja na feira hoje.

Laranja foi o que Letícia comprou na feira hoje.

Observe que laranja segue as exigências do critério sintático: serve como resposta possível a uma questão e ocorre em mais de uma posição sintática.

Já se tomarmos o pronome *lhe*, por exemplo, ele não terá essa “liberdade”. Não pode se constituir como resposta a uma questão e não pode ser sujeito de uma frase, mas apenas objeto. *Lhe* não pode ser considerado, portanto, uma palavra. O mesmo não se pode dizer do pronome *ele*. Se submetido ao critério sintático aqui aludido, ele funciona como palavra.

Diante disso, podemos entender que palavra é a unidade mínima que pode ocorrer livremente. Essa será a unidade máxima com a qual lidará a Morfologia. Parece contraditório, não é? Entenda: a Morfologia não poderá estender a sua análise para além da palavra. E esta é entendida como uma unidade mínima que pode ocorrer livremente. Está claro?

Ora se temos o máximo para a Morfologia, que é a palavra, deve-se ter também o elemento mínimo com o qual essa área irá lidar. Quando estudamos Fonologia, vimos que, para essa área, o elemento mínimo era o fonema. E já que a Morfologia estuda a palavra, qual será o elemento mínimo de uma palavra?

Para compreendermos essa história de elemento mínimo da palavra é preciso pensar sobre o seguinte: você já se deparou com uma palavra nunca antes ouvida, mas, mesmo assim, conseguiu entender o seu significado? Isso pode ocorrer de vez em quando com o falante de qualquer língua. Imagine que você ouviu, pela primeira vez, a palavra

nacionalização. Nesse momento, você começou a investigar o que ela significava pelo seguinte processo: sabemos que nação significa “pátria” e que al, em português, é um elemento que transforma substantivos em adjetivos; izar é um elemento da nossa língua que transforma adjetivos em verbos; ção transforma verbos em substantivos. Se juntarmos nação e al, criamos o adjetivo nacional. Ao adicionarmos izar, temos nacionalizar. Ao somarmos ção a nacionalizar teremos nacionalização. Nacionalização é, então, ato de nacionalizar. Observe que o significado dessa palavra foi construído por meio do significado das partes que a compõem. Esses “pedaços” da palavra que são portadores de significado são chamados de **morfema**. Os morfemas são, portanto, a unidade mínima da Morfologia.

Essa questão de tentar explicar com se reconhece uma palavra nunca ouvida antes e como se cria uma palavra antes inexistente é de grande importância para os estudos estruturalistas. Tais explicações serão obtidas a partir do conhecimento dos morfemas da língua que se está estudando. Cabe à linguística, portanto, dentro da perspectiva estruturalista, identificar os morfemas de cada língua falada no mundo. A metodologia proposta pelo estruturalismo segue a linha de que não é necessário conhecer uma língua para identificar seus morfemas. É algo interessante, não é? Veja os passos propostos, ilustrados a partir da língua kdiwéu já aqui referida.

Passo 1 – Identifique formas recorrentes e tente observar qual é o pedaço de significado recorrente na tradução.

Ex.: jiwí	-	eu escuto
J – iwin	-	escutar
Jacako	-	eu soco
J – acakon	-	socar
Jacaw:a	-	eu ajudo
j- acaw:a	-	ajudar

Passo 2 – aceite que morfemas universalmente não aparecem na mesma ordem que os morfemas do português. A ordem dos morfemas que marcam as primeiras pessoas dos verbos (existentes no kadiwéu e no português) é diferente. No kadiwéu, esses morfemas aparecem antes da raiz verbal (são prefixos). No português, surgem após a raiz verbal (são sufixos).

Passo 3 – aceite que nem todos os significados expressos por morfemas em sua língua nativa serão expressos em outra língua por um morfema específico. No chinês, por exemplo, não há morfema marcador de pessoa como no português.

Passo 4 – aceite que sua língua nativa não apresenta todos os contrastes morfológicos possíveis universalmente. As línguas indígenas brasileiras, por exemplo, apresentam um morfema, cujo papel é ainda desconhecido, que marca a impossibilidade do deslocamento do objeto direto, devendo este permanecer contíguo ao verbo. Esse fenômeno não existe em nenhuma outra língua europeia.

Atenção!

Morfema

Sírio Possenti
De Campinas (SP)

Na coluna passada, comentei a confissão de Cony. Dizia ele que nunca ouvira falar de morfema, e que acabou sabendo do que se trata em conversa com Evanildo Bechara.

Pensei comigo: talvez seja o caso de comentar o conceito. Começo como Cony: vou a um dicionário, o Houaiss. Antes, uma retificação: disse na coluna passada que considerava suspeita a definição de Houaiss. Mas não é verdade: ela é ótima. Na verdade, Cony citara a do Aurélio, que é bem ruim, pouco clara, talvez errada. A do Houaiss é corretíssima, e eu a transcrevo:

(Morfema é) a menor unidade lingüística que possui significado, abarcando raízes e afixos, formas livres (p.ex.: mar) e formas presas (p.ex.: sapat-, -o-, -s) e vocábulos gramaticais (preposições, conjunções) Para o estruturalismo norte-americano, pode ter ainda outras manifestações, como a ordem das palavras na frase, indicando as funções sintáticas dos constituintes, ou a entonação sozinha, que pode mudar o sentido de um enunciado: Você vai. Você vai?

A definição mais resumida é "menor unidade significativa", ou seja, uma unidade "material" com sentido. Por exemplo, um radical (com-, de comer, sapat- de sapato) é um morfema; um prefixo (in-, des-, re-) é um morfema; um sufixo (-eiro, -mente, -ão) é um morfema. Também são morfemas "desinências" (-s final de estás) e flexões (-s final de sapatos). Claro, também são morfemas palavras como "mas", "também", "menos" etc. De tudo isso a definição dá conta. Ou seja, Cony deve ter entendido logo que Bechara desvelou o segredo.

Mesmo assim, vale a pena esticar a conversa. Sei, por experiência, que alunos reagem bem quando se explicitam fatos que, no fundo, são banais - mas que a escola tratou um pouco confusamente. Por exemplo, que o que parece ser uma unidade pode não ser ou pode ser mais de uma. Por exemplo, "s" é apenas um fonema em palavras (ou "contextos") como sapato, sala, salame, assado, nascido, vamos etc., mas é um morfema de um certo tipo em estás, comes, lavas (significa segunda pessoa do singular) e é morfema completamente diferente em sapatos, meias, mesas, livros (significa mais de um). Mais: em desfazer, dê é um morfema, um prefixo, que significa "voltar ao estágio anterior" (!!!), mas em desmanchar, dê não é um prefixo (desfazer não está para fazer assim como desmanchar está para manchar).

Os alunos mais sacadores logo descobrem porque Saussure, por exemplo, disse que uma língua é um sistema em que não importa a substância, mas apenas a forma. Isto é, não importa o que "é" um "s", mas em quais relações ele entra no sistema da língua: se no final de uma forma verbal ou nominal específica, oposta a outras formas verbais (estás / está, estamos, estão) ou a outras formas nominais (sapatos / sapato / sapateiro). Em cada caso, está em um paradigma diferente, num subsistema diverso. A dupla sapato / sapatos, aliás, fornece um bom exemplo de morfema ZERO, isto é, do FATO lingüístico de que um sentido (o de singular) não é marcado (em português). Ou seja, nós sabemos que um nome está no singular (isto é, que se refere a uma unidade) apenas porque ela não tem marca de plural. Ou seja, que a

marca de singular é ZERO, que o singular não é marcado em português.

Evidentemente, para quem gosta de estudar, os casos mais interessantes não são os evidentes, ou os tornados evidentes. Os melhores são aqueles que obrigam a teoria a ranger, ou aqueles cuja explicação põe a teoria (ou alguns fatos que pareciam claros) em questão.

Por exemplo: "demais" é uma palavra (um morfema) ou são dois (de + mais)? Estamos acostumados a escrever "tudo junto", o que pode fazer com que pensemos que se trata de uma palavra (simples). Mas, se olharmos de perto seu funcionamento em termos de ordem dos advérbios de intensidade, surge um problema. Vejamos. Advérbios de intensidade têm uma ordem mais ou menos fixa. Vêm antes de adjetivos (muito bom. *bom muito), antes de advérbios (muito bem, *bem muito) e depois de verbos (come muito, *muito come).

Mas as locuções que têm o mesmo valor sempre vêm depois da palavra a que "modificam": é bom pra burro (*pra burro bom), joga bem pra burro (*joga pra burro bem), come pra burro (*pra burro come).

Ora, *demais* se comporta como as locuções: bom *demais* (*demais bom), bem *demais* (*demais bem), come *demais* (*demais come). Se tudo o mais for igual, *demais* deveria ser uma locução... Ou seja, duas palavras. Veja o que dizem os dicionários... E tente ver como se comporta *paca* e qual é sua derivação...

Sírio Possenti é professor associado do Departamento de Linguística da Unicamp e autor de Por que (não) ensinar gramática na escola, Os humores da língua, Os limites do discurso e Questões para analistas de discurso.

(<http://terramagazine.terra.com.br>)



Mãos à obra

1. Qual a importância de se conceituar *palavra* para os estudos de morfologia?
2. O que é um morfema? Justifique com exemplos da língua portuguesa.
3. O que significa dizer que o morfema é a “unidade mínima” da morfologia?
4. Explique as orientações que se deve ter ao investigar a estrutura morfológica de uma língua desconhecida.



Um passo a mais

CÂMARA JR. J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 40. ed. Petrópolis –RJ: Vozes, 2001.

O livro é composto de duas partes - fonologia e morfologia. Nele o autor cria uma descrição da língua portuguesa sem a carga purista e normativa das gramáticas tradicionais. Trata-se de um clássico brasileiro dos estudos estruturais da língua portuguesa.

Já sei!



Nesta aula, apresentamos os princípios norteadores dos estudos em morfologia. Uma das dificuldades com os quais os pesquisadores se depararam foi a conceituação do que vem a ser a unidade máxima dessa área: a palavra. Vimos que critérios fonológicos e semânticos são insuficientes para abarcar tal conceituação. Assim, linguistas procuraram se orientar por critérios sintáticos que levam a entender a palavra como uma unidade mínima livre. Tomando a palavra como unidade máxima, a Morfologia conceituou morfema como sendo a unidade mínima portadora de significado que compõe a palavra. De posse desses conceitos, apontamos a importância dos estudos morfológicos para a concepção estruturalista de língua, uma vez que estes possibilitam o reconhecimento de morfemas em palavras mesmo de línguas que ainda não foram descritas.

Autoavaliação



Pesquise, em gramáticas escolares tradicionais, na parte dedicada à morfologia, como os conteúdos são apresentados e procure relacioná-los com as noções de morfologia discutidas nesta aula.



Referências

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

LYONS, J. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.



Licenciatura em Espanhol



LINGÜÍSTICA I

Ailton Dantas de Lima



Aula
Sintaxe 15





Apresentação e Objetivos



Na aula anterior, vimos a importância dos conceitos da morfologia dentro dos estudos linguísticos. Apresentamos, inicialmente, o conceito de *palavra*, unidade máxima da análise morfológica, e o conceito de morfema, como a unidade mínima de análise. Trata-se de conceitos relevantes quando se objetiva, dentro de uma perspectiva estruturalista da língua, investigar sobre os processos de reconhecimento e de criação de palavras.

Nosso objetivo, agora, é apresentar os estudos relacionados à sintaxe. Sairemos do nível da palavra, unidade máxima da morfologia, para a frase ou sentença.

A palavra *sintaxe* já nos é bastante conhecida desde os estudos de gramática tradicional. Assim, antes de termos contato com as visões da linguística sobre essa disciplina, vamos nos situar em como a sintaxe é inserida nos estudos da gramática tradicional propagados pelos escolares.



Para começar

“Chama-se *sintaxe* a parte da gramática que descreve as regras pelas quais se combinam as unidades significativas em frases; a sintaxe, que trata das funções, distingue-se tradicionalmente da morfologia, estudo das formas ou das partes do discurso, de suas flexões e da formação das palavras ou derivação. A sintaxe, às vezes, tem sido confundida com a própria gramática”

(DUBOIS, J. et al. Dicionário de Linguística. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 559)



1. A sintaxe na visão da gramática tradicional

Originária do grego, *syntaxis*, que significa ordem, disposição, a palavra sintaxe remete, tradicionalmente à parte da gramática que se dedica à descrição do modo como as palavras se combinam para formar as sentenças. Tal descrição é sempre regida por regras.

Para comprovar essa visão, basta folhear alguns livros de gramática tradicional e você perceberá que as orientações para se chegar às regras gramaticais da língua envolvem uma listagem de escritores considerados modelares no uso do idioma, como também uma lista de regras sob as quais tais escritores organizam as palavras do seu texto em sentenças.

São exemplos clássicos de sentenças analisadas pela gramática tradicional:

- a) Sábado eu vi um homem chorando.
- b) Um homem chorando eu vi sábado.
- c) Em casa ficaram João e Raquel.

Nesses casos, será dito que (a) é um exemplo de sentença na ordem direta, predominante nas frases do português. Em (b) e (c) tem-se a ordem inversa, com o intuito de enfatizar algum termo.

Trata-se, na visão da linguística, de uma descrição frágil, uma vez que, mesmo os livros apresentando uma lista de sentenças com possibilidade de variação, não se chega a um princípio geral que reja todos os casos.

Comumente se tenta explicar as inversões invocando o argumento da necessidade de ênfase em algum termo. No entanto, tal argumento carece de sustentação, já que essas inversões ocorrem com muita frequência, tornando-se comuns, o que não se coaduna com a necessidade de ênfase dos falantes.

Se considerarmos as inversões como um recurso de estilo, então seria um recurso aplicável a qualquer frase da língua para que atendêssemos as nossas necessidades de comunicação. No entanto, convenhamos, o exemplo (b) não soa natural aos nossos ouvidos:

d) Um homem chorando eu vi sábado.

Além disso, como será possível determinar, no caso da inversão de uma frase, qual elemento se está querendo enfatizar?

Essa inconsistência no trato da análise de sentenças observada nas nossas gramáticas remonta a toda uma tradição que vem dos gregos e suas preocupações filosóficas. As explicações contidas nos compêndios gramaticais são reflexos de categorias e de princípios que foram estabelecidos na antiguidade clássica, os quais tomaram como base as línguas grega e latina.

Decorrente desse aspecto da tradição gramatical, as nossas gramáticas, na maioria das vezes, estão distantes da realidade linguística, uma vez que não se propõem a descrever a língua em toda sua dinamicidade. O que elas fazem, na verdade, é apresentar regras que caracterizam a chamada norma culta, variedade utilizada em contextos que exigem uma maior formalidade e, por isso, entendida como a língua "correta".

2. Um pouco da história da sintaxe

Mais uma vez remontaremos a Ferdinand Saussure para tratarmos de um campo de estudo da linguística. Foi a partir das ideias desse linguísta, no início do século XX, que a sintaxe começou a se

firmar como disciplina.

A diferença entre a sintaxe e outras disciplinas aqui já apresentadas, a fonologia e a morfologia, remete à unidade de análise. Nos estudos sintáticos, o foco não é mais o fonema nem a palavra, mas a sentença. Nesse sentido, é necessário observar que, mesmo apresentando a sentença como um objeto comum a todos os estudiosos dessa área, nem sempre há consenso entre esses estudiosos sobre a maneira de abordar e explicar questões inerentes aos processos sintáticos. Ainda assim, é possível, diante das diferenças, dividir os diferentes pontos de vista em duas grandes correntes dos estudos linguísticos: o formalismo e o funcionalismo. Tais tendências são herdeiras da distinção clássica feita por Saussure entre *langue* e *parole*, a primeira ligada ao sistema, a segunda, ao uso, o que leva a estudar a linguagem, respectivamente, de um ponto de vista formal ou de suas funções.

Dada a importância dessas duas tendências dos estudos linguísticos, vamos, a seguir, entender um pouco sobre cada uma delas.

3. A perspectiva formalista

Uma análise linguística sob essa perspectiva deve ser pautada no estudo das características internas à língua, observando a natureza de seus constituintes e da relação entre eles. Em outras palavras, é a preocupação com o aspecto formal da língua.

Sob essa ótica de análise, a estrutura linguística é analisada sem haver preocupação com as relações entre língua e a situação comunicativa na qual o falante se insere (o contexto). Nesse caso, a sintaxe é tratada como um objeto autônomo.

Em decorrência disso, o limite de análise é a sentença, e não unidades maiores. Então, o que se discute em relação à variação e mudança linguísticas, nesse caso, restringe-se a questões como a inversão de constituintes sintáticos, mas tudo tratado internamente ao sistema da língua.

A perspectiva formalista para a análise de dados linguísticos é absorvida fortemente na proposta da Gramática Gerativa, de Noam Chomsky, no final da década de cinquenta do século XX. Posteriormente, partindo do princípio de que a língua é um sistema de conhecimentos interiorizados na mente humana (questão já discutida em módulo anterior), Chomsky definiu sua proposta considerando a exploração de quatro principais questões:

- a) no que consiste o sistema de conhecimentos do falante de uma determinada língua particular?
- b) como se dá o desenvolvimento de tal sistema de conhecimento na mente do falante?
- c) de que forma o falante utiliza tal sistema em situações discursivas concretas?
- d) que mecanismos físicos do cérebro do falante servem de base a tal sistema de conhecimentos?

Percebe-se, nessa proposta de investigação, uma preocupação primordial com as propriedades estruturais da língua.

4. A perspectiva funcionalista

Diferentemente da visão formalista, a funcionalista considera a linguagem como um sistema não-autônomo, resultante das necessidades de comunicação dos falantes. Assim, esse sistema está condicionado a limitações inerentes à capacidade humana de adquirir e processar o conhecimento. Nessa visão, a língua está estruturada tendo em vista a comunicação, função essencial da linguagem. Essa análise deve considerar o falante e o ouvinte, como também as necessidades da comunidade linguística.

Dá para perceber, que, na visão funcionalista, a análise terá de extrapolar o limite da sentença. O que se passa na sintaxe passa a ser compreendido ao se olhar também para o contexto no qual a sentença está inserida. Vai-se em busca das motivações de escolhas feitas pelos falantes no que se refere à estrutura da língua.

Como focaliza as escolhas, a abordagem funcionalista tem na variação linguística um de seus interesses e apresenta soluções que vão além do interior do sistema linguístico.



Atenção!

Sobre o termo funcionalismo

“Uma das inovações da linguística de Saussure é declarar essencial para a língua seu papel de instrumento de comunicação, papel em que os comparatistas viam ao contrário uma causa de degenerescência. Partindo daí, alguns sucessores de Saussure, que recebem muitas vezes o nome de funcionalista, consideram o estudo de uma língua como a pesquisa das funções desempenhadas pelos elementos, classes e mecanismos nela intervenientes.”

DUCROT, O; TODOROV, T. Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1988. p. 35



Mãos à obra

1. Por que a abordagem das análises sintáticas das nossas gramáticas tradicionais são consideradas inconsistentes?

2. Estabeleça a diferença entre os objetos de estudo da fonologia, da morfologia e da sintaxe.

3. Sintetize a proposta formalista para o estudo da sintaxe.

4. Sintetize a proposta funcionalista para o estudo da sintaxe.

5 O que diferencia, primordialmente, uma proposta da outra?



CHOMSKY, N. Aspectos da teoria da sintaxe. 2.ed. Trad. José Antonio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra: Armênio Amado Editor, 1978.

Trata-se de uma obra clássica dentro dos linguísticos. Nela encontramos os conceitos de competência e de performance da estrutura de superfície (realização das frases) e da estrutura profunda (caminho seguido para a criação de frases).



Já sei!

Nesta aula, apresentamos o papel da sintaxe no âmbito dos estudos linguísticos. Começamos pela inconsistência que os estudos sintáticos adquirem ao serem transpostos para as nossas gramáticas. Isso porque nossos compêndios gramaticais ainda tomam como

referência concepções oriundas da antiguidade clássica, provocando um distanciamento entre o que as gramáticas preconizam e a dinamicidade da língua. Nos estudos linguísticos, foram apresentadas as duas vertentes de abordagem das questões de sintaxe: o formalismo e o funcionalismo. A primeira analisa todas as questões internamente ao sistema da língua. A segunda considera também a situação comunicativa que motiva as escolhas dos falantes.



Autoavaliação

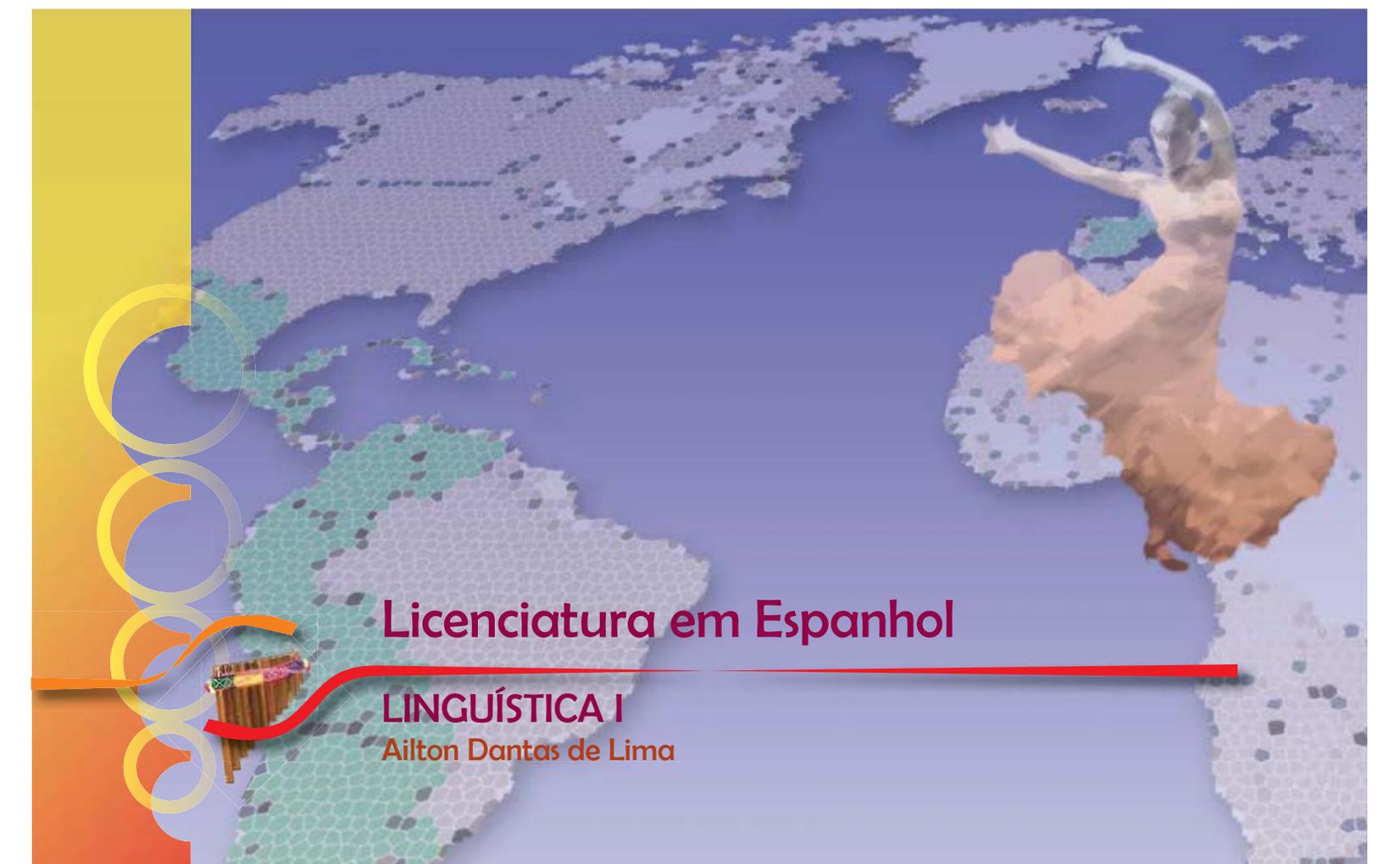
Escolha três conceituadas gramáticas tradicionais da língua portuguesa e faça uma análise, considerando as abordagens formalista e funcionalista da linguagem, do capítulo dedicado à análise sintática.



Referências

LYONS, J. Linguagem e linguística: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.



Licenciatura em Espanhol



LINGÜÍSTICA I

Ailton Dantas de Lima



Aula
Semântica 16



©©©©



Apresentação e Objetivos

Na aula anterior, vimos algumas considerações gerais sobre o estudo da sintaxe. Um aspecto destacado foi a relação que o termo sintaxe estabelece com o estudo da chamada "gramática tradicional", pautado no uso de regras rígidas para descrever o sistema da língua. Tais descrições revelam uma fragilidade, uma vez que não há um princípio geral regente de todos os casos abordados. Assim, os nossos manuais de gramática não conseguem acompanhar a dinamicidade da língua. Esses livros herdaram preocupações filosóficas que não se coadunam com a nossa realidade linguística. Dentro desse quadro, o que se chama de "gramática" é apenas uma tentativa de descrever a chamada "norma culta", dentre outras variedades da língua, a ser utilizada em situações formais.

No campo dos estudos sintáticos, duas tendências merecem destaque: a perspectiva formalista e a perspectiva funcionalista. A consideração ou não de fatores condicionados pelo uso linguístico é o que vai diferenciar essas duas tendências.

Agora, nosso objetivo é enveredar pela seara dos estudos semânticos. Na aula anterior, vimos algumas considerações gerais sobre o estudo da sintaxe. Um aspecto destacado foi a relação que o termo sintaxe estabelece com o estudo da chamada "gramática tradicional", pautado no uso de regras rígidas para descrever o sistema da língua. Tais descrições revelam uma fragilidade, uma vez que não há um princípio geral regente de todos os casos abordados. Assim, os nossos manuais de gramática não conseguem acompanhar a dinamicidade da língua. Esses livros herdaram preocupações filosóficas que não se coadunam com a nossa realidade linguística. Dentro desse quadro, o que se chama de "gramática" é apenas uma tentativa de descrever a chamada "norma culta", dentre outras variedades da língua, a ser utilizada em situações formais.

No campo dos estudos sintáticos, duas tendências merecem destaque: a perspectiva formalista e a perspectiva funcionalista. A consideração ou não de fatores condicionados pelo uso linguístico é o que vai diferenciar essas duas tendências.

Agora, nosso objetivo é enveredar pela seara dos estudos semânticos.



Para começar

Inicialmente, é preciso destacar a dificuldade em se definir o objeto de estudo da semântica. Há uma visão geral que atribui à semântica a tarefa de descrever o significado das palavras e das sentenças. A grande questão é que não há um consenso do que venha a ser "significado". Isso porque existe uma diferença entre querer saber o significado da palavra pão e o significado de uma atitude de alguém. No primeiro caso, tem-se o significado de um termo; no segundo, há a busca por uma intenção que não é pautada em elementos linguísticos. Em outras palavras, o termo "significado" é empregado nas situações mais variadas. Fala-se, por exemplo, em significado da vida.

Some-se a esse aspecto a questão de o problema do significado ir além das fronteiras da linguística. Entender como é que se atribui significado a um conjunto de ruídos é algo que envolve o conhecimento. Haveria uma relação de causa entre as palavras e as coisas? É uma relação difícil de explicar.

Como parece não haver acordo sobre essas questões, surgiram várias formas de descrever o significado. Surgiram várias semânticas. Cada uma delas com sua noção própria de significado, tentando dar respostas à questão da relação entre linguagem e mundo. Apresentaremos as três formas de fazer semântica: a Semântica Formal, a Semântica da Enunciação e a Semântica Cognitiva.



1 Semântica Formal

Os estudos de Semântica Formal descrevem o problema do significado a partir do princípio de que as sentenças se estruturam de forma lógica. Essa percepção remonta ao pensamento do filósofo grego Aristóteles. Esse sábio defendia que algumas relações de significado se dão independentemente do conteúdo das expressões. Eis um exemplo clássico:

Todo homem é mortal.

Paulo é homem.

Logo, Paulo é mortal.

Por esse raciocínio, se as duas primeiras sentenças forem verdadeiras, a última também o será. Trata-se de um raciocínio lógico, ou formal, que se garante independentemente do que os termos homem e mortal significam.

A definição de significado, dentro dos estudos formais da Semântica, teve a influência decisiva dos estudos do lógico alemão Gottlob Frege (1848 – 1925). Para esse autor, o estudo do significado, de forma científica, só é possível se retivermos apenas os aspectos objetivos deste. Nesse caso, a semântica não se preocupará em estudar representações individuais que uma palavra pode gerar.

E o que são essas representações individuais? Quando, por exemplo, você ouve a expressão estrela da manhã, dependendo da sua experiência de mundo, você formará uma ideia, uma representação que é apenas sua. Para Frege, explicar esse significado caberia à psicologia e não à semântica. Portanto, à semântica, caberia o estudo dos aspectos objetivos do significado, aqueles verificáveis. A expressão estrela da manhã ganha sentido como nome próprio, pois, por meio dela, conseguimos falar sobre um objeto no mundo, de conhecimento público, o planeta Vênus. A imagem compartilhada por todos os falantes é, segundo Frege, o sentido. Ou seja, o sentido só nos permite conhecer algo se a ele corresponder uma referência. Nesse sentido, a verdade está nas coisas do mundo e não na linguagem. Esta é apenas um instrumento

que nos permite alcançar a verdade ou a falsidade.

Se considerarmos esse pensamento de Frege, sentenças que falam de personagens fictícios não são verdadeiras. Uma sentença como o diabo mora ao lado não produz sentido, pois não se refere a um objeto real.

2 Semântica da enunciação

Contrapondo-se à concepção que a Semântica Formal elabora para explicar o significado, vários trabalhos começam a surgir na década de 1970. Dentre estes se destacam os de Oswald Ducrot. As críticas desse estudioso ao modelo da Semântica Formal levaram ao surgimento de um novo modelo: a Semântica da Enunciação.

Esse novo modelo vai se opor à visão de Frege a qual considera a linguagem é um meio para alcançarmos a verdade. Esta, por sua vez, está fora da linguagem. Isso permitiria aos falantes referirem-se objetivamente aos fatos do mundo.

A semântica da enunciação, ao contrário, acredita que não há um mundo independente da linguagem e da história. Nessa nova perspectiva, a linguagem constitui o mundo, por isso não é possível sair fora dela. A linguagem também cria a ilusão de sempre termos uma referência no mundo real para aquilo que falamos. Para Ducrot, não falamos sobre o mundo, mas para construir um mundo.

Tal mudança na concepção da linguagem alterou o modo como os fenômenos semânticos são descritos. Uma noção importante nesse novo quadro teórico é a noção de pressuposição. Se tomarmos como exemplo a sentença Maria parou de fumar, percebemos que está em jogo uma voz que afirma que Maria fumava antes. Essa é uma informação que Ducrot chama de pressuposto. Há também uma voz que afirma que Maria não fuma mais, a qual é denominada de posto.

Em decorrência dessa perspectiva de análise, essas possibilidades de leitura, as quais eram tidas como ambiguidade para a Semântica Formal, passam a ser explicadas pelo fenômeno da polissemia, ou seja, o mesmo enunciado possibilita significados distintos, porém relacionados.

3 Semântica cognitiva

Esse modelo teórico parte da hipótese de que, na investigação sobre linguagem, o significado deve ocupar o lugar central. Daí que, para os estudiosos desse campo, é a partir da construção de significados que aprendemos a lidar com a linguagem. Trata-se de um modelo recente, mas que já reúne uma quantidade considerável de pesquisadores.

A semântica cognitiva, ao contrário da semântica formal, rejeita a visão que defende a existência de apenas uma maneira objetivamente correta de associar os símbolos ao mundo. Assim, o significado não tem nenhuma relação com a correspondência linguagem-mundo. Considerando-se esse aspecto, a semântica cognitiva aproxima-se mais da semântica da enunciação do que da semântica formal.

Mas há uma diferença entre a semântica da enunciação e a semântica cognitiva, já que esta, ao contrário daquela, não acredita que a referência é constituída pela própria linguagem.

Na visão cognitiva dos estudos semânticos, o significado é natural e surge das experiências. Essa visão se sustenta no fato de que construímos significados a partir de nossas interações físicas, corpóreas, com o meio ambiente em que vivemos... Portanto, o significado não está apenas no linguístico.

Para ilustrarmos um pouco essa visão, consideremos que a criança, antes de construir significados por meio de expressões linguísticas, aprende esquemas de movimento e categorias de nível básico. Ao se movimentar várias vezes de um ponto a outro, a criança constrói um esquema que considera a existência de um ponto de partida e um ponto de chegada. Nesse sentido, o significado linguístico não é arbitrário. De acordo com a semântica cognitiva, são nossas ações no mundo que possibilitam a apreensão direta de esquemas imagéticos espaciais. São esses esquemas que dão significado às nossas expressões linguísticas.



O que é sentido e o que é significação para Ducrot?

“O sentido (valor semântico de um enunciado) difere, em quantidade e em natureza, da significação (valor semântico da frase). O enunciado diz muito mais do que a frase, cuja natureza é instrucional e aberta. O sentido se produz quando quando são obedecidas as indicações dadas pela significação.

A significação contém instruções dadas àqueles que irão interpretar o enunciado da frase. Essas instruções não devem ser confundidas com o sentido literal, pois dizem somente o que deve ser feito para descobrir o sentido, que é particular cada vez que uma frase é enunciada. Ex.: no enunciado ‘a reunião foi um sucesso: Pedro veio e até mesmo Paulo’, a significação de ‘até mesmo’ fornece a instrução para se interpretar esse enunciado.”

FLORES. V. N. et al. **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.



Mãos à obra

1. Por que, para a semântica, um dos problemas enfrentados relaciona-se ao seu objeto de estudo?
2. Explique o uso do adjetivo formal para denominar a primeira corrente dos estudos semânticos.
3. O que afasta e o que aproxima a semântica da enunciação da semântica cognitiva.

Um passo a mais



ILARI, R.; GERALDI, J. W. **Semântica**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios)

O livro, destinado aos leitores que se iniciam nos estudos semânticos, trata do problema do significado, com enfoque nas diversas correntes da semântica.

Já sei!



Nesta aula, tivemos uma visão geral do campo de estudos linguísticos denominado Semântica. No geral, atribui-se a essa área a tarefa de descrever o significado de palavras e sentenças. Entretanto, essa tarefa enfrenta uma dificuldade: a definição do objeto de estudo. A falta de consenso em relação à concepção de significado fez com que surgissem visões distintas de se olhar esse objeto: a semântica formal, a semântica da enunciação e a semântica cognitiva. Na primeira visão, o significado é considerado apenas em relação a seus aspectos objetivos, verificáveis dentro da própria língua. Para a segunda, o significado não é independente do mundo nem da história. Para a última, o significado surge da experiência que temos com as coisas do mundo.



Autoavaliação

Leia a seguinte afirmação:

“Uma das características que empobrecem o ensino médio da língua materna é a pouca atenção reservada ao estudo da significação. O tempo dedicado a esse tema é insignificante, comparado àquele que se gasta com ‘problemas’ como a ortografia, a acentuação, a assimilação de regras gramaticais de concordância e de regência, e tantos outros que deveriam dar aos alunos um verniz de ‘usuário culto da língua’.

(ILARI, R. **Introdução à semântica: brincando com a gramática**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 11).

Com base na afirmação acima, converse com professores de língua materna do ensino médio sobre como são trabalhadas questões que envolvem a significação. De posse do resultado dessa conversa, reflita sobre a afirmação de Ilari, verificando se é possível comprová-la ou não.



Referências

LYONS, J. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.



Licenciatura em Espanhol



LINGÜÍSTICA I

Ailton Dantas de Lima

Aula

17

**A linguística textual:
a perspectiva do texto**





Aula 17

A linguística textual: a perspectiva do texto

Apresentação e Objetivos



Na aula anterior, apresentamos os princípios gerais que norteiam os estudos semânticos. A principal dificuldade nessa área reside na natureza do objeto de estudo. A visão geral que atribui à semântica a tarefa de descrever o significado esbarra na própria concepção do que vem a ser esse significado. Nesse sentido, os estudos semânticos tomaram três direcionamentos distintos: a semântica formal, a semântica da enunciação e a semântica cognitiva. Cada uma dessas tendências lançou um olhar distinto sobre a noção de significado.

A partir desta aula, o foco da investigação linguística apresentada tomará um rumo diferente. Desde a apresentação dos estudos fonológicos até chegarmos aos estudos semânticos, a unidade de análise variou do fonema à frase. Agora, nosso objetivo é tomar contato com visões teóricas cujas análises pretendem ultrapassar esse limite e chegar ao texto.



Para começar

Para começo de conversa, é necessário observar que, hoje, dentro dos estudos da linguagem, é inquestionável a necessidade de se tomar o texto como unidade de análise nas investigações. E isso, antes de ser considerado óbvio, foi resultado de um longo percurso.

Os estudos sobre o texto são o resultado de um esforço teórico o qual se volta para a constituição de um outro campo que se opõe à concepção estruturalista de língua herdado da visão saussureana. Nessa nova perspectiva, procura-se ir além dos limites da frase e incluir elementos como o sujeito e a situação de comunicação, excluídos dos estudos estruturalistas os quais, como já vimos, consideram a língua como sistema e como código, com função exclusiva de informar.

No Brasil, nomes como Ingedore Koch e Luiz Antônio Marcuschi foram responsáveis por apresentar estudos de diversos autores, da Europa e dos Estados Unidos, que propunham o texto como unidade legítima dos estudos linguísticos e promoviam uma mudança marcante no modo de tratar as reflexões sobre a língua.

Para Marcuschi, a constituição desse novo campo, a Linguística do Texto, não ocorreu de forma homogênea, uma vez que se deu de forma independente, com propostas teóricas diversas, em vários países. No entanto, de uma maneira geral, é possível distinguir três momentos marcados por questões teóricas diversas: a análise transfrástica, a construção de gramáticas textuais e elaboração de uma teoria do texto.



a) a análise transfrástica

Este momento é marcado pela passagem da frase para o texto como unidade de análise. Essa nova preocupação resultou da constatação

da existência de fenômenos impossíveis de serem explicados apenas ao nível da frase, como propunham as teorias sintáticas e semânticas. Agora, eram as relações entre as frases e os períodos que passavam a interessar. Um exemplo dessa nova preocupação é o fenômeno da co-referenciação, o qual ultrapassa a fronteira da frase e só pode ser mais bem compreendido no interior do texto. Vejamos o exemplo:

José foi para casa. Ele está febril.

Ao se adotar a perspectiva dos estudos textuais nesse exemplo, deve-se olhar o uso do pronome pessoal *ele* de uma maneira diferente. Não se trata de ver aí simplesmente uma função de substituição. Ao empregar esse pronome, o produtor da frase fornece ao leitor instruções para que se estabeleça conexão entre a predicação *está febril* e o sujeito do primeiro período. Ao fazer esse movimento, o leitor constrói uma imagem do referente (*José*).

Partindo de investigações dessa natureza é que estudiosos desenvolveram a linha de pesquisa *análise transfrástica*. Outros fenômenos também foram objeto de investigação dessa linha de pesquisa, tais como a pronominalização, o uso dos artigos definidos e indefinidos e a relação entre os tempos verbais.

b) elaboração de gramáticas textuais

A linha de investigação que ultrapassou o limite da frase, em um determinado momento, começou a se deparar com situações mais complexas. Pesquisadores começaram a se perguntar como se dava a relação entre orações sem a presença explícita de um elemento de conexão, como nos casos a seguir:

1. *Não fui à aula hoje: consegui pegar a matéria de um amigo.*
2. *Não fui à aula hoje: estava febril.*
3. *Não fui à aula hoje: terei dificuldades de aprendizagem.*

Mesmo não havendo a presença de um elemento de conexão entre o primeiro e o segundo enunciado, sabemos que em (1) há uma relação adversativa que poderia ser representada pelo conector *mas*. Seguindo esse mesmo raciocínio, percebemos que em (2) há uma relação explicativa a ser representada, por exemplo, pelo conector *porque*; e em (3) há uma relação conclusiva a ser representada, por exemplo, pelo conector *portanto*.

Nesses exemplos, pelo fato de o conector não estar presente,

caberá ao leitor construir o sentido global da sequência de orações. Entra em cena, então, não mais o elemento co-referenciador, mas a intuição do falante sobre as relações entre as sentenças da língua. Esse fato levou os pesquisadores a construírem outra linha de pesquisa que não considerasse o texto apenas como um conjunto de significados produzidos pelas frases que o constituem. Houve, assim, a necessidade de criação de uma *gramática textual*.

Mesmo diante desse avanço, é preciso ressaltar que as primeiras gramáticas textuais tentavam apresentar o texto, agora objeto da linguística, como um sistema uniforme, estável e abstrato. Mas é inegável a preocupação dos diferentes autores dessas gramáticas em refletir sobre fenômenos linguísticos que não encontram explicação se a análise não transcender o limite da frase.

Podem-se destacar algumas concepções comuns entre esses autores:

1. Não há uma continuidade entre frase e texto. Entre eles a diferença é de ordem qualitativa e não quantitativa.
2. O texto é a unidade linguística mais elevada. Através dessa unidade é possível, por meio da segmentação, chegar a unidades menores, considerando, é claro, a função textual de cada elemento individualmente.
3. Todo falante nativo possui um conhecimento acerca do que seja um texto, ou seja, todo falante sabe diferenciar quando um conjunto de enunciados é um texto ou apenas um amontoado aleatório de palavras.

Diante disso, foram enumeradas as três capacidades textuais básicas do falante:

1. capacidade formativa – o falante é capaz não só de produzir e compreender um grande número de textos inéditos como também de avaliá-los quanto à boa ou má formação;
2. capacidade transformativa – o falante é capaz de reformular, parafrasear e resumir um texto dado;
3. capacidade qualificativa – o falante é capaz de enquadrar um texto dado em um determinado tipo (se é narração, descrição, argumentação...).

As habilidades acima elencadas são denominadas de competência textual. Então, se todos os usuários da língua apresentam essas habilidades, justifica-se a existência de uma gramática textual

que, segundo os estudiosos teria as seguintes tarefas:

1. verificar o que faz um texto ser considerado um texto;
2. levantar critérios para a delimitação de textos;
3. diferenciar as várias espécies de textos.

c) teoria do texto

O projeto de se construir uma gramática do texto mostrou-se por demais ambicioso, uma vez que várias das questões propostas não puderam ser realizadas. Isso se deu pela impossibilidade de construção de um modelo teórico que tratasse de forma homogênea os fenômenos a serem pesquisados. Os teóricos, então, começaram a abandonar a ideia de dar um tratamento formal ao objeto texto e partiram para a elaboração de uma teoria do texto que, ao invés de preocupar-se em descrever as competências textuais dos falantes, propôs investigar a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos em uso, ou seja, o texto seria estudado considerando-se, também, o conjunto de condições externas de produção, recepção e interpretação.



Atenção!

“Não deixa de ser um truísmo afirmar que a Linguística Textual é o ramo da linguística que toma o texto como objeto de estudo. No entanto, todo o desenvolvimento desse ramo da Linguística vem girando em torno das diferentes concepções de texto que ela tem abrigado durante seu percurso, o que acarretou diferenças bastante significativas entre uma e outra etapas de sua evolução.”

(KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004)

Mãos à obra



1. Estabeleça a distinção entre os três momentos marcantes dos estudos de texto.

2. O que é competência textual?

3. Por que a análise transfrástica não deu conta dos estudos textuais?

4. Como você percebe a contribuição da linguística textual para o ensino de línguas?

Um passo a mais



KOCH, I. G. V. Introdução à linguística textual. São Paulo: Martins Fontes, 2004

O livro traça a trajetória da Linguística Textual desde sua origem até nossos dias, bem como assinala as mudanças de rumo que sofreu durante esse percurso, encaminhando-a para o estágio em que atualmente se encontra.

Já sei!



Nesta aula, entramos em contato com um momento dos estudos linguísticos considerado como uma verdadeira guinada na maneira de estudar a linguagem. Saiu-se do limite da frase para se estudar o texto. Foi um período de várias reflexões no qual esforços teóricos foram empreendidos para dar conta desse novo objeto. Primeiramente, pensou-se numa metodologia de análise transfrástica, mas, logo em seguida, percebeu-se que havia casos em que a conexão entre as frases não estava explícita. Era preciso considerar a capacidade intuitiva do leitor e os mecanismos que possibilitariam o resgate do sentido estabelecido. Propôs-se, então, num segundo momento, uma gramática do texto. No entanto, essa gramática continuava a dar ao texto um tratamento formal e era preciso um arcabouço teórico que, além dos aspectos formais, considerasse as condições externas ao texto.



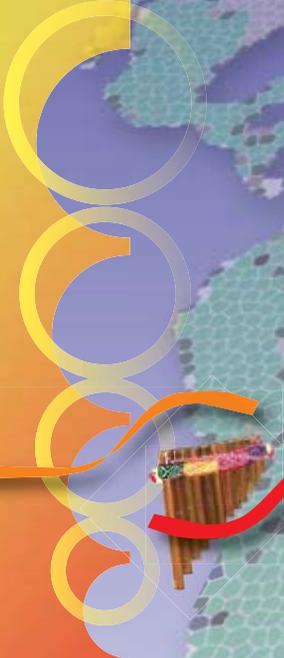
Autoavaliação

Pesquise, entre professores de língua estrangeira, sobre o trabalho com o texto nas aulas dessa disciplina. Em seguida, de posse do resultado da pesquisa, escreva um pequeno texto comentando os resultados da pesquisa.



Referências

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.



Licenciatura en Español



LINGÜÍSTICA I

Ailton Dantas de Lima

Aula

O conceito de texto 18





Apresentação e Objetivos



Na aula anterior, apresentamos a mudança que ocorreu nos estudos linguísticos diante da nova perspectiva de abordagem cujo limite foi transposto da frase para o texto. A nova área, a linguística textual, teve de atravessar várias etapas para não cair no reducionismo de mudar apenas o objeto e continuar dando-lhe um tratamento dentro de uma visão estruturalista da língua. Assim, a análise transfrástica, a gramática do texto e a elaboração de uma teoria do texto foram marcos dos avanços teóricos no tratamento desse novo objeto de estudo.

Agora, que já tivemos contato com os princípios de uma abordagem teórica que toma o texto como unidade de análise, nosso objetivo é entrar em contato com as conceituações desse objeto.

Para começar



A construção de um conceito é sempre resultado de um longo processo de reflexão. Com a conceituação de texto não foi diferente. Assim, passaremos por algumas definições de texto que predominaram em alguns momentos desse processo.



Na primeira fase de estudos do texto, a análise transfrástica, como vimos na aula anterior, e na segunda, a elaboração das gramáticas textuais, havia um crença de que o texto poderia ser definido por propriedades ligadas à forma de organização do material linguístico. O texto, nessa perspectiva, era tido como uma estrutura acabada, pronta. Stammerjohann apud Mussalim e Bentes (2003), elaborou um conceito representativo desse período:

O termo texto abrange tanto textos orais, como textos escritos que tenham como extensão mínima dois signos linguísticos, um dos quais, porém, pode ser suprido pela situação, no caso de textos de uma só palavra, como "socorro!", sendo sua extensão máxima indeterminada. (p. 253).

Trata-se, aqui, de uma definição que ressalta o aspecto material do texto quando trata, por exemplo, da extensão e dos constituintes. O texto é, então, visto como uma unidade que, mesmo teoricamente possa ser de tamanho indeterminado, é, geralmente, delimitada por um início e um final.

Sem sair ainda dessa visão formal, há definições de texto, como a de Weinrich (1971), que priorizam o conjunto de conteúdos apresentados por uma determinada produção linguística. Esse autor destaca que os textos podem ser definidos a partir de aspectos diversos:

- a. a sequência coerente e consistente de signos linguísticos;
- b. a delimitação por interrupções significativas na comunicação;
- c. o status do texto como maior unidade linguística.

Percebe-se que, mesmo considerando vários aspectos do texto, essa definição ainda se relaciona ao primeiro momento dos estudos textuais, uma vez que não aponta elementos inerentes à produção e à recepção.

Para dar conta das condições de produção e recepção de um texto, a definição não pode mais encarar esse objeto como uma estrutura acabada, mas como parte de uma estrutura global de comunicação. Dessa forma, uma definição de texto tem de considerar a sua produção como

- a) uma atividade verbal, ou seja, ao produzirmos textos, estamos

praticando ações;

b) uma atividade verbal consciente, ou seja, produzir textos é uma atividade intencional, por meio da qual o falante dá a entender seus propósitos, considerando as condições em que tal atividade é desenvolvida;

c) uma atividade interacional, ou seja, a produção e a compreensão dos textos envolvem, obrigatoriamente e de várias maneiras, os interlocutores (falante/ouvinte;escritor/leitor).

Para se compreender o texto como uma atividade interacional, é preciso explicar o que está se entendendo por interação verbal. Recorremos, então, ao pensador russo M. Bakhtin (1986, p. 113):

Na verdade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação á coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

O texto é, pois, nessa definição, resultado de um processo de interação verbal entre os interlocutores envolvidos em um evento comunicativo.

Atualmente, dentro dessa discussão acerca da conceituação de texto, destaca-se o trabalho de Ingedore Koch. A autora observa que sempre existirá à nossa disposição mais de uma definição de texto. O importante é que se escolha aquelas que mantenham certa afinidade teórica e se complementem. Nesse sentido, Koch (1997, p. 21) apresenta as seguintes definições de texto:

Poder-se-ia, assim, conceituar o texto, como uma manifestação verbal constituída de elementos lingüísticos selecionados e ordenados pelos falantes durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a depreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação

de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com as práticas socioculturais.

*Proponho que se veja a **Linguística do Texto**, mesmo que provisória e genericamente, como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais. Seu tema abrange a coesão superficial ao nível dos constituintes linguísticos, a coerência conceitual ao nível semântico e cognitivo e o sistema de pressuposições e implicações a nível pragmático da produção do sentido no plano das ações e intenções. Em suma, a **Linguística Textual** trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado, deve preservar a organização linear que é o tratamento estritamente linguístico, abordado no aspecto da coesão e, por outro lado, deve considerar a organização reticulada ou tentacular, não linear: portanto, do níveis do sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas.*



Atenção!

Concepções de texto

“ Entre as várias concepções de texto que fundamentaram os estudos da Linguística Textual, poderíamos destacar as seguintes, ressaltando, contudo, que elas se imbricam em determinados momentos:

1 texto como frase complexa ou signo linguístico mais alto na hierarquia do sistema linguístico (concepção de base gramatical);

2 texto como signo complexo (concepção de base semiótica);

3 texto como expansão tematicamente centrada de macroestruturas (concepção de base semântica);

4 texto como ato de fala complexo (concepção de base pragmática);

5 texto como discurso 'congelado', como produto acabado de uma ação discursiva (concepção de base discursiva);

6 texto como meio específico de realização da comunicação verbal (concepção de base comunicativa);

7 texto como processo que mobiliza operações e processos cognitivos (concepção de base cognitivista);

8 texto como lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional de sentidos (concepção de base sociocognitiva-interacional).”

KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Mãos à obra



1. O que caracterizou as primeiras conceituações de texto?
2. O que é interação verbal?
3. Por que o conceito de interação verbal foi importante para a atual conceituação de texto?



Um passo a mais

INDURSKY, F. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S (orgs.). **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade**. Campinas-SP: Pontes Editores, 2006. p. 33-80

Trata-se de um artigo que se propõe a examinar a noção de texto à luz de diferentes teorias e, dessa forma, dar rigor científico a essa noção muitas vezes tão confundida. Como estudioso da linguagem, é interessante que você leia os outros artigos do livro



Já sei!

Nesta aula, apresentamos algumas conceituações sobre o texto, o objeto de estudo da linguística textual. Como todo conceito é resultado de um processo de reflexão, vimos que, inicialmente, tais conceituações ficaram presas, em consonância com o pensamento que caracterizou os primeiros momentos das investigações, a aspectos formais, como a extensão, os elementos linguísticos constituintes, dentre outros. Somente com a incorporação, pelos estudos do texto, do conceito de interação verbal, é que se pode conceituar texto de uma forma que dê conta da interdependência entre o texto e os elementos envolvidos na sua produção/compreensão.

Autoavaliação



Pesquise, entre professores que trabalham com língua, qual a concepção de texto adotada por eles. Em seguida, de posse dos resultados, produza um pequeno texto comentando o resultado da pesquisa.

Referências



BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.



Licenciatura em Espanhol



LINGÜÍSTICA I

Ailton Dantas de Lima



Aula



A aquisição da linguagem 19





Apresentação e Objetivos



Na aula anterior, vimos um pouco sobre os esforços teóricos para a conceituação do texto como objeto de estudo da linguística. Das concepções iniciais que estavam atreladas a questões formais, como extensão, até chegar ao momento de considerar o processo de interação verbal com parte integrante da leitura e da produção textual, todo um percurso foi traçado. Assim, temos, hoje, um conceito de texto que não apenas abrange a materialidade linguística como também inclui elementos desse processo de interação.

Agora, terminado esse “passeio” pelos principais campos de estudos da linguística, nosso objetivo, nesta aula, é apresentar os processos de aquisição da linguagem.



Para começar

Vamos começar com uma indagação: você já parou para pensar como é possível uma criança de três anos, mesmo a que ainda não frequenta a escola, já fazer uso produtivo de uma língua? Como essa língua é apreendida? São justamente questionamentos como esses que as teorias de aquisição da linguagem procuram responder.



1. Os períodos de aquisição da linguagem

Tradicionalmente, são considerados dois períodos no desenvolvimento da atividade de linguagem: o período pré-linguístico e o linguístico propriamente dito.

O primeiro corresponde a aproximadamente os dez primeiros meses de vida. Nesse período observam-se apenas sons que se assemelham a choro, gemidos. São os vagidos da criança. Ou, então, sons secos. São os chamados estalos. Na verdade tais sons são manifestações respiratórias da criança. No terceiro mês desse primeiro período, já é possível ouvir balbúcies por meio dos quais a criança repete indefinidamente ruídos que ouve ou que produz espontaneamente. São as chamadas lalações.

O segundo período, o linguístico, inicia-se aproximadamente ao final do primeiro ano. Nessa fase, a criança já começa a manifestar uma certa compreensão de como o adulto se comporta no processo de comunicação. É no segundo ano que se constitui verdadeiramente a atividade de linguagem. Como estamos vendo, parte do processo de aquisição da linguagem é bastante rápido.

Dada a aparência simples desse processo, alguns estudos chegaram a conclusões hoje consideradas equivocadas sobre a aquisição da linguagem. Um exemplo disso foram teóricos que, partindo do fato de que toda criança, independentemente do meio linguístico no qual

se encontra, aprende espontaneamente a falar, e que crianças surdas ou que vivem com pais mudos não desenvolviam esse aprendizado, chegaram a conclusão de que a criança adquire a língua materna por simples imitação dos adultos.

Qual o caminho que os levou a tal conclusão? Para eles era simples: a criança, dentre os sons que produz espontaneamente, reconhece aqueles produzidos pelos adultos e opta a reproduzir estes. Trata-se, portanto, de uma tentativa de imitação.

Nesse sentido, a aprendizagem da língua tomava como referência teorias psicológicas comportamentais as quais se baseavam na noção de hábitos oriundos de reflexos condicionados.

No entanto, essa visão teve de ser reconsiderada diante das inovações trazidas pelos estudos linguísticos sobre a estrutura da linguagem que passavam a ser considerados pelos psicólogos. O problema agora era explicar a aquisição da possibilidade de produzir frases.

2. A aquisição da linguagem no seu aspecto auditivo-motor

Contrariando as afirmações já existentes sobre a aquisição da linguagem, análises de produções vocálicas de bebês revelaram que ao longo dos seis primeiros meses de vida as vocalizações são idênticas quer se trate de crianças surdas ou não. Os estudos revelaram serem essas vocalizações iniciais diferentes dos sons produzidos no segundo ano de vida.

Com base em descrições realizadas, é por volta do terceiro mês que aparece o controle da fonação. No entanto, ainda não há ressonância das vogais nem pausas antes de sons vocálicos. Após esse período, de forma progressiva, é começam a surgir os sons da língua. E é aqui que a voz, a entonação e parte do repertório fonético vão diferenciar a criança surda da criança com audição normal.

É preciso observar que o processo que torna possível as realizações fonéticas pelo ser humano é extremamente complexo. Basta lembrar, conforme já foi estudado em aulas anteriores, que o fonema é suscetível de ser realizado de diferentes maneiras.

3. A aquisição da linguagem no seu aspecto sintático-semântico

Na década de 20 do século passado, estudos já apontavam que as crianças cometem erros na aplicação de regras, por exemplo, na criação de verbos, o que levanta a questão sobre o que a criança aprende ou imita dos adultos. Também já se sabia que, para repetir pura e simplesmente uma frase, a criança teria de ser capaz de produzi-la espontaneamente. Dependendo do estágio do desenvolvimento infantil, essa repetição omite algumas classes de palavras. Aos dois anos, conforme pesquisas, há uma tendência em se omitirem os artigos, as preposições, os verbos auxiliares e as flexões.

Considerando-se esses aspectos da aquisição da linguagem, constatou-se que as regras de aplicação geral são as mesmas para crianças de quaisquer grupos linguísticos. Além disso, a velocidade em que ocorre a aquisição é a mesma para todas as línguas. Assim, tudo levou a se concluir que o aprendizado da linguagem é um conjunto de regras. Tentou-se, em decorrência disso, construir gramáticas infantis. Porém, iniciativas como essas receberam críticas, uma vez que não consideravam o que a criança realmente queria dizer.

A questão a ser investigada, conforme os críticos, é se há diferentes relações gramaticais para as diferentes estruturas semânticas construídas pelas crianças. O problema de saber como explicar coerentemente o progresso das diferentes fases da aquisição da linguagem permanece como objetivo a ser perseguido.

4. A relação entre desenvolvimento da linguagem e desenvolvimento do pensamento

Diante das considerações até aqui feitas acerca da aquisição da linguagem pela criança, surge outro problema: a relação entre o desenvolvimento do pensamento e da linguagem. Essa preocupação havia sido posta de lado, uma vez que os estudos da linguagem recebiam alimentar a ideia de se entender a língua como mero instrumento do pensamento.

No entanto, estudos como os de J. Piaget já mostraram como a organização do nosso pensamento está relacionada não à aquisição da linguagem em si, mas à aquisição da função simbólica. Isso foi também demonstrado por outros estudiosos os quais afirmaram sobre a existência de um pensamento simbólico em surdos-mudos. É claro

que isso não anula a relação de dependência entre função simbólica e linguagem.

Estudos outros também evidenciaram a complexidade das relações entre distúrbios de aquisição da linguagem e distúrbios de desenvolvimento intelectual, no que se refere à formação simbólica.

Há também outro ponto a ser esclarecido: a linguagem, em seu aprendizado e seu uso, implica comportamentos do tipo lógico? A questão é que se se estabelece comparação entre as etapas de desenvolvimento do pensamento lógico e as da aquisição de regras sintáticas, nota-se que nem umas nem outras são resultantes de meras cópias de modelos preestabelecidos.



Atenção!

“O termo ‘aquisição da linguagem’ é normalmente usado sem ressalvas para o processo que resulta no conhecimento da língua nativa (ou línguas nativas). É concebível que a aquisição de uma língua estrangeira, se aprendida sistematicamente na escola ou não, processasse de modo bastante diferente.”

LYONS, J. Linguagem e linguística: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987.



Mãos à obra

1. Caracterize o que foi chamado de período pré-lingüístico e período lingüístico.

2. A aparente simplicidade por meio da qual se tentou explicar o processo de aquisição da linguagem gerou alguns equívocos. Comente essa afirmação.

3. Caracterize os aspectos auditivo-motor e sintático-semântico da aquisição da linguagem.

4. Comente sobre a relação entre a linguagem e o pensamento.



Um passo a mais

SCARPA, E. M. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM & BENTES (org.) Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol.2. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

O artigo resume, de forma clara e didática, as principais discussões que permeiam os estudos sobre aquisição da linguagem.

Já sei!



Nesta aula, vimos uma discussão geral em torno das principais questões que envolvem o problema da aquisição da linguagem. Parece que o centro do debate está voltado para se desvendar como a criança elabora estruturas linguísticas. Se por mera repetição do que os adultos dizem ou por todo um processo construtivo com traços peculiares a cada etapa do desenvolvimento. Toda essa especulação arrisca a dar margem a se resgatar a estreita visão de que a linguagem reproduz fielmente o pensamento. Felizmente, já há estudos que associam a organização do pensamento à organização simbólica e não necessariamente à linguagem. Achamos que pensar sobre o processo de aquisição da linguagem é uma postura útil, principalmente para aqueles que serão futuros professores de língua, os quais poderão lidar com crianças em fase de aquisição.

Autoavaliação



Discuta com os seus colegas sobre a importância de se conhecer os processos de aquisição da linguagem para o professor de línguas.



Referências

DUCROT, O; TODOROV, T. Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem. 2ª ed. Editora Perspectiva: São Paulo, 1988.

FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à linguística. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LYONS, J. Linguagem e linguística: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987.



Licenciatura en Español



LINGÜÍSTICA I

Ailton Dantas de Lima

Aula

Linguagem e cultura **20**





Apresentação e Objetivos



Na aula anterior, discutimos um pouco sobre o processo de aquisição da linguagem. Partindo de questionamentos cotidianos que remetem ao “misterioso mundo” que envolve a aprendizagem de uma língua, passamos pela tradicional divisão que, por muito tempo, explicou as fases de aquisição da faculdade da linguagem. Vimos que tal divisão apresentava muitas limitações. Diante disso, outras pesquisas foram sendo desenvolvidas e, cada vez mais, a complexidade da questão foi sendo posta. Houve, então, a necessidade de investigar vários aspectos do problema: a aquisição relacionada ao aspecto auditivo-motor, ao aspecto sintático-semântico e à organização do pensamento.

Nesse momento do percurso, quando percebemos que a aquisição da linguagem tem ocupado muitas discussões, outro ponto, para encerrar o nosso curso — cujo propósito era entendermos os princípios básicos do fascinante mundo da linguagem verbal —, merece destaque: o nosso objetivo, agora, é discutir a relação entre a linguagem que utilizamos e a cultura na qual estamos inseridos.

Para começar



“A linguagem é criação do homem, tanto quanto a habitação, os instrumentos etc, ou as criações mentais (religião, direito etc); é, portanto, cultural. Por outro lado, a língua é transmissora de cultura, sendo essa a sua finalidade (a oração na religião, as leis no direito etc); transmite, também ordens, instruções etc. “

(www.filologia.org.br/marialuciamexias/public/linguaecultura.doc)



O que vamos entender por cultura?

Inicialmente, diante dos vários sentidos nos quais a palavra cultura é empregada, faz-se necessário um esclarecimento acerca de seus usos. Começamos pelo sentido mais corrente no senso comum: cultura como sinônimo de civilização, em oposição à barbárie. Nessa concepção, são exemplos de cultura as produções de excelência em artes, literatura, as maneiras de comportamento consideradas sofisticadas, o funcionamento exemplar de instituições sociais. Essa concepção de cultura foi, vale salientar, bastante difundida pelas ideias iluministas.

No entanto, essa visão de cultura não foi aceita como verdade única. Houve vozes discordantes. Uma das críticas era dirigida àqueles que defendiam ser a cultura europeia do século XVIII, dominada pelo modelo de pensamento e a língua franceses, o modelo de ideal de progresso da humanidade. É interessante, principalmente para as discussões desenvolvidas em nosso curso, registrar que existe, entre os estudiosos franceses, a expressão língua de cultura empregada para distinguir as línguas consideradas mais evoluídas das menos evoluídas. Sobre esse aspecto, lembremos que, como vimos em alguns momentos dos nossos estudos, para a linguística, não existe língua mais evoluída do que outra.

Nesta discussão pela qual estamos enveredando, a palavra cultura não será empregada no sentido clássico herdado dos iluministas, mas no sentido que se aproxima, por assim dizer, dos estudos antropológicos. Dessa forma, ao utilizar esse termo não estaremos estabelecendo oposição entre barbárie e civilização, tampouco fazendo apreciações valorativas referentes a determinados grupos sociais. Estaremos, pelo contrário, optando pelo sentido que veio da antropologia e penetrou em outras áreas de estudo, o qual considera que cada sociedade tem sua própria cultura, assim como diferentes subgrupos de uma mesma sociedade possuem, por assim dizer, suas próprias subculturas.

Assim, para as nossas discussões posteriores, consideraremos a cultura como um conhecimento adquirido socialmente. Todos nós, por exemplo, temos conhecimentos os quais são relacionados diretamente à sociedade da qual fazemos parte. Diante dessa concepção de cultura, é importante ressaltar que, ao nos referirmos ao conhecimento, estamos considerando tanto o conhecimento de natureza teórica quanto o de

natureza prática, não havendo superioridade de um em relação a outro. Sob essa perspectiva, a ciência é, então, parte da cultura. Por isso, ao relacionarmos a linguagem e a cultura não podemos priorizar apenas o conhecimento científico sobre a linguagem, mas considerar também outras formas de conhecimento.

Uma discussão que também cabe aqui é em torno da possibilidade de transmissão cultural ou biológica, isto é, de natureza genética, da linguagem. Lembremos que, conforme já foi discutido neste curso, o gerativismo defendia a existência de uma faculdade inata de aquisição da linguagem. Por outro lado, sabemos que o conhecimento da nossa própria língua é transmitido culturalmente. Assim, mesmo que a aquisição de uma língua seja algo inato, isso por si só não garante o conhecimento da língua, pois é necessário o fornecimento de dados que compõem essa língua pela sociedade na qual o falante está inserido. Podemos concluir, então, que a competência linguística de um indivíduo, independentemente de questões biológicas, está relacionada com a questão cultural.

A hipótese Sapir-Whorf

Um marco nas discussões sobre a relação linguagem-cultura é o pensamento que ficou conhecido entre os linguistas como hipótese Sapir-Whorf. De uma maneira geral, esse pensamento foi caracterizado por enfatizar de forma positiva a diversidade linguística e cultural. Mas não há radicalismo nessa visão, uma vez que ela não descarta a existência de características tidas como universais da linguagem. Ora ela apresenta uma visão determinista da língua, ao considerar que a linguagem determina o pensamento, ora concorda com a relatividade linguística ao considerar que não há limites para as diferenças estruturais das línguas.

É fato que ninguém hoje defende radicalmente um determinismo extremo nem uma relatividade extrema. O que se admite, na verdade, é a existência de graus diferentes de codificação de uma palavra. Algumas coisas são mais facilmente codificáveis em uma língua do que em outra.

Por exemplo, diz-se que os esquimós não têm uma palavra única para designar neve, mas várias palavras dependendo do tipo de neve. O mesmo pode se verificar na Austrália, que não apresenta apenas uma palavra para designar areia. A razão para tal fenômeno apresenta-se óbvia, uma vez que neve e areia, respectivamente, para essas sociedades, tem uma importância diária relevante na vida do esquimó e do povo aborígine australiano. Já o inglês, por exemplo, apresenta

termos específicos, snow para neve e sand para areia. Mesmo assim, um esquiador inglês pode ter interesse em diferentes tipos de neve e necessitar, também, de termos diferentes para fazer a codificação.

Percebe-se, então, que, quanto mais complexa a comunidade, menos uniformes serão as possibilidades de codificação. Assim, a correlação entre língua e cultura não pode ser feita em nível generalizante, uma vez que falantes de uma mesma língua não compartilham, necessariamente, a mesma cultura.

A hipótese Sapir-Whorf também foi investigada por estudiosos da psicologia na década de 50 do século passado. Eles observaram, por exemplo, que o fato de uma língua apresentar maior possibilidade de codificação de certa distinção de cores do que outra gera um determinado efeito na memória e na percepção.

Outro ponto que vale ressaltar é que não é verdadeiro que falantes de línguas diferentes tenham a mesma visão de mundo diante de conceitos considerados menos básicos. Uma parte considerável dos conceitos com os quais lidamos estão vinculados à cultura na qual estamos inseridos, uma vez que a compreensão de tais conceitos depende de conhecimentos transmitidos socialmente. E esse fator varia de cultura para cultura. Tomemos como exemplos conceitos como honestidade, pecado, parentesco, honra, entre outros. Trata-se de conceitos passíveis de serem melhor codificados em uma língua do que em outra.



Atenção!

Pink Floyd, Sapir-Whorf e o Arco Íris

Existe na lingüística uma famosa frase-feita chamada de hipótese Sapir-Whorf ou "relativismo lingüístico" que diz, basicamente, que o que você entende/enxerga/percebe/pensa do mundo depende de como a sua língua categoriza/divide/entende o mundo. Encontrei um exemplo legal que - pra variar - fala sobre cores:

“Em 1973, o grupo de rock britânico Pink Floyd gravou um dos discos mais célebres da sua longa carreira, intitulado *The dark side of the moon*. A capa [imagem abaixo] mostrava, contra um fundo negro, um raio de luz branca que vinha do lado esquerdo, atravessava, no centro do quadro, num prisma e saía decomposto, à direita, nas cores do arco-íris. Entre nós, brasileiros, só quem deteve um pouco o olhar se deu conta de que o espectro à direita do prisma compreendia seis cores, em vez das sete que esperaríamos. A razão muito simples para isso é que, em inglês, o arco-íris de fato só conta com seis cores: na região superior do espectro, onde temos em português o roxo e o anilado, a língua inglesa junta tudo em um só purple. Na língua bassa, falada na Libéria, o mesmo conjunto do arco-íris se divide em não mais que duas faixas, uma compreendendo o que conhecemos como cores ‘frias’ e outra, as cores ‘quentes’. Ninguém imaginaria tratar-se de diferenças nos fenômenos naturais observados, nem tampouco na acuidade visual de uns e outros povos. A estruturação do mundo em classes, ou seja, a maneira de ver é que varia, de uma cultura para outra, sem que se possa apontar quem é que está com a razão nesta história.”[1]



Pink Floyd - Dark Side of the Moon

Uma loucura, não?

(<http://filtroacademico.blogspot.com>)



Mãos à obra

1. Qual a implicação de assumirmos uma visão de cultura herdada do pensamento europeu dominante no século XVIII para as discussões sobre linguagem?
2. O que está implícito quando alguém usa a expressão língua de cultura? Comente sua resposta.
3. Com base no que foi exposto, o que devemos entender por cultura?
4. Dentro dos estudos linguísticos, como devemos entender a afirmação: a ciência é parte da cultura ?
5. Por que a competência linguística de um indivíduo não pode ser considerada uma questão meramente biológica?
6. Qual a importância da hipótese Sapir-Whorf para a compreensão da relação entre língua e cultura?



Um passo a mais

TAVARES, R. R. *Língua, cultura e ensino*. Maceió: Edufal, 2006.

O livro divulga os estudos que analisam a relação entre língua e cultura na sala de aula de língua estrangeira. Além disso, amplia a discussão sobre diálogo intercultural ao teorizar sobre as interações entre cibercultura e ensino de línguas e questões relacionadas ao contexto de organizações culturais no Brasil.



Nesta aula, vimos que a língua não pode ser valorada com base na distinção entre a mais evoluída e a menos evoluída. Para compreendermos essa visão, fez-se necessário, primeiramente, um entendimento de uma concepção de cultura que rompesse com a visão herdada dos ideais iluministas do século XVIII. Procuramos optar pelo entendimento de que cada sociedade tem sua própria cultura. E mais: dentro de uma mesma sociedade existem verdadeiras subculturas. Uma corrente de pensamento dentro dos estudos da linguagem que merece destaque nesse sentido é a hipótese Sapir-Whorf. Com ela, veio o aspecto positivo de se considerar as variedades linguísticas e culturais.

Esperamos que, como professores, ao tomarmos uma língua como objeto de ensino, consideremos a cultura na qual essa língua está inserida. Os conceitos codificados na língua espanhola, por exemplo, necessariamente não coincidem com os conceitos codificados pelo português falado no Brasil. Não esqueçamos, recordando as discussões encampadas pela sociolinguística, apresentadas em aulas anteriores, que a variedade da língua eleita como a variedade padrão, cujo ensino é tarefa da escola, também é resultado de uma valoração dada pela sociedade.

Autoavaliação



Qual a importância da relação entre língua e cultura para o ensino de uma língua estrangeira? Discuta essa questão com os seus colegas.



Referências

LYONS, J. Linguagem e linguística: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987.